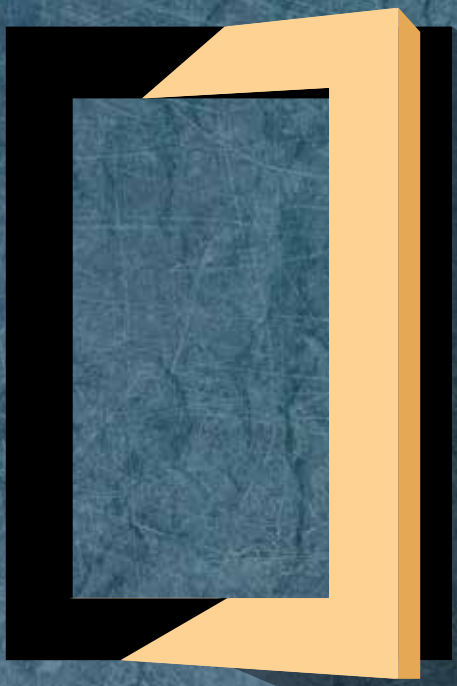
Além da Porta

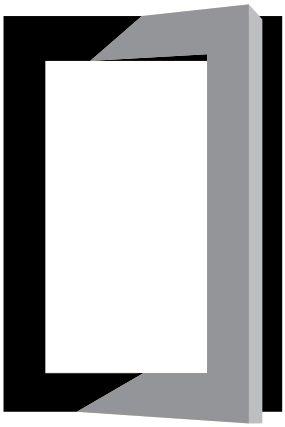


Segunda Antologia Literária

Academia de Letras
da Grande São Paulo

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Aparecido Bezerra Chaves
Ana Stoppa
Ana Cristina Silva Abreu
José Bueno Lima
Clóvis Roberto dos Santos
Humberto Domingo Pastore
José Roberto Espíndola Xavier
Alcidéa Miguel de Souza
Eva Bueno Marques
João Bosco dos Santos
Roberto de Carvalho
Gioconda Labecca
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Rinaldo Gissoni

Além da Porta



Segunda Antologia Literária

Academia de Letras da Grande São Paulo
1ª edição

Copyright@2019 – da ALGRASP

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais, e por qualquer processo, com autorização da ALGRASP

Coordenação Geral
Maria Zulema Cebrian

Revisão
M.Guaraciaba Gissoni Fenício

Secretaria e Coordenação
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração
Maria Zulema Cebrian
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Diagramação
Roberta Giotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

A634 I Antologia literária : além da porta / coord. Maria Zulema Cebrian. — 1. ed. — São Caetano do Sul : Academia de Letras da Grande São Paulo, 2019.
200 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-69661-05-4

1. Antologia literária. 2. Literatura brasileira. I. Cebrian, Maria Zulema. II. Título.

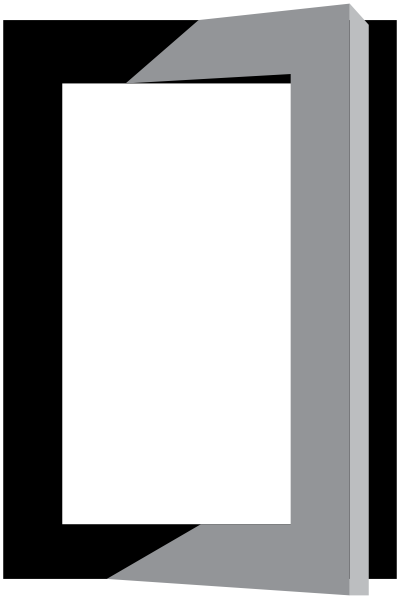
CDD B869.8

Academia de Letras da Grande São Paulo (ALGRASP)
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255 – Santa Paula
CP.: 09521-520 – São Caetano do Sul – SP.
Tel.(55) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrassp@gmail.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-69661-05-4
9 788569 661054

Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil



Pronunciamento

A Academia de Letras da Grande São Paulo supera, a cada ano, dificuldades de toda sorte; um desafio contínuo e árduo que nos permite a divulgação e o engrandecimento da literatura. A II Antologia — 2019, cujo tema é "Além da Porta" segue consolidando sua determinação primeira, o fortalecimento da importância da escrita criativa.

Nessa edição seguimos em direção ao aperfeiçoamento da integridade literária da obra de cada autor, conservando como decorrência, o melhor de nossa língua, de forma estruturada que permite absorver a sua importância. Um trabalho árduo e profundo de análises e questionamentos amplamente discutidos e definidos. Não basta apenas espontaneidade, estímulos ou vontade de realizar, é preciso antes de tudo, consciência e empenho para produzir trabalhos que acrescentem cunho literário e que nos ponham em contato com a consciência do papel de Acadêmico.

A edição anual de uma Antologia nos oferece momentos de jubilo e regozijo, restabelecendo o

interesse e desafiando a criatividade individual de cada autor. Uma exaltação fecunda e entusiasta apodera-se de todos os que dela participam apresentando-nos vertentes diferenciadas da criação.

Temos a nosso favor a ferramenta que pode transformar estes momentos de dificuldade em algo engrandecedor, repleto de magnificência.

Além da Porta, tema dessa obra, permitiu-nos explorar o inconsciente. Como artífices da vida e da morte, pudemos desenvolver nossos medos, ansiedades, frustações e realizações escondidas no recôndito de nossa existência criadora. Seremos sementeira da esperança que desperta uma extraordinária capacidade intelectual irradiando sentimentos arrebatadores.

Agradeço a cada Acadêmico que honrou com sua participação, uma vez mais, a possibilidade de realização desta obra.

Maria Zulema Cebrian
Presidente

Segunda Antologia Literária

Textos

Maria Zulema Cebrian, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 03 cujo patrono é Guilherme de Almeida. Natural de La Coruña – Espanha. Filha de Rodrigo Cebrian Perez e Mercedes Barreiro Prego de Cebrian. Cursou Pedagogia pelo Instituto de Ensino Superior Senador Fláquer - Santo André. Educação Artística pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Licenciatura Plena em Música e História da Arte. Filosofia e Letras – Diploma superior de *Español* - Universidad de Salamanca – España. Museologia pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, Serviço de Museus Históricos - São Paulo. *Marketing* pelo Instituto ABEC – *Cook de Marketing* Editorial. Poliglota. Inglês pela Cultura Inglesa — Cambridge. Espanhol pela Universidad de Salamanca. Galego como Autodidata. Publicou o romance Vontade de Ir Além e Escreva seu Livro, tendo participado de várias Antologias Literárias.

Verdades e Mentiras

Maria Zulema Cebrian

Bateu fortemente a porta de seu apartamento, precisava acalmar a raiva e aliviar a angústia e a tensão.

Como fazia muitas vezes ao chegar em casa, jogou a mochila da academia ao lado da chapeleira, herança de família. Ali estavam as bengalas que pertenceram a seu bisavô, depois ao avô, hoje apenas faziam parte da decoração. Uma fora dela, usara-a depois de um acidente de moto, gravíssimo, que sofrera ainda adolescente. Uma enorme cicatriz, seria a recordação daquele terrível momento; entretanto recusara-se a um procedimento estético.

Silvanita estava totalmente agitada e inconformada com a situação que vivenciava.

Como pudera permitir que aquilo se prolongasse tanto, era mais do que conseguia suportar. Tinha seu consultório nos Jardins, era bem-sucedida e seus pacientes lhe ocupavam todos os dias da semana das nove da manhã ao final da tarde. Estudara na escola Paulista de Medicina e especializara-se em psiquiatria forense como seu pai. Uma subespecialidade tanto da Psiquiatria como da Medicina Legal. Como ele dizia, em larga medida, desconhecida dos psiquiatras — que geralmente não entendem de leis —, e dos juristas — que quase sempre ignoram a psiquiatria—, motivo pelo qual é pouco estudada pelo rigor e metodologia cientifica. Esse, na verdade, fora o fator que a levara a optar por essa área.

Era médica, psiquiatra.

João Augusto fora seu namorado na adolescência,

frequentaram a mesma faculdade e seguiram especialidades diferentes. Ela tivera as portas abertas por seguir os passos do pai, um especialista da área. Ele viera de família menos privilegiada e, sua carreira seria o calvário de tantos médicos que querem exercer sua profissão com dignidade, tendo de enfrentar os obstáculos apresentados aos carentes de recursos financeiros ou de pessoas influentes, neste nosso País. A falta de realização profissional transformar-se-ia em uma patologia séria. Tinha crises de pânico e depressão, fatores que dificultavam, ainda mais, sua ascensão profissional. Este quadro tornou-se recorrente.

Fazia muito frio, era inverno, decidira ficar em casa. A separação a afetara de forma surpreendente, sofria e estava amargurada. Onde se perdera? Em que momento deixara a felicidade escapar? As dúvidas eram muitas, mas acima de tudo, a certeza de que fizera o possível para salvar o relacionamento. Desiludida rompera com João Augusto que nunca aceitou sua decisão. Estivera casada por quase dez anos.

Insone, extremamente agitada e sem concentração sequer para ver um filme.

Ligou o computador.

Aquele universo desconhecido e intrigante apresentava "pessoas" que se despiam de pudores, outorgavam-se títulos, diziam-se empreendedores de sucesso e, claro felizes. Parecia um presságio, e sentiu imediatamente uma explosão de eletricidade, como um imã atraindo seu corpo. A curiosidade, a raiva e os últimos acontecimentos determinaram aquele momento. Seria feliz, um atributo longínquo. Ali com a proteção do anonimato deixar-se-ia levar, mentiria, contaria verdades, apresentar-se-ia como uma bailarina jovem cheia de vida e ilusões. O anonimato seria seu cumplice, permitir-se-ia a falta de juízo.

As conversas e os encontros virtuais dariam início a uma sucessão de acontecimentos imprevisíveis, atitudes ousadas repletas de risco, de perigo. Havia iniciado uma

relação amorosa com o espaço virtual. A vida — dizia ela — não tem valor quando não temos com quem compartilhá-la. Estava envolvida demais para voltar atrás. Encontrara um *Superman* e apaixonara-se por ele.

Não se lembrava com clareza como tudo aquilo começara, nem quem clicara primeiro, agora, não tinha importância. O que acontecera naquela sala de *chat* não exprimia seu universo.

Superman, o Sol amarelo da Terra um símbolo que significa a esperança para Krypton o astro vermelho, uma diferença de frequência eletromagnética que faria com que de alguma forma as células dos corpos fossem carregadas, verdadeiras baterias vivas. Esta foi a sensação experimentada por ela. Seus poderes e habilidades sobre-humanas: podia voar... Quem não gostaria de ser a garota dele? Seria a sua *Lois Lan*, assim como ela, viveria um amor platônico. Sem chegar a uma conclusão e sem raciocinar ou pensar em consequências iniciaram uma conversa que se estendeu pela madrugada.

A carência afetiva e a solidão transformaram as longas conversas em declarações de amor e felicidade infinita. Apaixonara-se loucamente por aquele desconhecido. De maneira incrível ele tornara-se a pessoa mais importante de sua vida. Nos primeiros meses falavam-se apenas nos *chats,* mas a afinidade e a cumplicidade seria uma marca em seu relacionamento. Romperam barreiras e perderam o medo de se apresentar como eram. Deu-lhe o número de seu celular e passaram a viver uma paixão arrebatadora. Falavam-se muitas vezes ao dia. Fora o início de um grande amor. Estava dependente. Ao chegar em casa ligava o computador na esperança de receber um e-mail, a seguir a secretária eletrônica para poder ouvir sua voz. Estaria enlouquecendo?

Ambos estavam apaixonados. No entanto, Silvanita mentira, inventara um *nick name*: Guinevere, um personagem da mitologia literária por quem se apaixonara

e que também mentira. Guinevere fora rainha consorte do Rei Arthur do Ciclo Arthuriano. Nos romances medievais, é filha do rei Leodegrance de Cameliard. Em várias obras, torna-se amante de Lancelote, um dos Cavaleiros da Távola Redonda, na lenda do rei Arthur. Lancelote é comumente apresentado como o maior campeão do reino, no entanto, seu caso de amor com a rainha Guinevere pôs fim ao reino de Arthur. Porém, havia outras mentiras.

Dissera-se bailarina. E nesse momento fora surpreendida! A mentira! Ah! Mentira. Esse foi o primeiro tropeço que tivera. No mesmo instante em que lhe contava sobre sua profissão ele perguntou sobre o espetáculo que se apresentava em São Paulo. A escola do Teatro Bolshoi no Brasil! A mais tradicional escola de balé existente é a única filial do Teatro Bolshoi de Moscou no mundo, cuja missão é formar artistas da área. Havia uma apresentação dessa escola no Teatro Municipal de São Paulo. Surpreendida pelo interesse dele em balé e acometida pelo medo de ser descoberta, titubeou, faltaram-lhe argumentos, mudou de assunto.

Mentira sobre a idade! Quando *Superman* lhe dissera a sua, Silvanita assustou-se e mentiu. Tenho vinte e dois anos — disse —, embora fosse cinquentona. Não se imaginara frente a frente com ele, e Guinevere, na realidade, era uma senhora de cinquenta anos. Montou uma diligência em busca de uma foto antiga. Encontrou uma tirada aos vinte e dois anos que lhe enviou.

— E agora? — perguntava-se. Agora, o amava, como dizer-lhe a verdade? Seu *Superman* era Paulo, trinta e seis anos, engenheiro, empresário. Sedutor, Paulo percorria atalhos, uma forma especial de conseguir algo em menos tempo ou com menos esforço do que por meios normais para seduzir. Fora conquistada.

Ele também vivenciava essa inquietude e dependência. Num dos seus inumeráveis e-mails dizia: Olá princesa! Sinto sua falta. Que coisa estranha. Não suporto mais ficar

sem estar em contato com você. Sinto falta de sua voz, dos seus e-mails, de você. Fico sentado horas em frente ao computador verificando se há alguma mensagem. Sinto uma saudade enorme de algo que ainda não vivi — ao menos consciente —, no entanto, estou certo de que algo muito especial nos une, sinto isso em relação a este sentimento que está tomando conta de mim a cada dia, mais e mais...

— Será que existe alguma explicação?

E continuava; Guinevere deixando de lado toda esta loucura que inevitavelmente às vezes quebro a cabeça procurando entender, saiba e você sabe, não esqueça nunca, que você é a pessoa mais especial que apareceu até hoje na minha vida. Minha admiração por você é enorme, uma vontade louca de estar ao seu lado, de conversar até o dia amanhecer — um montão de coisas, assim óóó!!! Colocá-la no meu colo e olhando-a nos olhos dizer-lhe quanto tê-la conhecido me faz feliz. É muito especial para mim. Vou dormir daqui a pouco, uma vontade enorme de ligar, para dar-lhe boa noite, ouvir sua voz que me acalma, me deixa eufórico, impulsiona-me a viver. O que acontecerá conosco, é inimaginável, mas o que estamos vivendo e experimentando com este relacionamento e este sentimento, é ao mesmo tempo confuso e maravilhoso. Quero fazer parte da sua história — acho até que já faço — e sentir sua presença em minha vida. Minha linda, estou ficando um pouco poeta, não acha? Conhece esta música do Lulu Santos?: "Não existiria som, se não houvesse o silêncio; Não haveria luz, se não fosse a escuridão; A vida é mesmo assim, dia e noite, não e sim; Cada voz que canta o amor, não diz tudo o que quer dizer; Tudo que cala, fala mais alto ao coração; Silenciosamente, eu te quero com paixão; Eu te amo calado, como quem ouve uma sinfonia, de silêncio e de luz; Nós somos medo e desejo, somos feitos de silêncio e som; Tem certas coisas que eu não sei dizer".

Bem, era isso. Espero que tenha uma ótima segunda-

feira e uma ótima semana!!! Não esqueça do que lhe pedi. — Não quero ver, ou melhor, saber que esteve triste! Apesar de tudo sempre sorria! Estarei pensando em você!!! Adoro você muito!!! Você merece tudo de bom que a vida oferece. Um beijo bem molhado e demorado na sua boca... Lembre-se, quando nos encontrarmos comemoraremos com uma taça de vinho. *Superman.*

Não havia mais como prolongar essa inquietude, esse descontrole. Essa saudade do que ainda não vivenciaram. Decidiram encontrar-se. Paulo morava no Rio de Janeiro e Silvanita em São Paulo. Concordaram que havia uma necessidade premente de estarem fisicamente juntos, encontrarem-se. Marcaram a data. Silvanita preferiu ir ao seu encontro. Ainda queria manter o mistério sobre sua verdadeira existência.

Ao descer do avião, estava assustada, incerta do que aconteceria, queria encontrá-lo, mas as dúvidas eram muitas. Mentira... Receava que sua vida fosse escancarada, que sua família soubesse que ela — Dra. Silvanita, mantinha um relacionamento amoroso pela internet. Mentira; sentia-se totalmente perturbada e culpada.

E agora? A paixão a fizera vir a esse encontro para vê-lo, senti-lo e contar-lhe quem na verdade era. Como e por que fora capaz de enganá-lo. Tinha consciência da impossibilidade de levar adiante essa paixão. Fatores importantes os afastariam, a distância, as diferenças, tudo era muito grande. Era uma mulher madura, experiente, com valores estabelecidos e uma história de vida. Não tinha intensão de continuar.

Pegou sua mala e dirigiu-se para o saguão do Aeroporto do Galeão. Suas mãos transpiravam e seu coração estava totalmente descontrolado. Caminhava lentamente, assim como deve caminhar o condenado a quem foi imposta uma pena correspondente a uma infração penal e da qual fora considerado culpado. Conseguiu vislumbrar sua figura, os olhos marejados, parou, ficou estática. O medo a

paralisava. Paulo veio até ela e a abraçou.

Diante dele, nada parecia ter importância, as mentiras, os medos, as diferenças, apenas a alegria de estarem juntos. Permaneceram abraçados por muito tempo. O perfume de Paulo era inebriante e lhe perturbava os sentidos, tinha a sensação de que perderia o juízo. Sentiu-se entontecer. Seguiram abraçados por alguns minutos.

De frente um para o outro permaneceram por um átimo silenciosos vislumbrando o momento tão esperado. Olhou-a demoradamente, mexeu em seus cabelos, passou-lhe os dedos sobre a face e a boca, beijou-a sem pressa e longamente.

Silvanita era uma mulher bonita, não aparentava a idade. Tranquilizou-se. Paulo, parecendo estar diante de sua Guinevere, nada disse. Decidira viver a aventura que, no momento, era real. Nenhum impedimento para vivê-lo. Fosse o que fosse, deixaria para preocupar-se caso houvesse motivo. Como costumava dizer quando estava preocupada com algo: a cada momento sua agonia! Agora era sorver o encantamento daquele encontro. Entregou-se. Impossível desfazer o que fora feito, dito, inventado. Arrepender-se, de que adiantaria? Não era bruxa para utilizar forças naturais e perscrutar o futuro e fazer sortilégios. Seguiria em frente, se algo desse errado encontraria alternativas.

Surpreendeu-se! Paulo era diferente da foto que mandara, jovial, simpático. Estatura média, vestia-se com discrição, elegante. Descobrira que seu fascínio estava em seu irresistível carisma, na habilidade para encantar, seduzir e despertar imediatamente aprovação e simpatia.

Segurando-a pelas mãos, a afastou e disse: — Deixe-me olhá-la! Por que não me disse que era tão bonita? Aliviada — pensou — minha idade, então... não tem importância? A hora da verdade chegara. Romântica incorrigível, ainda não deslindava o sonho da realidade. Precisava contar-lhe sobre as outras mentiras.

— Paulo, preciso contar-lhe algumas coisas!

— Primeiro eu! — interrompeu ele um tanto bruscamente.

— Ah! — continuou — O vinho que lhe prometi, não encontrei.

Paulo revelou-se um grande conhecedor de vinhos.

Desatou a falar sobre seus conhecimentos revelando uma atitude prepotente. Contou-lhe o que para ela pareceu uma interminável aula de história sobre o vinho. Ela calada ouvia e aquela voz soou-lhe um tanto melíflua. De repente, ele disse:

— Hora do intervalo! E assim vamos terminando nossa aula. Próximo capítulo: trazer uma garrafa de vinho bom! Não será permitida a participação sem uma taça do melhor vinho na mão. Acredito que temos muito para aprender.

Abraçou-a fortemente.

— Preferi não arriscar com qualquer vinho, compraremos juntos. Que lhe parece?

— Combinado!

Com Paulo aprendera que felicidade se compunha de pequenos pedaços de esperança, alegrias, encontros e sortilégios. Ansiava por felicidade, convicta de que é possível amar de inúmeras maneiras. Os sonhos assim como as nuvens tomam formas maravilhosas transportando-nos a um mundo de ilusões onde as protagonistas somos nós. Da mesma maneira que podem ao mínimo sopro transformarem-se em imagens distorcidas, monstruosas que tentamos decifrar na ilusão de que somos capazes de entendê-las.

Dirigiram-se ao estacionamento. Tinham decidido que ficariam no apartamento dele que ficava no Leblon. Sentiu-se vulnerável.

— Fique tranquila, não vou abusar de você.

Naquele momento como se um raio a atingisse deu-se conta da situação inconsequente em que se encontrava. Quem era Paulo? O que sabia dele além do que lhe dissera em suas conversas e e-mails? Poderia ter mentido assim

como ela o fez. Uma sensação de insegurança e medo se apoderou de Silvanita. Imediatamente o trailer de um filme de terror e abusos se apresentou sem pedir licença recordando-lhe todas as pacientes que vieram ao seu consultório de psiquiatria e que haviam sido molestadas por homens inescrupulosos, aproveitadores e muitas vezes estupradores, que nem sempre eram desconhecidos.

Uma crise de pânico e aceleração cardíaca deram início a uma intensa sudorese delatando o sentimento de pavor que experimentava naquele momento. Seu corpo tremia e não conseguia controlar a mandíbula que fazia com que seus dentes se chocassem.

Paulo também se assustou e perguntou-lhe

— Está bem? Que acontece?

— Pare o carro — gritou, aos prantos.

— Silvanita tenha calma, logo chegaremos. Ele também transpirava.

O trânsito era habitual, como diariamente, muitos carros e ônibus percorriam a Avenida Copacabana em alta velocidade.

— Pare o carro, por favor! Implorou!

Paulo tocou-lhe a mão para acalmá-la. Silvanita a retirou. Com muito medo e num tresloucado gesto, sem reflexão ou cálculo, abriu a porta e pulou. Um ônibus que vinha em sentido contrário a atingiu violentamente.

Ali estendida no asfalto não havia mais medos pânicos ou insegurança, o coração desacelerara. Paulo jamais saberia sobre suas mentiras e ela nunca saberia se ele dissera a verdade. Apenas a morte era verdadeira.

Superman parou o carro e foi até onde estava o corpo, seus poderes haviam desaparecido, não poderia voar para salvar sua amada Lois Lan.

Maria Zulema Cebrian

Cadeira 03 — Patrono Guilherme de Almeida

Milton Bigucci, Membro da Academia e Letras da Grande São Paulo ocupa a Cadeira 05, cujo patrono é Lima Barreto. Nascido no Bairro do Ipiranga — São Paulo, em 19 de dezembro de 1941. É autor de centenas de artigos publicados na mídia e seis livros editados: Caminhos para o Desenvolvimento; Somos Todos Responsáveis — Crônicas de um Brasil Carente; Construindo uma Sociedade Mais Justa; Em Busca da Justiça Social; 50 Anos de Construção e 7 Décadas de Futebol. Sempre esteve ligado ao setor de construção civil, onde atua desde 1961. Em 1983 fundou sua própria empresa, a construtora MBigucci: uma empresa familiar e profissionalizada, com sede em São Bernardo do Campo. Reconhecida por duas vezes consecutivas (2014 e 2015) como a Melhor Construtora de Capital Fechado do Brasil

Solidariedade

Milton Bigucci

O nosso mundo é o que nos rodeia, família, familiares, amigos de trabalho, amigos sociais, do esporte e conhecidos. É com eles a nossa vida. É com eles que convivemos.

Mas será que o mundo é só isso? Não há mais nada? Ninguém?

Com certeza há, e muito! O ser humano deve viver irmanamente com o mundo, sem desprezar o próximo, buscando fazer o bem. Temos espaço para tudo e para todos.

Lá fora, há um mundo diferente, que nos impele a raciocinar, a comparar e a cobrar de nós mesmos e da sociedade.

Há muito a ser feito não só no nosso lar, mas além dele. A cada minuto aprendemos com o mundo interno e o externo. Se você for velho, saiba que terá menos tempo para viver do que viveu até hoje. Procure amar e transmitir amor. Nunca espere ter tempo para servir.

Se pudermos ajudar as pessoas temos que fazê-lo, sem perder o equilíbrio. Primeiro os de casa, depois nossos semelhantes.

Lembro-me sempre que, no início da vida de casado, resolvi fundar um orfanato em São Bernardo do Campo. Sonho antigo. Minha mulher e eu nos dedicamos tão forte, que já estávamos nos esquecendo de cuidar de nossa família. Eram dezenas de crianças órfãs. Entusiasmamo-nos tanto em cuidar delas que nossos filhos começaram a sentir nosso distanciamento. Todo dia tínhamos o que fazer para os órfãos e, consequentemente, começamos a ficar um pouco longe dos nossos filhos. Eles sentiram, com razão. Dedicávamo-nos tanto que um dia minha mãe e minha sogra disseram: *primeiro os de casa, depois os outros*. Nunca mais nos esquecemos disso. Foi uma ótima lição, espetacular e construtiva.

Querendo há tempo para tudo. Hoje, continuamos a cuidar da família e a atender às dezenas de crianças. Trata-se de uma obra de caráter social educativo que fundamos, em

outubro de 1981, em São Bernardo do Campo, chamada Lar Escola Pequeno Leão. É destinada a crianças e adolescentes em situação de risco pessoal ou social, visando colocá-los no caminho do bem, na escola e no trabalho. São atendidas cerca de 60 crianças atualmente, mas por lá já passaram mais de mil.

Sempre que possível, agregamos novas pessoas à essa causa. Hoje o Lar Pequeno Leão (nome atual) tem uma administração independente e voluntária. Meu filho, Milton Bigucci Junior, continuou o legado e é um dos diretores voluntários. Nossos colaboradores da MBigucci também estão envolvidos e costumam participar das ações beneficentes da entidade, que divulgamos internamente. Minha filha, Roberta, uma vez por ano, promove uma grande campanha de arrecadação de agasalhos e cobertores para a entidade.

Dá para fazer tudo, é só querer. Há muito mais gente que precisa de nós, do que nós delas. Essa atitude faz bem para aqueles que necessitam e para a nossa alma.

Trabalhe e estude muito, porém a vida não é só isso. Divirta-se bastante também e compartilhe com sua família e seus amigos.

Sempre que puder, pregue o bem. O mundo precisa. As pessoas devem ser impelidas a ajudar o próximo, olhar para a frente.

Feliz aquele que pratica o bem. Só os indiferentes não enxergam isso. As portas se abrem cada vez mais quando se o faz. Nunca espere a recompensa. Ela vem quando menos se espera de outra forma, por outro meio e com resultados que muitos te dirão: *você tem muita sorte*.

Sorte não existe, existe merecimento. Pratique o bem sempre sem esperar recompensa. Ela vem sem você esperar e quando Deus quiser. Nunca perca a fé. Assim penso. Assim ajo.

Se ajudar os outros a encontrar a felicidade você também atingirá a sua. Terá alcançado seu objetivo.

Quanto mais velho você for, mais importante serão os seus amigos. Fale, brinque e saia com eles. As amizades perduram como o bom vinho. Só existe uma coisa melhor que fazer novos amigos: conservar os velhos. Prepare-se para levar consigo apenas aquilo que você tem no coração. Os bens materiais ficam.

Abra a porta e aproveite o tempo que lhe resta. Use-o. Não seja velho, seja idoso. Viva intensamente. Não desanime.

Meu projeto de vida é dedicar-me às boas causas trabalhando em prol de projetos sociais, ou seja, sair do meu cotidiano. As pessoas que não são do nosso convívio também nos ensinam sempre. Aprendemos no dia a dia, inclusive com os mais humildes. Não gosto de gente orgulhosa, *nariz empinado*. Detesto ficar dentro de um casulo. Prefiro sempre estar perto de pessoas otimistas e alegres. Nunca desanime. Seja autêntico e transparente.

Quando participo de entidades, e são várias, sinto que estou agregando e sendo agregado. Cobro de mim o que cobro dos outros: responsabilidade, seriedade, respeito e, se possível, estar sempre alegre, pois a alegria e o sorriso transmitem o bem.

Em nossa Empresa temos um projeto social desde 2004, o Big Riso MBigucci; que é composto por um grupo de colaboradores que se transformam em palhaços voluntários para animar crianças com câncer nos hospitais e ambulatórios públicos da Região do ABC e capital de São Paulo. Os voluntários também participam de várias ações sociais. Tudo gratuitamente, graças a Deus, pois é assim que deve ser.

Nenhum obstáculo é grande demais quando confiamos em Deus. Seja para os seus e para os distantes um exemplo a ser seguido, com amor, família, amigos e muito trabalho.

A felicidade é estar com Deus, com a família e com os amigos.

Perdoe sempre, pois a mágoa produz tristeza e a irritação intoxica.

A vida é muito curta para desperdiçá-la odiando alguém. Um dia bonito nem sempre é um dia de sol, mas com certeza é um dia de paz.

A vida sem amor não tem sentido. Viva, ame, faça sua parte!

Milton Bigucci
Cadeira 05 — Patrono Lima Barreto

André Chaves, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 06 cujo patrono é Machado de Assis. Bacharel, Licenciado, Mestre em História Social e Doutorando em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. Possui Pós-Graduação Lato Sensu em Ética e Filosofia Política, Teoria da História, História e Literatura pela mesma instituição. MBA em Gestão de Academia de Ginástica pelo Centro Universitário Internacional.

Publicou a Revista da Faculdade Livre de Direito da Cidade do Rio de Janeiro — Uma Proposta para a Identidade Jurídica Brasileira. As relações de Trabalho no Brasil — História e Reflexões, entre outros. Autor dos livros: Cem Primeiros Poemas; Lençóis que Exalam Poemas de Amor; Dez Anos Depois...; O Encontro do Leitor com o Livro; Contos Natalinos — Tempos de São Caetano; Isaac Schutemberg e os Segredos da Ditadura Militar Isaac Schutemberg e os Segredos do Nazismo.

Esconderijo sombrio da decepção e da felicidade

André A. B. Chaves

O relógio, tão antigo quanto elegante, ocupava lugar de destaque no alto da parede lateral. Caligráficas, as iniciais *A* e *H* apareciam no centro do pêndulo que se lançava de um lado a outro, em perfeita sinergia, inaudível com os ponteiros dourados. Intuitivo, desceu os olhos em preciso momento para criar a oportunidade de saciar-se com os prazeres do café expresso da pequena máquina.

Escondido em pequenas cápsulas descartáveis, o pó logo se tornaria a bebida mais saborosa e seu aroma dominador no ambiente, na rapidez resultante da mais nova tecnologia. Peça de design arrojado, em ares de prontidão sobre a prateleira meticulosamente organizada com os acessórios que completavam o conjunto: saches de açúcar e adoçante, pequenas hastes plásticas descartáveis para misturá-los a gosto. Estava próxima, simples gestos e conseguiria singular relaxamento pelo paladar.

Terça-feira tranquila, dia monótono. Faltava inserir informações no relatório que descrevia mais alguns detalhes da patologia mental do paciente que há pouco deixara o consultório. Voltou os olhos para o que anotara na caderneta. Transformava as letras ilegíveis para quaisquer outros leitores, em longas frases digitadas habilmente no notebook, cujos arquivos

zelavam pela privacidade daqueles que o procuravam para enfrentar os problemas de origem não fisiológica que carregavam.

O silêncio era traço que tornava a decoração harmônica: a cadeira em couro e encosto alto onde se sentava era o centro do poder que seu conhecimento lhe proporcionava, legitimado por diplomas enquadrados fixados atrás dele; a mesa era um vidro fosco que descansava sobre dois cavaletes de madeira nobre; diante dele, duas poltronas modelo Barcelona mantinham em distância cautelosa os potenciais pacientes nas entrevistas preliminares; pinturas originais em molduras suntuosas ofereciam vida às demais paredes descoradas; uma estante vazada, repleta de livros técnicos e objetos que representavam símbolos religiosos separava essa recepção do espaço onde o divã permanecia irrequieto e outra elegante poltrona o observava.

Sem marcar horário com antecedência, era mínima a possibilidade de ser atendido pelo Doutor Victor. No quarto decênio da vida, homem alto e magro, vestia-se com elegância, preferia terno de corte inglês, combinava com a maturidade confirmada na beleza que trazia os primeiros fios brancos na cabeleira castanha.

Foram incontáveis consultas, cursos, leituras, palestras, livros publicados, consultorias, o mundo da psicanálise precisava de um profissional com suas credenciais. Enquanto os pacientes que encontravam alta se tornavam espelhos de sua eficiência, realizava frequentes estudos que faziam a ciência do espírito evoluir conforme a dinâmica que a sociedade impõe aos indivíduos e os faz sofrer.

Valorizava o dinheiro — importante meio para as realizações materiais da vida — considerava-o objetivo maior do exercício profissional. Quase a to-

talidade de seus clientes procedia de famílias cujos recursos financeiros eram suficientes para saldar as sessões que tinham preços além do teto sugerido pelo Conselho Regional, amplamente divulgado pela Internet.

O sucesso profissional fornecia condição econômica capaz de constituir numerosa família acalentada em conforto. Optou por não se casar ou ter filhos, desejava manter a convivência apenas com namoradas, sempre mulheres inteligentes, agradáveis e carinhosas. Mesmo que nutrissem forte atração física pelo homem, permaneciam no relacionamento até perceberem que não seria com ele que realizariam o sonho da gravidez.

Nesse ponto da vida, roupas caras, assessórios reluzentes, rotina cultural, lugares exóticos pelo mundo para visitar em fins de semana prolongados, reconhecimento entre os pares de profissão e casos interessantes mantinham sua motivação viva e ativa. Nesse último componente se inseriu o inusitado.

Como sino manual de templo religioso, o toque agudo e seco da campainha elétrica perturbou sua concentração. A próxima cliente, excêntrica senhora dos altos círculos paulistanos, acometida pelo assombro do empobrecimento e pelo suposto desprezo do marido — cônjuge por mais de vinte anos — levaria ainda quarenta minutos para chegar.

Sentiu ameaçada a salvaguarda do consultório. Um pensamento maligno tentou mantê-lo sentado, preso à ocupação; a curiosidade o fez abandoná-la. Esqueceu o café. Ergueu-se, achegou-se à porta para identificar o possível inconveniente através do olho mágico. Foi em um segundo que reconheceu um segurança daquele prédio comercial: Seu Téo.

Displicência do cientista, tentou adivinhar o que levaria tranquilo e experiente funcionário a procurar

ajuda psicanalítica; descartou que fosse o doente, talvez a circunstância de um desequilibrado qualquer ao tentar entrar no edifício para chegar ao consultório sem se identificar ou simples mensagem do síndico. Logo voltou ao temperamento metódico, postou-se ao encher o peito de ar enquanto tornava eretas as costas; abriu a fechadura da porta com dois giros controlados na chave.

— Em que posso ajudá-lo, Seu Téo? Entoou voz que somente autoridades usam.

O sujeito procurou com os olhos as palavras com as quais poderia deixar claro o pedido de socorro; face rubra, em gagueira iniciou a exposição:

— Perdoe o incômodo que causo ao senhor, Doutor Victor. — Simples frase acompanhada por movimentos das mãos: apertavam-se e lançavam-se desordenadamente no ar.

O psicanalista percebeu a misteriosa aflição. O segurança continuou. — Gostaria de saber se o senhor poderia me ajudar...

O psicanalista manteve científica frieza. — Como o senhor espera que eu o ajude?

Continuou com receio de ser ridicularizado.

— Sou um homem temente a Deus, doutor. Como qualquer outro crente, sei que Ele testa muitas vezes a fé — provações de toda natureza...

O segurança falava dos momentos de doença, o perigo da violência nas ruas, o risco de se perder o emprego, em cada história a providência divina se manifestava ao colocar alguém a auxiliá-lo. Ele pronunciou repetidas vezes a palavra *sonho*. Estava perdida entre nomes de profetas, passagens bíblicas, mensagens divinas. Tornou-se uma pista concreta para o psicanalista encontrar o foco do problema.

Manteve-se em silêncio para ponderações*: "Nunca participei como voluntário de programas de trata-*

mento gratuito de pessoas pouco endinheiradas, que tipo de ajuda esse homem espera de mim?" Depois de algumas piscadas: "*Seria um caso interessante a ser desvendado e se tornar um artigo científico para a ciência psicanalítica?"*

Aproveitou uma pausa do segurança para convidá-lo.

— Seu Téo, por que não entra um pouco e me apresenta mais detalhes do que lhe aflige? Em gesto de cortesia, estendeu a mão em direção à recepção.

— Não tenho muito tempo, estou usando a meia-hora do lanche da tarde para lhe falar. Tentou recusar o convite, encabulado que estava. Mesmo tímido seguiu a orientação, entrou e sentando-se na ponta da poltrona barcelona, esperou o psicanalista ainda em intensidade nervosa.

Doutor Victor trancou a porta por reflexo, sentou-se com calma, estendeu o dedo para pedir um punhado de calma, precisava salvar o que escrevera no computador e indicar com risco firme de caneta onde parara na caderneta. Outro gesto com o dedo e o segurança recomeçou:

— Na história bíblica do livro Gênesis, os sonhos de José do Egito eram previsões, através deles tornou-se conselheiro do faraó, mas também o demônio teve coragem de tentar o próprio Jesus! — Uma pausa triste, baixou a cabeça e confessou. — Não sei o motivo pelo qual Deus ou o coisa ruim me escolheu para prever o futuro.

Seu Téo calou-se, manteve baixa a cabeça.

— O senhor acredita que Deus ou o Diabo está lhe concedendo revelações?

— É o que parece — quase a chorar — castigo ou tentação, embora não saiba o porquê disso. Procurei me recordar o pecado causador dessa pena ou a fraqueza responsável por essa provocação, sem nada

conseguir. Só acredito que corro o risco de ser condenado pela eternidade.

— Poderia me descrever essas revelações? — disse com serenidade e interesse o psicanalista.

— No começo não me importei, depois percebi que, noite após noite, eu sonhava com um animal. Aconteciam coisas inusitadas em cada um deles, embora nada de cenas fantásticas. Outra noite, há pouco mais de dois meses, sonhei com avestruz: eu estava só e criava o animal como cachorro de madame, dentro de casa! Conheço o bicho apenas por fotos de livros e programas de televisão, nunca me interessei em vê-lo no zoológico ou visitar fazenda criadora.

— Continue a falar, por favor. — O psicanalista começou a relacionar sonhos e animais irracionais, que agem por instinto, com a contínua presença de pessoas descontroladas que atormentam a rotina do segurança. "*Seria uma hipótese interessante*" — pensou.

— Decidi ir trabalhar a pé na manhã seguinte, distância que percorreria em quase hora e meia. Isso me fez economizar o dinheiro da condução; com ele apostei na dezena do Jogo do Bicho em banca próxima. Horas depois fui saber o resultado, deu avestruz, ganhei um pouco de dinheiro e fiquei feliz com isso. Fizesse aposta na centena ou no milhar...

Olhou fixo para o psicanalista, desejava saber se ele havia entendido a perturbação.

— Por gentileza, continue.

— Não fui claro Doutor Victor?

— O senhor pensou ser estranho ao ser humano sonhar com animal, jogar no número do bicho em loteria popular e ainda ter a sorte de ser contemplado? Levar uma soma em dinheiro para casa seria erro? Qual é o mal nisso tudo?

— Sou evangélico. Não tive coragem de perguntar

o significado do ocorrido ao pastor da igreja que frequento porque eu poderia ficar malvisto...

— Como alguém afastado da graça divina?

Esfregou o rosto com as duas mãos, alguém aflito com a situação e desesperado por preservar em segredo os acontecimentos. Depois de passá-las sobre o pouco cabelo.

— Doutor Victor, não foi apenas uma vez. Comecei a sonhar todas as noites com animais diferentes, apostar somas maiores com o dinheiro ganho no dia anterior. Dava na cabeça! Procurei outras bancas para não chamar atenção. Consegui acumular bom montante com isso, deixei-me levar pelo pecado...

— Isso continua?

— Não. As câmeras de segurança. Os donos das bancas perceberam que o mesmo homem jogava sempre e ganhava muito. Passaram a negar minhas apostas.

— A cidade de São Paulo é muito grande, Seu Téo, por que não procura bancas mais distantes para jogar?

— O senhor não sabe? Eles trocam informações, principalmente nos dias de hoje, através da Internet. Devem ter minha foto na parede, como aqueles cartazes de procurado que a polícia divulga.

— Já experimentou parar de apostar?

— Eu parei Doutor Victor, e os sonhos se tornaram pesadelo: os animais continuam a aparecer na minha mente; passaram a me atacar! Animal grande, como urso, corre atrás de mim até alcançar e matar; os pequenos vêm em bando!

— O que acontece se o senhor faz uma aposta?

— Os ataques param, os animais voltam a ser dóceis.

— Mas precisou procurar ajuda por medo dessa situação prejudicar a relação com a fé em sua igreja.

Um silêncio de consentimento. Continuou.

— É pior: acordo assustado, para cair no sono é um problema; agora, nem consigo dormir. Fico sonolento o dia inteiro, o que prejudica meu trabalho. O senhor sabe do desemprego lá fora, não posso perder um posto de trabalho no qual estou há tanto tempo!

O psicanalista compreendeu a situação. Não descartou a primeira hipótese, mas precisaria acompanhar o desenrolar dos fatos para desenvolver diagnóstico mais preciso. Intrigado, aceitou o caso.

— Creio que posso ajudar — verificou espaço na agenda. — Às sextas-feiras, dezoito horas, seria conveniente? É o único horário que tenho disponível —, não era, mas não encaixaria o pobre coitado em horários procurados pelos ricos.

— Largo meu posto às dezessete horas, para mim está ótimo Doutor. Contudo, quanto vai custar o tratamento?

— Acalme-se, não quero extorqui-lo; seu salário e o que adquiriu na jogatina não serão lesados. Cobrarei apenas um quinto do pedido aos outros clientes; prezo meu senso de justiça, mas tenho os custos do consultório.

— Entendi. Agradeço muito Doutor Victor. Quando começo as sessões?

— Próxima sexta-feira. Até lá, procure pensar em sua família, momentos bons com os amigos, enfim, coisas agradáveis antes de dormir. Isso vai ajudá-lo a relaxar a mente e evitar pesadelos.

O homem se levantou, apertou a mão do psicanalista com força, um leve sorriso esperançoso surgiu-lhe no rosto ao agradecer. O psicanalista abriu a porta para o novo paciente. Quando ele saiu, perguntou sorrateiro. — a propósito, com que animal o senhor sonhou na noite passada?

O homem virou-se com os olhos arregalados e res-

pondeu — porco. Por quê?

— Não se preocupe, mais uma informação relativa ao tratamento.

Consentindo com a cabeça o paciente se afastou.

O psicanalista trancou-se, voltou à mesa para concluir o relatório há pouco abandonado. Atendeu aos demais pacientes com a vivacidade profissional de sempre. Ao encerrar o expediente, lavou as xícaras usadas, recolheu o lixo para jogá-lo na portinhola do corredor. Depois de trancar a porta do consultório, um pensamento lhe tomou a mente: "*Por que não arriscar em uma aposta rentável no dia seguinte? Sei que atrelam seu resultado ao da Loteria Federal, mas onde ficaria a banca mais próxima?*"

A sorte começou a mostrar sua cara ao atravessar a rua e perguntar ao jornaleiro sobre a suposta banca:

— Aqui mesmo. Como estou fechando, o senhor pode fazer sua aposta amanhã a qualquer momento, até as dezessete horas.

Singelo agradecimento com a cabeça, o psicanalista chamou o transporte individual pelo aplicativo, que não demorou.

Durante a noite não se preocupou com o caso. Preparou a janta com os cuidados de sempre; degustou-a na parceria ideal: só com vinho branco seco, uma taça, suficiente, ao som de tradicional jazz band estadunidense. Deixou a cozinha impecável, colocou roupas fitness e desceu à academia do condomínio. Uma hora de esforço, suficiente para manter a forma atlética. Subiu para se banhar, separar o que vestiria no dia seguinte e ler sentado na cama, desta vez a saborear um chá.

Foi quando apagou a luz e puxou o cobertor de meia estação para cima do ombro que lhe veio a imagem de Seu Téo. Mais uma vez a imprudência, que não lhe era normal, tentou analisar o que observara

do sujeito. O que representariam os animais ao seu inconsciente, quais traumas ou recalques teriam levado a amolecer aquele homem robusto; enquanto pensava nas fortes imposições morais seguidas pelos neopentecostais, fechou os olhos e relaxou, inocente como quando criança.

Controlados movimentos o fizeram estar pronto para o trabalho em exatos cinquenta minutos. Dessa vez, preferiu caminhar até o consultório, mas antes, parou para fazer a aposta.

— O senhor terá que me dizer como faço a aposta!

— Mais simples impossível, o senhor decide a quantia, escolhe um número entre os que formam o grupo do bicho. É só.

— Uma dezena?

— É mais fácil de ganhar; mas, temos também jogos na centena e no milhar.

— E a aposta é atrelada aos resultados do sorteio da Loteria Federal?

— Escolha um número de cinco dígitos e ganha a partir da dezena, se acertar os cinco números será sorte grande!

— Paga quanto?

— Prêmio completo, aproximadamente vinte para um. Apresentou a cartela com os grupos dos bichos.

Aceitou. Tirou uma nota de cem e entregou ao jornaleiro; disse um número qualquer de cinco dígitos, mas os dois últimos eram do grupo do porco.

— Passe amanhã para ver o resultado! Obrigado.

O dia transcorreu dentro do esperado com exercício profissional suficiente para agradar os pacientes. Porém, em intervalos irregulares de tempo, descargas incomuns de ansiedade lhe tomaram os pensamentos e causaram pequenas fissuras no raciocínio lógico e metódico de cientista experiente. Nada difícil de corrigir tal sua habilidade em autossugestão.

Findo o expediente, a agenda lhe mostrou que havia combinado se encontrar com a namorada para jantar romântico a fim de comemorar o sexto mês de afeto íntimo. Memória astuta provou que as lembranças mais firmes se envolviam com o trabalho enquanto seus relacionamentos eram complemento, repletos de sentimentos verdadeiros, embora mais libertino que abençoado. Ainda não tinha certeza se compareceria ao encontro ou o remarcaria, a empolgação não lhe acelerava o coração, simples mensagem pela rede social, fria e muda, modificaria completamente aquela noite.

Deixou o escritório na escuridão quando sentiu estar pronto para o exercício profissional do dia seguinte. Conferiu a tranca da porta, costume. Olhou fixamente o visor dos andares do elevador para raciocinar sobre o caso de um cliente que se queixara de medo de helicóptero — até o barulho característico lhe parecia apavorante — para disfarçar a pouca vontade de abrir conversa com outras pessoas que desenvolviam atividades naquele prédio comercial; um simples boa noite, era incômodo esforço.

Saiu do prédio em passos rápidos para evitar mais pessoas. Ao aparecer em frente à banca foi surpreendido pelo dono:

— Opa! Quer dizer que o sortudo apareceu! Diante da fisionomia de espanto do homem em terno fino, continuou — é muito estranho que alguém que confessou nunca ter jogado no bicho tenha ganhado o prêmio da Federal logo na primeira aposta, e uma bolada! Abaixou-se, pegou um envelope e o entregou. — Pode entrar aqui para conferir o valor, não é pertinente contar dinheiro aí fora.

Nota graúda atrás de nota graúda, tudo estava lá: dois mil. Colocou no bolso interno do paletó e saiu sem agradecer. Antes de se distanciar, a voz alta do

jornaleiro o fez parar e virar a cabeça para escutar:

— Caso queira fazer novas apostas, o senhor pode retornar. Dê-me preferência, nossa parceria parece ter muita sorte!

Continuou o caminhar, pediu um transporte individual pelo aplicativo. Quando o veículo chegou, conversava com a namorada, empolgada com o surpreso telefonema, mais que isso, entusiasmada pela realização da promessa do jantar romântico em restaurante fino, referência da gastronomia francesa na cidade.

A manhã seguinte estava ensolarada, a claridade traspassava a cortina branca de seu quarto. Mesmo que a noite tivesse saciado seus instintos orgânicos mais primitivos, a presença daquela mulher em seu apartamento, mesmo tolerada, lhe constrangia. Todavia, foi gentil. Preparou farto e nutritivo desjejum, levou à cama sobre uma bandeja própria para essa finalidade.

— Você não se incomodaria se eu tomasse banho, me arrumasse e fosse ao consultório? Preciso trabalhar. Ela o tranquilizou, distribuiu sorrisos, abraços, beijos e carinhos, precisou parar assim que ele se levantou. O banho o recolocou no mundo concreto, serenou sua conduta. A oportunidade de ganhar dinheiro extra no Jogo do Bicho com o novo cliente era real, proporcional ao tempo que conduziria o tratamento, quanto mais longo, mais dinheiro conseguiria. "*Como fazer para que os bicheiros não desconfiem de mim?*" — pensou no principal problema que enfrentaria. A resposta lhe surgiu rápido, a mulher que estava em sua cama.

Secretária executiva em grande empresa de tecnologia, tinha à disposição número significativo de funcionários capazes de realizar as apostas, uma ordem, uma tarefa feita. Bastava apostar às quartas-feiras, a

companhia não tinha expediente no sábado. Deveria, porém, mudar os dias das consultas do Seu Téo para as terças-feiras. Nada grave, passaria uma adolescente rebelde sem causa para outro horário.

Assim que recebeu o homem para a primeira sessão, apresentou o problema

— Seu Téo, peço desculpas desde já, mas ao anotar o horário de seu atendimento às sextas-feiras não percebi que prejudicaria minha chegada à universidade onde leciono Mentira, nunca pretendeu exercer atividade docente. Poderia comparecer às terças-feiras, mesmo horário?

Diante do psicanalista, sem alternativa para controlar seu problema que se agravava, aceitou timidamente, depois encontraria a melhor maneira de informar à esposa e filhos que não poderia estar no culto mais aguardado da semana. —Votos da Remissão dos Pecados com o Pastor Nei.

— Poderia me acompanhar? Seguiram em direção à poltrona do outro lado do consultório; apontou para o divã e sentou-se. O paciente deixou evidente que não sabia direito como se portar: sentar ou deitar naquele móvel nunca antes experimentado. — Fique à vontade, caso queira tirar os sapatos e se deitar. Peço apenas que não olhe para mim durante a sessão, fale sobre o que lhe incomoda conforme vier à mente.

Foi a primeira sessão. Nas semanas seguintes, outras se seguiram pontualmente. Em todas elas, durante as arguições do paciente, o psicanalista ficava sabendo qual animal arriscar no dia seguinte. Em variadas bancas de apostas, uma pessoa diferente o representando com somas cada vez maiores. Nunca, porém, o paciente apresentava melhoras, era como se o psicanalista se esforçasse em prolongar a condução da terapia.

— Demora assim, Doutor?

— Em psicanálise, meu caro, quanto mais tempo, mais profundo e eficaz é o tratamento.

Seu Téo acreditava nas palavras dele como quem aceita uma verdade revelada por um ente superior.

Consultas sucessivas, a conta bancária crescia, o ânimo ficava rijo. Foi o inusitado que encerrou o trato entre os dois, com um número desconhecido no smartphone. — Alô, boa tarde, Senhor Victor? — voz embargada.

— Boa tarde, com quem falo?

— Sou Arlinda, esposa de Téo. Preciso informar que meu marido sofreu um acidente, uma empilhadeira conduzida por um garoto inexperiente, que foi colocar algumas caixas em uma prateleira alta do depósito do supermercado em que trabalha, derrubou-as sobre sua cabeça.

— Tudo bem com ele? — apreensivo.

— Desmaiou. Sorte as caixas serem leves. Foi levado ao hospital do convênio médico. Informada, fui fazer-lhe companhia imediatamente. Encontrei-o lúcido, ansioso, pediu que telefonasse para o senhor. Despreocupe-se, fez radiografias e nada foi constatado; acredito que ainda hoje terá alta. Mas o médico deve determinar alguns dias de repouso. Assim que ele se sentir melhor, entra em contato com o senhor. Obrigada.

— Agradeço as satisfações e estimo melhoras.

Não foi a saúde do paciente que lhe causou desalento, mas a queda nos ganhos. Estava tão perto de conseguir comprar o carro esportivo importado pelo qual nutria desejo. Continuasse com aquele paciente lucrativo, dois, no máximo três meses e a máquina estaria em sua garagem; agora, seriam quase dois anos! A não ser que Seu Téo retornasse às sessões de psicanálise, um desaponto. Para tanto, deveria certificar-se de sua recuperação física e da incapacidade

de solver os problemas psíquicos.

Dez dias se passaram, então a campainha tocou durante a sessão de um artista transexual. Interrompê-lo seria impensável sob quaisquer outras circunstâncias, mas a expectativa venceu o rigor da própria ética profissional. Pediu um minuto, desculpas, compreensão ao paciente, que não gostou muito do comportamento do psicanalista, mas nada poderia fazer para impedi-lo.

Abriu a porta com rapidez, embora controlado.

— Seu Téo, como está? — esticou a mão com firmeza para cumprimentá-lo, no que foi correspondido com maior energia — Não sei como agradecer-lhe, Doutor Victor. Sou muito grato pelo seu esforço, mas fui curado pelo poder de Deus!

Enquanto o sorriso empolgado fez exalar satisfação no rosto do segurança, as sobrancelhas contraídas caracterizaram a imagem de dúvidas na face do psicanalista.

— Explico, o senhor já sabe do acidente. Pois bem, lembra-se que eu disse: Deus sempre coloca alguém em meu caminho para me ajudar? Entenda como Deus recompensou minha imensa fé. Consegui colocar o filho de um irmão da igreja na vaga de operador de empilhadeira; bom, honesto, respeitador, estudioso é o garoto. Passaram-se semanas com bom resultado no serviço, mas veio o acidente. Não foi culpa dele, Doutor Victor, foi do outro rapaz, que organizou errado as caixas no *pallet* de madeira. Como o senhor sabe, após o socorro logo acordei. Mas no dia seguinte, despertei tarde, depois de um sono profundo e longo. Estava tranquilo, nenhum animal perturbara meu repouso. Tive alta do hospital e nas noites seguintes, nada. No culto dominical, por incentivo de minha esposa, relatei aos presentes o meu caso e como minha fé na mão de Deus me libertou desse so-

frimento ou doença, como queira chamar. Em agradecimento pela dádiva, doei o que ganhei nas apostas à igreja. Por fim, com todo respeito, não quero mais incomodá-lo. Passar bem Doutor Vitor e muito obrigado. Precisando de algo que eu possa ajudar, é só pedir.

O psicanalista nem se preocupou em ver o homem desaparecer. Trancou a porta, ficou um momento parado, em pé.

Manteve seu raciocínio cético de cientista em torno do caso. Como uma pancada na região do crânio que cobre o córtex cerebral poderia prejudicar tão pontualmente a memória de uma pessoa? Como essa memória esmaecida poderia sanar uma patologia psíquica? A hipótese que mais lhe pareceu sensata foi a de que o fato traumatizante ou recalcado, gerador da enfermidade, havia sido completamente perdido por conta do acaso.

Passou em sua mente a ideia insensível de convidar Seu Téo para ser reavaliado, mantê-lo sob observação. Fortes impedimentos surgiram: sentindo-se bem, o paciente não encontraria mais necessidade da ajuda técnica; pior, precisaria analisar o segurança apenas com objetivo de desenvolver pesquisa científica, não haveria pagamentos pelas sessões. Doutor Victor inclinou-se a desistir, fato inédito em sua carreira.

Não fazia parte de seu universo de crenças que a fé pudesse curar um transtorno dessa natureza. Sabia que o método utilizado no caso de Seu Téo não comungava totalmente com o Código de Ética Profissional, mas sua capacidade técnica era inquestionável, deveria, portando, ser bem remunerada.

Aguçou instintiva convicção de não atender mais pessoas de classes sociais baixas, os casos estavam carregados de símbolos representativos de outras re-

alidades, estranhas ao seu cotidiano, fúteis em seu entender, relações morais repletas de pudor simplório, que desprezava o dinheiro e limitava a felicidade. Preferia atender aos ricos, ateus, individualistas, como ele, a quem a recompensa financeira era resultado de seu esforço pessoal e deveria zelar pela plenitude da vida.

Um suspiro de realização tomou-lhe a alma e retomou a consulta.

Ao abrir o notebook para novo relatório, identificou o arquivo do caso do Seu Téo no computador, deletou-o, desapareceu com o pobre sem remorso, como se o paciente nunca tivesse existido.

André A. B. Chaves
Cadeira 06 — Patrono Machado de Assis

Ana Maria Stoppa, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 09 cujo patrono é Rinaldo Gissoni. Natural de Santo André. Ítalo Brasileira, Cidadã Honorária Mauaense. Detentora de vários prêmios nacionais e internacionais. Obras publicadas: Diagnóstico; O Silêncio dos Porta-Retratos; Mosaici di Sapienza; Il Silenzio Dei Portiritratti; Acquerello Incompiuto; Vida Perene; O Rio que Era Doce; Lelé, O Navegador dos Sonhos; Rafael o Ursinho Guloso; Oração dos Bichos; Estela a Pata Bela; Fada Verbena a Defensora da Natureza; A Fada Mirabela e o Sapo Guaraci — edições em português e italiano—; Cristal a Corujinha Cantora; Caó o Cavalinho de Um Olho Só; Cacau o Cachorrinho Legal; Ronron do Bombom; A fada Soraia e Todas as Cores da Natureza; O Tatu Teotônio em Busca do Planeta Perfeito; Gigi a Joaninha Ambientalista. Entre outras.

Amor Outonal

Ana Stoppa

Senhores passageiros, informamos que o trem de número 779, com destino a Veneza Santa Lúcia, Florença Santa Maria Novela e Veneza Mestre, sairá com 20 minutos de atraso. Pedimos desculpas pelo transtorno.

As informações chegaram a Marília através do serviço de alto-falantes da estação Central de Roma, quando ela, completamente envolta nas lembranças do passado, aguardava ansiosa o sonhado passeio. Orgulhosa por viajar sozinha, exercitando a independência — algo desafiador na maturidade — sentou-se em um banco coletivo da movimentada estação e começou a passear nas ruas do ontem, relendo os escritos indeléveis do diário que carregava no coração, como todas as pessoas infalivelmente possuem.

Viu-se criança, jovem, adolescente, adulta... Quantos sonhos arquivados, esquecidos ou carregados pelos dolorosos vendavais. Quase seis décadas de vida. O tempo a ensinara a persistir, de modo que os sonhos haviam despertado vigorosos, iluminados, coloridos. Nas lembranças, a menina sonhadora jamais deixara de estender as mãos para a esperança. Desde cedo, carregava na alma a imensurável vontade de vida.

Mas o tempo...

O tempo a fizera dobrar esquinas, perder-se nos escuros becos da ilusão, encurtar viagens para o país da alegria, banhar-se em rios de pranto nas vezes em que se vira obrigada a permanecer estática e em que o

transpor qualquer porta se mostrava completamente impossível.

O outrora cotidiano agitado não lhe permitira apreciar o voo das gaivotas, pular ondas, singrar mares, vivenciar as fases da lua, experimentar o amor cantado em prosa e verso pelos poetas do universo.

Plangente dicotomia, sonhos, alma, amor, realidade, espelho cruel.

Desavisados casulos haviam libertado prematuramente as borboletas — morte.

Na mente, o bailar dos sonhos, os gritos da alma carente de amor, o coração solitário há muito calado.

Mas a menina! Ah, a menina que carregava na alma, corajosamente transpunha todas as portas! Quando a dor se fazia presente, lançava os olhos para as estrelas, imaginava-se entre elas e, na alma, carregava a certeza de que, independente do tempo, haveria de encontrar o grande amor de sua vida.

Enquanto esperava o trem, quantos pensamentos aleatórios ocupavam sua mente... os sonhos voavam feito colibris em busca do néctar das flores nas manhãs primaveris.

Conversou consigo mesma. Recordou-se da infância, da única boneca de louça, dos poucos brinquedos, mas da família unida e da fé inabalável reavivada nas missas dominicais. Lembrou-se do aniversário de 15 anos — bolo, velinha, festa, vestido? Nada disso! Acordara no dia seguinte para enfrentar uma longa fila; precisava da carteira profissional, de um emprego.

Responsável desde sempre, com pouca idade tornara-se responsável pelos pais, por assim dizer, e pelos irmãos mais novos. Na época tinha pouco mais de 11 anos de idade, uma menina que tardiamente concluíra o antigo ginásio e, mais tarde, o colegial, a universidade e a pós-graduação!

Na juventude, trabalho de sol a sol, vez ou outra

um cinema. Vida dura, dinheiro escasso, roupas precárias, um único par de sapatos, de plástico. Adolescente, via-se sem qualquer atrativo, apática, madura emocionalmente diante das adversidades da vida. Pressão, opressão, responsabilidades, solidão. Porém, a disciplina e a determinação haviam lhe garantido um cargo de liderança antes dos vinte anos de idade.

Tantos anos se passaram... estava prestes a realizar o grande sonho de conhecer a histórica Veneza, patrimônio da humanidade. Já no trem, a viagem duraria cerca de 4 horas, entregou-se e prosseguiu caminhando suavemente pelas lembranças. As tristes, prometera deixá-las nas águas de Veneza para sempre! A vida se passara com uma velocidade incrível; não podia mais perder tempo visitando o imodificável. Pela última vez... quantas recordações inundavam sua mente. Entre a saudade e a angústia, viu desfilar imagens, situações do cotidiano, o galgar dos degraus na esfera profissional, as pessoas queridas que um dia se foram. Perdera a conta...

A casa sem chuveiro, o alimento contado, os dias invernais suportados com as poucas cobertas, a sensação de estar sozinha no mundo, a responsabilidade na mais tenra idade; de filha tornara-se mãe dos pais e dos irmãos.

O que imaginara ser o grande amor da vida, conhecera casualmente em uma estação. Falante, como era desde a tenra idade, viu-se conversando com o rapaz enquanto esperavam o trem. O bom gosto para se vestir, mesmo possuindo poucas trocas de roupas, havia herdado da mãe. Amante das artes, sentiu-se feliz quando o jovem se dispôs a dar-lhe aulas de pintura. Uma única tela, jamais acabada. O desenho da silhueta de perfil, inserida em uma estrela estilizada, com listras multicoloridas e fundo preto, acompanhou-a por mais de três décadas.

Não sabia que fim levara. Teimoso desfilar das lembranças, muitas delas dolorosas!

Quantas portas deixara de transpor, impedida pela ferrenha sociedade. Enfrentara a família na época em que os pais se achavam no direito de sentenciar a vida pessoal dos filhos, reprovando a bel prazer as pessoas sem ao menos conhecê-las.

Casamento, filhos, carreira, estudos. Reconhecimento profissional, sentimentos perdidos na tela inacabada da vida. Perdera-se de si mesma — talvez. Conquistas materiais, fim de relacionamento, perdas afetivas.

Até que o correr dos anos, na corda bamba do fio que os sustentava, a fez enxergar no tempo perdido cuidando de tudo e de todos, menos de si. Gradativamente habituara-se à solidão, ao telefone mudo, às ausências cada vez maiores.

— Por que penso em isso tudo agora, neste momento especial em que tantas voltas deu o mundo? — indagou a si mesma.

Diante da paisagem no trajeto, dos infindáveis campos de girassóis, do céu azul, a proximidade de Veneza fez palpitar seu coração, repleto de alegria mesclada com emoção. Ouviu o aviso de que estavam próximos. Desembarcaria na estação seguinte.

Marília desceu apressada, como uma criança em busca do primeiro brinquedo. Seguiu as placas indicativas. Que visão paradisíaca! Sob o Sol reluzente, as gôndolas, misturadas com outros tipos de embarcações dentre elas o conhecido *vaporetto*, grande barco destinado a passageiros, com parada em inúmeros pontos interessantes, navegavam na grande laguna. A arquitetura, a arte, as cúpulas das igrejas, o brilho visível no rosto das pessoas anônimas!

Reservara um aconchegante apartamento em um dos hotéis localizados nas proximidades da Praça

São Marcos. Apressou-se em fazer o check-in; precisava de um café. Abriu a porta, deixou a bagagem no quarto. Que vista linda! Como estava feliz! Recebera de uma amiga a indicação de visitar o centenário Floriano, um dos mais tradicionais cafés localizados na histórica praça onde ocorrem os carnavais anuais de Veneza. No momento em que ocupou a cadeira de uma das mesinhas, um grupo musical tocava Vivaldi, *As Quatro Estações*. Pediu um café com *chantilly*, acompanhado de um pequeno copo com água e um sanduíche.

Nos bares e restaurantes de Veneza são comuns os simpáticos vendedores de rosas. Um deles a abordou.

— Quero uma dúzia de rosas brancas, disse ao jovem vendedor de aparência indiana. Em seguida, colocou-as cuidadosamente na cadeira ao lado, enquanto, sem pressa, apreciava o café, as canções, a vida.

Seu olhar passeava pela beleza da arquitetura, nos sons, nas mesinhas ao lado. Em uma delas, notou um senhor, possivelmente com idade semelhante à sua, examinando o menu. Os cabelos incrivelmente prateados e o semblante chamaram sua atenção. Desde a traumática separação, ocorrida há alguns anos, decidira não transitar novamente nas vias do afeto. Sentia-se feliz com o reconhecimento profissional, os filhos e netos. Mas aquele homem, de repente, a fez mudar de ideia. Seria um sonho fugaz, arriscou-se a pensar...

Sorveu cada nota musical, banhou-se de alegria, inebriou-se com o perfume das rosas, o aroma do café, a beleza de Veneza. E, de tão absorta, esqueceu sobre a mesa do café as rosas brancas. Já estava abrindo a porta de entrada do hotel quando aquele senhor de cabelos prateados surgiu sorrindo e, com menção de entregar-lhe o ramalhete, fez a bem-humorada pergunta:

— Você as queria deixar de presente? Ah, antes per-

mita-me dizer: sou Alberto, e você como se chama?

Ela estranhou ser chamada de você, porém gostou. Percebeu o brilho no olhar do interlocutor.

— Marília, muito prazer!

— Você costuma vir a Veneza?

— Não, esta é a primeira vez! Cheguei há pouco! Estou realizando um antigo sonho!

— E seus familiares, não quiseram vir para o café? — indagou Aberto.

— Estou viajando sozinha. Minha família não pode vir, as crianças têm escola — disse, referindo-se aos netos.

— Bem, esta é a terceira vez que visito a região, também viajei só. Desde que me divorciei, há alguns anos, tenho me permitido viajar, conhecer novos lugares e voltar a outros. Veneza é um deles, sempre que possível retorno...

Em seguida, disse afetuosamente:

— Marília, se quiser, amanhã podemos conhecer alguns lugares bem interessantes por aqui. O que acha de visitamos a Ilha de Burano?

— Nossa! Adoraria, vi matérias sobre esta ilha repleta de canais e casas coloridas! Convite aceito!

Conversaram sobre tudo. Pareciam velhos amigos; as horas voaram. Despediram-se com uma indescritível troca de olhares e um aperto de mãos. Como dois adolescentes, entregaram-se aos sonhos!

Quando transpôs a porta do quarto, permitiu-se imaginar o quanto seria bom estar com aquele homem. O olhar, a atenção, a voz, o toque das mãos, a delicadeza, o respeito!

Permaneceria três dias na encantadora cidade. Ficaram juntos o tempo todo!

— Precisamos nos encontrar no Brasil, Marília. Quando você retorna?

— Após Veneza, reservei alguns dias para visitar as

cidades vizinhas. Verona, Treviso, Padova, Vicenza.

— Você aceitaria minha companhia? Posso adiar o meu retorno.

Ela não pensou duas vezes.

— Claro, Alberto, será muito bom!

O que a vida lhe subtraíra na adolescência, passou a devolver-lhe em abundância na maturidade. Aquilo seria apenas o começo. Em Verona, quando visitavam a histórica Arena, Alberto a pediu em namoro. Amor outonal, doce, suave, equilibrado, para sempre! Diferente daqueles que se imaginam descartados com o avanço do tempo. Descobriram-se apaixonados.

O tempo tem pressa. Quantos anos teriam para desfrutar da vida? Então, combinaram simplesmente viver e valorizar cada segundo, de transpor todas as portas dos sonhos. Tinham este direito! Retornaram no mesmo voo. E, como adolescentes, passaram a viver um relacionamento, por assim dizer, secreto.

Porém, passados alguns meses, sem que Marília soubesse, Alberto procurou os filhos dela e noticiou o namoro, compartilhando a felicidade que estavam vivenciando. Participou o relacionamento também a seus filhos. E, como no desabrochar das flores, a cada dia transpunham inimagináveis portas onde, por décadas, haviam deixado trancados os desejos.

As famílias revelaram-se unidas, mas se não o fossem, pouco importariam eventuais opiniões, assim decidiram. Fizeram-se prioridade, abraçaram a vida e o correr dos anos para embalar os corações sob as canções da compreensão, do respeito, do afeto e da cumplicidade.

Marília faria aniversário na semana seguinte àquela em que completariam oito meses de namoro. Quantas surpresas Alberto lhe reservara! Na segunda-feira, logo pela manhã, um imenso buquê de girassóis, acompanhado de um delicado cartão onde

escrevera um poema. Feliz da vida, como adolescente, ela abraçou as flores e releu o cartão inúmeras vezes. Perto da hora do almoço ele chegou em silêncio, abriu delicadamente a porta a tempo de ouvir a amada que no sábado seguinte completaria 60 anos, ler em voz alta o apaixonado poema.

Sem que ela percebesse, auxiliado pelos familiares, Alberto organizou a festa surpresa. Pela primeira vez na vida, ela teria uma festa de aniversário!

Nos dias que antecederam o evento, houve surpresas diárias acompanhadas de carinhos, flores, telefonemas, canções, caixinhas de chocolate, abraços intermináveis. No coração de ambos, a gratidão pelo encontro e o amor sonhado na juventude desabrochando de forma plena no outono do existir.

No sábado pela manhã, ele a despertou trazendo um ramalhete com doze rosas brancas, como aquele de Veneza, para comemorar o primeiro encontro. Após o café, convidou-a para sua caminhada diária. Marília sentiu-se desapontada. No íntimo, imaginava pelo menos as comemorações em família, mas o silêncio sobre o assunto dava a entender que nada aconteceria.

Alberto combinara com os familiares que a festa surpresa seria organizada no enorme alpendre nos fundos da casa da amada, onde bastava abrir a porta da cozinha para ver o espaço amplo e maravilhoso do jardim cercado de flores.

Rosas brancas, mesa de doces, bolo decorado, velinhas, balões e uma enorme faixa autografada por todos, filhos, noras, genros, netos, onde estava escrito: Marília, nós te amamos! Feliz Aniversário!

Marcos, o filho mais novo de Alberto, pediu que todos se escondessem nos espaçosos quartos da casa à espera da volta do casal.

— Meu bem, vamos entrar pelos fundos, acabei

levando a chave errada — disse-lhe Alberto, quando se aproximavam do portão de entrada.

Marília sequer imaginava o que a esperava. Mal adentraram o corredor, assim que ela abriu a porta, surgiram os netos falando todos ao mesmo tempo, enquanto a abraçavam:

—Feliz Aniversário, vovó!

Em seguida vieram os filhos, os familiares, a festa! A primeira festa de aniversário de sua vida e que seria celebrada com a família e o amor que a vida lhe trouxera! Tocada pela emoção, chorou copiosamente abraçada ao amado, repetindo entre lágrimas:

—Obrigada, obrigada, família querida! Não sei o que dizer, não sei como agradecer-lhe, meu amor!

Quando Marília aproximou-se da mesa adornada com as rosas brancas, cercada de carinho por todos, Alberto pediu a palavra. Com a voz embargada, visivelmente emocionado, declarou seu amor.

— Abra aquela porta, minha querida!

Assim que atendeu ao pedido do amado, surgiram violinistas tocando *As Quatro Estações* de Vivaldi, como no Café Floriano. A menina sonhadora sentiu sua alma em festa como nunca!

— Vovó, vovó!

— Diga, minha querida!

Mariana, a neta de oito anos, surgiu ao seu lado de mãos dadas com Adriano, neto de Alberto, da mesma idade. Portava uma caixinha dourada nas mãos.

— Vovó, a gente tem uma surpresa para a senhora…

— Espere — disse o pequeno Adriano —, vovô Alberto tem uma surpresa para a senhora!

— Mas quantas surpresas, família querida! Assim o meu coração dispara! Grata por tanto carinho, amo vocês!

— Vem, vovô, vem logo!

Assim que chamou o avô, Adriano entregou-lhe

uma pequena caixa, dizendo que ela deveria abrir o presente na presença do avô.

Alberto afastara-se do recinto, como combinado previamente com os familiares. Assim que chamado, abriu a porta de acesso à casa, retornando à festa. Ao lado da amada, transbordando de felicidade, disse suavemente:

— A vida, nestes poucos meses, tem nos proporcionado transpor tantas portas, minha querida... e assim, ao lado de nossas famílias, reencontramos a felicidade. Você me faz tão feliz!

Com os olhos marejados de lágrimas, segurando o presente entre as trêmulas mãos, ela não perdia uma palavra de Alberto.

— Meu amor — continuou ele — antes de cantarmos os parabéns para festejar esta data maravilhosa, peço que você, de olhos cerrados, abra o seu presente!

Sentindo-se nas nuvens, indescritivelmente feliz, Marília abriu a caixinha, lá estava um reluzente par de alianças. Então olhou nos olhos do amado que, ternamente, tocou-lhe as mãos, retirou as alianças delicadamente da caixinha e, entregando a aliança maior a ela, fez o pedido sob os aplausos de todos.

— Marília, minha querida, você quer casar-se comigo?

— Alberto, nossas almas se identificaram desde o primeiro encontro naquele café em Veneza. Você me faz tão feliz! E esta felicidade que hoje vivenciamos nos seguirá por todos os dias de nossas vidas! Claro que sim, Alberto! Quero! — disse ela, visivelmente emocionada.

Enquanto trocavam as alianças, ela disse:

—Nascemos um para o outro, quantas vezes falamos sobre isso! Nós sabíamos que um dia haveria este reencontro, um sonho que se tornou realidade no outono do nosso existir!

O *sim* para a vida estava estampado em tudo... na cumplicidade dos olhares de ambos, sob o aplauso dos familiares; na sintonia que se revelou nas doze rosas brancas esquecidas no Café Floriano, em Veneza; no transpor de todas as portas que, corajosamente desde então, se dispuseram a abrir sem qualquer receio, medo ou culpa, no outono do breve e apaixonante existir.

Ana Stoppa
Cadeira 09 — Patrono Rinaldo Gissoni

Ana Cristina Silva Abreu, Membro da Academia de Letras da Grande são Paulo, ocupa a Cadeira 12 cujo patrono é Herculano Pires. Nasceu em 15 de março de 1984 na cidade de Ourinho, interior de São Paulo. Atualmente reside em Santo André. Cursou Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo. Foi premiada com o projeto de Marketing entre Culturas em primeiro lugar no Prêmio Talento Metodista 2015, categoria Melhor Monografia e no prêmio Destaque Metodista 2006. Cursou, ainda, Letras pela Universidade Metropolitana de Santos, especializou-se em Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação São Luiz de Jaboticabal e em Alfabetização pelo Centro Universitário UNISEB. Conquistou o segundo lugar no Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil 2010 com a obra, O coelho sem Cartola; primeiro lugar no Concurso Internacional de Literatura 2011, da União Brasileira de Escritores — Rio de Janeiro — com a obra Mas... e o Zero? e o quinto lugar no Primeiro Prêmio Cuore de Literatura Infantil e Infanto Juvenil 2013, com a obra, O Colecionador de Palavras.

Quando ela não voltou

Ana Cristina Silva Abreu

A humana acordou cedo hoje. É assim durante a semana, ela sempre sai de casa bem cedinho, carregada de livros e cadernos. São os trabalhos dos alunos dela, as provas que corrigiu, a matéria do dia. Ela sempre me fala do quanto aprecia dar aulas e das coisas que aprende com os alunos, mesmo sendo ela a professora. Os filhos dela dizem que deve se aposentar logo. Ela até pensou em se aposentar quando o marido faleceu, mas esperou um pouco, um pouco mais e decidiu que não queria ficar presa em casa fazendo qualquer coisa improdutiva. E aí eu cheguei.

Eu não me lembro muito bem da minha vida fora daqui. Lembro-me um pouco dos meus irmãos, eles nem eram tão legais para falar a verdade. Lembro-me de quando vi a humana pela primeira vez, com seu sorriso enorme e olhos penetrantes, pegando-me no colo e perguntando se eu queria morar com ela. É claro que eu queria! Como ela sabia?

Enquanto ela prepara o café da manhã, eu ando lentamente entre suas pernas e ela se abaixa para afagar meus pelos. Gatos sempre conseguem o carinho que merecem. Ela coloca uma dose extra de ração no meu potinho, checa a minha água, limpa minha caixa de areia. Eu faço um pequeno drama felino com miados em excesso quando ela se aproxima da porta.

— Não precisa gritar! Logo eu volto!

E antes que a porta se feche eu vejo a luz que vem da rua ensolarada. Ouço sons altos e indecifráveis. Um cachorro passa correndo pela calçada, além das grades do portão, e eu me encolho por reflexo. O som da chave trancando a porta e, finalmente, o silêncio!

O dia transcorre sem maiores preocupações. Com facilidade mantenho o sofá aquecido. Assim, quando resolvo dormir um pouquinho na cadeira ou sentar perto da janela para observar os pássaros e volto, ele continua confortável à minha espera. De manhã algumas espreguiçadas, à tarde uma voltinha pela casa, jogo o ratinho de pelúcia de um lado para o outro. Uma mosca pousa sobre o balcão da cozinha e eu saio à caça! Ela não é páreo para mim, quanta ousadia invadir minha casa!

O Sol vai se escondendo e a penumbra do fim do dia toma conta da sala. Sento-me diante da porta para esperá-la chegar. Ela vai abrir a porta apressada, vai jogar a sacola cheia de papel sobre o balcão, vai atirar a bolsa no sofá e me erguer do chão num abraço apertado. Eu vou miar e esticar as patas empurrando seu rosto como que insatisfeito com tanta pieguice, mas vou adorar. Vai ser a melhor parte do dia... Vai sim! Vai...

É estranho. Ela nunca se atrasa. As aulas nunca passam do horário, ela diz. O que aconteceu? Muito trânsito? Várias vezes a vi reclamando do trânsito. Não sei bem como é o trânsito, na verdade. Eu só saio de casa para ir ao veterinário ou para tomar banho e sempre vou dentro da caixa de transporte. De lá não vejo bem o trânsito, só o ouço. Ele é barulhento, mas não me parece tão ruim. Deve isso, logo ela chega.

Já estou cansado de ficar aqui sentado em frente à porta. Eu devo ter errado o horário, vou tirar uma soneca. Mas já está escuro! Não, eu não errei. Dou uma volta pela casa, salto para o parapeito da janela e observo. Tudo calmo lá fora. Sem muitos carros na rua, os pássaros já se recolheram aos seus ninhos. Uma pessoa passa perto do portão, eu me encolho para me esconder. Passa reto, nem me vê na janela.

Sempre fico imaginando por que motivo as pessoas passam com tanta pressa de um lado para o outro. A humana sai sempre com pressa e chega correndo. Não sei o que tanto fazem todos lá fora! Eu não sinto qualquer necessi-

dade de sair. Por que o faria? Lá fora há cachorros latindo, eu os ouço. Há buzinas e gritos também, são assustadores. Bem, há passarinhos, eu sinto vontade de correr atrás deles e abocanhá-los. Eles vêm até a janela provocar-me, aqueles tratantes! Mas aqui dentro tenho água e comida a vontade. Tenho uma caminha macia que eu mal-uso, prefiro o sofá ou a cama da humana. Tenho brinquedos, *cat nip* e estantes para escalar. É perfeito!

Acabei cochilando diante da janela. Agora a luz da lua clareia meus pelos enquanto tomo um demorado banho. Não sei por que a humana me leva para tomar banho fora de casa, eu sou muito mais eficiente que aqueles loucos que me jogam água e ensaboam. Volto para a porta e espero. Mantenho o olhar na maçaneta. Logo vai se mexer, logo a porta se abrirá. Tudo bem, eu nem vou empurrar o rosto dela com as patas e fingir que não quero afagos desta vez.

O barulho do portão me desperta. Já é de manhã novamente! Eu adormeci ali perto da porta, mas que desleixo o meu. Corro para a janela, minha cauda erguida de alegria. Nada. É o portão do vizinho. Ele está saindo de carro, os filhos com mochilas nas costas, são estudantes de uma escola como a em que a humana trabalha.

Meu pote de ração está quase vazio. Como ela pôde fazer isto comigo? Sumir assim? Outro barulho no portão e dessa vez eu nem me dou ao trabalho de verificar. Deve ser o vizinho novamente. Ou não? A maçaneta se move. Ela chegou!

Não. É o filho dela. Num dia de semana e a este horário? Ele deveria estar no que chamam de escritório. Não sei o que fazem lá, mas sei que se usa terno para poder entrar. E ele não está de terno. Eu corro até ele, miando um miado carregado de tensão. Ele me faz um carinho rápido e solta um suspiro. Coloca ração no potinho, verifica a água e a caixa de areia, pega uns papéis na cômoda e algumas roupas da humana. Por que você está pegando tudo isso? Ele sai apressado e nem me fala um tchau. Para onde foi? Pela janela o vejo entrar no carro estacionado na rua.

Um passarinho se aproxima e me distrai por alguns minutos. Eu salto contra a janela e ele voa para longe desdenhando de minha reclusão. Um tolo, não sabe o que é ter uma humana tomando conta de si. Sinto saudades dela. À tardinha o Sol se vai logo e o tempo fica gelado. Eu me enrolo sobre um cobertor e a noite passa mais rápido do que eu esperava.

Será que ela chegou durante a noite e eu não vi? Não, ela me acordaria. Eu sempre soube que lá fora não era seguro! Por que ela tinha de sair todos os dias? Os filhos falaram que se aposentasse. Então ela poderia ficar o dia todo comigo. Mas não, ela insistia em lecionar, como gosta de dizer. Se bem que eu também gosto de ter a casa toda para mim durante o dia. Mas os fins de semana também são tão felizes! Os filhos e netos vêm para o almoço, todos brincam comigo e depois ficamos apenas os dois, aconchegados no sofá ouvindo música ou assistindo às notícias do jornal.

Será que ela foi viajar? Viagem é quando os humanos pagam para não ficar em casa. Uma vez por ano ela tira férias e, ocasionalmente, vai viajar. Aí alguém vem cuidar das minhas refeições e do meu banheiro. Mas ela sempre me avisa quando vai sumir assim. Ela me abraça e diz que volta logo. Mentira! Dura uma eternidade. Mas ela sempre volta.

É cerca de meio-dia e meu potinho está vazio quando os filhos chegam. Eu corro para a sala e me escondo sob a mesa de centro enquanto eles conversam sem me notar. Eles vão para o quarto, mexem na cômoda. Mais uma vez pegam alguns papéis, conversam desanimados. O que está acontecendo?

Um deles vai verificar minha água e comida. Eu me aproximo. Ele mexe nas minhas orelhas e faz um carinho no meu queixo. Solta um suspiro cansado. Meus miados não parecem incomodá-lo. Quando ela vai voltar? Ele não me entende. A humana sempre me entende. Ela sabe quando estou com fome, bravo ou carente. E eu também sei tudo sobre ela. Sei que adora ler e coleciona livros em vários idio-

mas. Ela passa horas sentada na poltrona lendo e eu fico ao lado tirando um cochilo e recebendo uns afagos vez ou outra. Sei também que detesta cozinhar e sempre me diz que deveria existir ração para humanos como as de gatos.

Os filhos entram no carro estacionado na rua e se vão. Eu tomo um longo banho durante boa parte da tarde. Gatos são higiênicos, não somos como os cachorros, tão desleixados com a limpeza. A humana também gosta de banhos longos... E quentes. Ela se demora no chuveiro toda noite. Pobres humanos que precisam de água para se limpar. E eles têm uma mania de água que não sei de onde vem! Eu tento explicar que posso manter-me limpo sozinho, mas a humana insiste em levar-me para tomar banho todo mês. Que desperdício de dinheiro!

Mais uma noite se passa, mais um dia. Eu estou sentado diante da porta. Ela não se abre. Não há qualquer som. Eu começo a miar alto, mais alto! Ando de um lado para o outro em frente daquela porta. Nada. Continuo miando, uma batida na janela me chama a atenção. É um gato de rua que me observa.

— Você está preso? — ele pergunta.

— Não! Aqui é minha casa. — Respondo.

— Então por que esse escândalo todo?

— Minha humana desapareceu. Ela saiu há dias e não voltou ainda.

— Ah, humanos fazem isso mesmo. Eles somem. Eu já tive um humano, mas ele me levou até uma estrada e deixou-me no acostamento dentro de uma caixa. Eu esperei e esperei que ele voltasse, mas nunca voltou. Naquela época achei que algo tinha acontecido com ele, mas hoje não sou mais ingênuo. Os humanos somem, simples assim.

—Minha humana não faria isso. Ela sempre cuidou de mim! Ela deve estar lá fora perdida. Eu sempre avisei que era perigoso sair de casa.

— Ah... Já vi tudo! Um gato de *madame* você é! Tem medo de sair. Olha, se eu fosse você, daria um jeito de esca-

par. A vida é muito melhor sem donos.

— Você está errado! Jamais sairei daqui!

— Bem, você é quem sabe. Se decidir escapar, não vá em direção à avenida. É perigoso ser atropelado. Não seja estúpido como os cachorros.

Um dos filhos chegou. Vieram uns homens com ele, de uniforme. Tem um caminhão parado lá fora. Eu me escondo sob a cômoda, não gosto dessa movimentação. A esposa do filho entra logo depois e arrasta algumas caixas, ela suspira.

— Onde está o gato?

Eles me procuram, mas eu fico bem encolhido. Não quero ser encontrado agora. Ela abre o guarda-roupa, as gavetas, tudo. Tira as roupas com cuidado e vai separando nas caixas. Fecha cada caixa e faz anotações com uma caneta. Enquanto isso, os homens levam o sofá para o caminhão, depois a cristaleira, enrolam o tapete da sala, carregam as cadeiras, uma por uma. Encolho-me cada vez mais.

— Alguém viu o gato? — reitera o filho.

Eles vêm para o quarto e começam a arrastar a cômoda. Eu corro como foguete e pulo para dentro do armário.

— Aí está ele! — grita um dos homens.

Logo a sala está vazia, o quarto em silêncio. A geladeira se foi, a mesa, o fogão. O caminhão já partiu levando tudo embora e eu troco de um esconderijo para o outro sem entender, sem saber como agir. O filho e a esposa estão separando pratos, talheres, panelas. Eu resolvo que é hora de uma reaproximação e deslizo para a cozinha. Ela se ajoelha no chão e me afaga.

— Oh, amiguinho! Você apareceu. — Ela fala com tristeza.

— O que vamos fazer com ele? — interrompe o filho. — Você acha que ficaria bem lá em casa?

Do que vocês estão falando? Eu fico arrepiado e quero fugir. Será que a humana me abandonou mesmo? Ele se abaixa ao lado da esposa e seu olhar é carinhoso, triste, mas carinhoso.

— Ela não vai voltar, amiguinho. Ela se foi.

Ela não vai voltar? Como assim? Eu corro para longe deles, tropeço numa pilha de potes de plástico e salto sobre uma caixa de roupas.

— Parece até que ele entendeu o que você disse!

É claro que entendi! O que vocês pensam? Que sou um tolo? Eu me escondo no armário de novo. Eles levam as últimas caixas para o carro.

— Amiguinho? Onde você está?

Eu não atendo. Não quero vê-lo. Só permaneço escondido. Eles me procuram por toda a casa, em vão.

— Deixa os potinhos cheios de água e comida e vamos embora. Depois voltamos para buscá-lo!

Ele faz exatamente isso e os dois batem a porta atrás de si e caminham até o carro. Eu corro até a porta, sento-me, permaneço parado, quieto. Nada na minha mente, nada ao meu redor. A casa vazia produz um eco assustador. Mas os sons lá de fora são mais assustadores. Eu vou até a janela, o Sol já vai se pondo e os pássaros se recolhem. Um cachorro passa pela calçada latindo, eu me encolho.

A escuridão já tomou conta de tudo quando me dou conta de que ainda estou andando em círculos pela sala. Ela não vai voltar. Os olhos do filho se encheram de água ao dizer tais palavras. Ela não vai voltar. Ele sempre foi tão alegre, sempre brincava comigo. Mas, ela não vai voltar. E ele também está sofrendo com isso. Todos estão. E ela não vai voltar.

O som do vidro se quebrando me traz de volta aos meus pensamentos. Uma pedra vem pousar perto de mim e o ar gelado da noite entra pelo buraco na janela. Uns meninos travessos fogem antes que eu possa vê-los. Devem ser do tipo que maltrata gatos pelas ruas. Não se pode confiar nesses meninos.

A noite passa pesada, lenta, como as passadas de um gigante humano. O outro filho chega para vasculhar a casa em minha procura, em vão. Eu conheço cada canto deste

lugar e sei esconder-me. Ele chama por mim, revira as poucas caixas vazias que ficaram para trás. E nada.

— Ele sumiu, irmão! Eu procurei por toda parte, juro! Tem um buraco no vidro da janela, algum vândalo deve ter atirado uma pedra durante a noite. O gato deve ter escapado por ali.

Ótimo! Melhor que pensem que fugi. Não quero sair desta casa, aqui é meu lar. A humana também não iria querer sair.

— Eu sei, eu sei... Ela nos mataria se abandonássemos o gato. Mas o que vou fazer? Ele sumiu!

Sim, ela me amava muito. Todos sabem disso. Mas não se preocupem, prefiro ficar aqui.

— Vou dar uma olhada pela vizinhança, mas ele já deve estar longe.

E sai pela porta, puxando-a atrás de si. Uma rajada forte de vento, no entanto, impede que ela se feche. Ele não percebe e vai para a rua. Depois de bastante tempo volta e eu quase fico com a consciência pesada. Vejo que, realmente, estava disposto a me encontrar. Mas, como era de se esperar, desiste e entra em seu carro.

Passam-se alguns dias e ninguém mais aparece. Minha comida acabou, a água está quase no fim. Talvez não tenha sido uma boa ideia ficar aqui. Um passarinho pousa no buraco que a pedra deixou na janela. Eu me aproximo sorrateiramente, dou um salto. Ele voa para longe. Eu olho o mundo lá fora. Tão ensolarado, mas há tantos barulhos! Caminho até a porta, desconfiado. Há uma pequena fresta, puxo com a pata e coloco minha cabeça no vão. A luz faz minhas pupilas encolherem rapidamente. Umas crianças passam correndo e gritando pela calçada e eu volto para dentro. Não, não é seguro.

Até que chega uma noite em que não há mais comida, nem água, sequer um inseto para caçar. A casa já está cheirando mal, a humana detestaria esta situação. No meio da madrugada eu vou até a sala e me sento diante da porta.

Uma pequena fresta continua aberta e o luar parece brincar de formar desenhos no chão de madeira. Eu caminho em direção àquela fresta, mas depois retorno. Sento-me novamente. Observo.

E, de tanto observar aquela porta de madeira, ouço os sons além dela. Sinto os cheiros que vem e vão. Não consigo distinguir todos, é verdade. Mas parece que há alguns outros gatos pela rua. Uns pássaros noturnos, um ratinho saindo do bueiro, talvez. Um carro passa veloz e uma moto vem logo em seguida. Ouço as folhas das árvores ao vento e os galhos rangendo. Há lixo por perto. A humana jamais me deixaria comer lixo, mas meu estômago ronca.

Dou uns passos, mas sento-me novamente. O vento faz a fresta da porta crescer e o luar invade uma porção maior da sala. Eu me aproximo mais um pouco, depois desisto e dou as costas à porta. Ela não vai voltar. Esta frase ecoa na minha mente, tanto, tanto que parece ecoar pela casa toda. Eu encaro a porta mais uma vez. Vou me aproximando lentamente. É quase de manhã e o Sol já aponta por detrás das casas e prédios. Dou mais uns passos cautelosos. O vento faz a fresta diminuir. Eu passo minha cabeça por ela, impedindo que a porta se feche. Tudo vazio, silencioso. Os animais da noite estão indo dormir. Os do dia ainda estão acordando. Os humanos logo encherão as ruas.

Empurro a porta com meu corpo, ela se abre um pouco mais. Eu observo. Sem pensar mais, salto para fora e corro até o portão. É fácil passar por ele e, quando piso na calçada, olho para trás. Lá está a porta, fechando-se com o vento. Respiro fundo e olho para frente. Lá está o mundo, abrindo-se como uma porta.

Ana Cristina Silva Abreu
Cadeira 12 – Patrono Herculano Pires

José Bueno Lima, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 14 cujo patrono é Álvarez de Azevedo. Brasileiro, viúvo de Iara Balieiro Lima, advogado, pai de quatro filhos, pela ordem, José Antônio, Antônio Celso, Patrícia e Luís Felipe, nascido em Santo André, aos 27 de dezembro de 1937, filho de Antônio e Adelina Lima, Procurador-Chefe da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, aposentado, escritor. Publicou três livros: Um Passado Sempre Presente; Como Se Fosse Hoje e Crônicas e Contos de Um Saudosista.

Bodas Violentas!

José Bueno Lima

Nivaldo e Márcia namoravam desde criança. Vizinhos, pequena diferença de idade, pais amigos, tudo levava a crer que dali sairia uma vida em comum, com o casamento.

Estudavam no mesmo colégio, só que em classes diferentes.

A data dos 15 anos de Márcia foi comemorada com uma grande festa. O Clube XV de Boa Esperança do Sul, onde nasceram e viviam, foi pequeno. A cidade em peso compareceu. Foram convidados os Cadetes da Marinha para os pares das meninas, na tradicional valsa. De Márcia, não, pois a Nivaldo era a quem caberia tal privilégio. E, assim foi.

Rafael e Clarisse, pais de Márcia, viam com bons olhos o namoro de sua filha. Nivaldo era bom menino, aluno aplicado, falava em ser médico. De seu lado, Álvaro, pai do moço, também nutria muita simpatia por Márcia. Já Suzana, a mãe... não que tivesse qualquer motivo para deixar de gostar de Márcia. Somente achava que seu filho merecia coisa melhor, uma moça da cidade grande, filha de um industrial, enfim, que pertencesse à alta sociedade da capital,

por exemplo. Aquelas coisas de mãe. Afinal, era filho único. Mas, tolerava a situação!

Durante a festa, estando na mesma mesa as duas famílias, a conversa ia bem animada. Felizes, viam seus filhos dançando, demonstrando ambos, muito carinho um pelo outro.

— Estou muito feliz, Suzana, em ver minha filha com o Nivaldo! Formam um belo par!

Suzana, por sua vez, muito reservada, sem demonstrar claramente o que ia em seu íntimo, respondeu:

— Sim, Clarisse, parece que os dois se gostam mesmo! Apenas acho que são muito novos, têm muito pela frente!

Assim, a festa transcorreu, com todos se divertindo, os homens falando sobre a política da cidade, o time de futebol do qual eram diretores, e outros assuntos normais nessas ocasiões.

As mulheres, por sua vez, comentavam sobre os vestidos das amigas presentes, do penteado de fulana, enfim, mais na base dos temas próprios do sexo feminino.

Já em casa, os pais da moça, após o banho relaxante, e deitados, comentavam, felizes, o sucesso da festa, e a alegria proporcionada à filha Márcia.

— Querido, disse Clarisse, adorei a festa!

Aí, a psicologia feminina entra em ação, e continuou:

— Só fiquei um pouco preocupada com a Suzana. Não me pareceu totalmente à vontade! Alguma coisa não lhe estava agradando.

— Impressão sua, querida! Não percebi nada de anormal! Ela é assim mesmo, meio fechada!

II

Nivaldo passeia pelo campus da Universidade Federal, na capital do Estado. Cursa o 3º ano de medici-

na. Refaz-se do dia atribulado que tivera, com o estudo até a madrugada da noite anterior, para as provas feitas pela manhã. Foram as últimas do ano. Tinha certeza da promoção para o próximo período.

Terminado o curso ginasial em Boa Esperança do Sul, seus pais o mandaram para a capital a fim de cursar o científico. Foi para o internato de um famoso colégio. Para a alegria de Dona Suzana!

Nas férias, não via a hora de ir para a sua terra natal, e estar ao lado de Márcia, a quem jamais esquecera. Ela continuou seus estudos na própria cidade. Fez o curso normal, e já lecionava no Grupo Escolar.

Paciente, mas ansiosa, esperava a vinda de Nivaldo, para matar as saudades, e renovar as juras de amor eterno que ambos confidenciavam.

No entanto, essas idas e vindas de Nivaldo duraram até o término do 3º ano da Faculdade.

Naquele dia em que o encontramos passeando pelo campus da Universidade Federal, outra situação o atormentava. Chamava-se Maria Lúcia! Sua colega de turma! Morena, olhos verdes, cabelos longos, uma linda moça! Desde o primeiro dia de aula os dois se aproximaram. Naturalmente. A princípio, simplesmente colegas. Moradora na capital, volta e meia convidava Nivaldo para estudar em sua casa. Filha de pais ricos, sua residência era uma verdadeira mansão, situada num dos bairros nobres da cidade. Isso tudo impressionava o colega.

Apesar de tudo, Nivaldo não esquecia Márcia! Nos períodos de folga, rumava para Boa Esperança, onde a namorada o esperava.

Sua preocupação, no dia do encerramento das aulas do 3º ano, também, era de já não ter vontade de ir para o interior, e, muito menos, de rever a Márcia.

Estava completamente apaixonado por Maria Lúcia! Esta, no decorrer dos anos de estudos, cada vez

mais próxima de Nivaldo, foi conquistando o amor do colega. Numa atitude que demonstrava a grandeza de seu caráter, nunca forçou qualquer situação. Sabia da existência de Márcia na vida de Nivaldo, e respeitava os sentimentos dele. Esperava, como esperou, o momento certo, deixando que o rumo das coisas se encaminhassem de modo natural. E conseguiu!

Essa lealdade de Maria Lúcia, calou fundo no coração de Nivaldo, levando-o a sentir pela mesma, uma paixão que, até então, nunca sentira.

E, sem qualquer aviso, sem dar qualquer satisfação, Nivaldo deixou de aparecer em Boa Esperança do Sul. Ali nada mais o interessava.

Para o sofrimento de Márcia!

III

Enquanto isso, Suzana exultava! Seus sonhos estavam se tornando realidade. Com a ida de Nivaldo para a capital, Suzana deixou de ter maior relacionamento com a família de Márcia. Raramente, ela via a antiga amiga Clarisse, a não ser vez ou outra na igreja, na missa de domingo, ou no supermercado. Mas, pouco se falavam.

Álvaro e Rafael, no entanto, tinham maior contato. Ora no clube, ora num fim de tarde, após o trabalho, ainda mais numa cidade pequena, era fácil se encontrarem no bar, quando acontecia uma conversa, e um gole de cerveja. Nada mais que isso. Não tocavam no assunto dos filhos.

Todavia, Márcia sofria! O rompimento do namoro com Nivaldo foi muito doloroso. Ainda mais, sem qualquer justificativa. Ele apenas desapareceu! Não merecia tamanha ingratidão. A cidade toda estava sabendo do drama. Deixou, inclusive, de dar aula. Para ela a vida não tinha mais sentido.

Vendo a filha enfurnada no quarto, Clarisse também amargava aquela dor. Então, tomou uma decisão. Iria até a casa de Suzana, a fim de saber o que havia acontecido. Por que Nivaldo tomara tão drástica decisão? Não foi fácil, porém conseguiu que Márcia a acompanhasse.

À hora marcada, à tarde foram recebidas pela dona da casa. Não se pode dizer que mal recebidas. Todavia, com certa frieza. Suzana, muito polida, educada, acomodou as visitas, e os diálogos se sucederam dentro de evidente formalidade.

— Como vocês vão, há tempos que não nos encontramos para conversarmos como antigamente.

— É verdade, Suzana. O tempo se encarrega de nos afastarmos, sempre nos exigindo mais e mais, diante dos afazeres de casa, as responsabilidades que tenho como presidente da Associação das Voluntárias do Combate ao Câncer. Aliás, você faz muita falta. Por que se afastou?

— Sabe Clarisse, após o Nivaldo ter ido estudar na capital, minha vida mudou muito. Com a compra do apartamento onde ele mora, atualmente, sempre há necessidade de minha presença. Então, não posso ter outros compromissos.

— Ah! Logo ele se forma, não é?

— Então, inclusive, está noivo, pensando em se casar brevemente! Assim que se formar.

Márcia não se conteve! Caiu num choro convulsivo, retirando-se da sala. Suzana, sem demonstrar qualquer sentimento, disse à Clarisse que estranhava essa reação da Márcia, alegando que o namoro deles fora entusiasmo de jovens, nunca podendo ter sido levado como coisa séria. Lá em São Paulo, numa cidade grande, com pessoas de outro nível, não foi difícil seu filho encontrar uma boa moça, filha de um grande empresário, bonita, e que, tam-

bém, como ele, teria o título de médica. Seu futuro estava garantido.

Do lado de fora, Márcia ouvira tudo.

Clarisse, então, levantou-se, recusando o convite para o café oferecido por Suzana. Despediu-se friamente, juntando-se a filha que a aguardava no terraço. Daí para frente, Márcia recuperou as forças, saiu de seu estado depressivo, voltando a lecionar.

E... seu amor, transformou-se em ódio!

IV

O famoso *buffet* paulistano estava em polvorosa! Pudera! Duas grandes festas estavam programadas! Um movimento intenso de chegada de carros, os mais possantes e luxuosos possíveis. Centenas e centenas de convidados entrando.

Naquela noite, num dos salões, festejava-se o casamento da filha de um grande empresário, médica, com um rapaz do interior, seu colega de turma. Ela Maria Lúcia, ele Nivaldo.

No outro, também festa de casamento. A noiva do interior, professora, filha de um casal tradicional da cidade, e o noivo, homem muito rico, apesar de sua atividade não ser das mais louváveis. Banqueiro do jogo de bicho! Ela Márcia, ele Anísio.

Não é que os noivos e seus pais, coincidentemente, chegaram no mesmo momento?!... Grande foi a surpresa ao se verem! E, numa manobra infeliz, as limousines se chocaram.

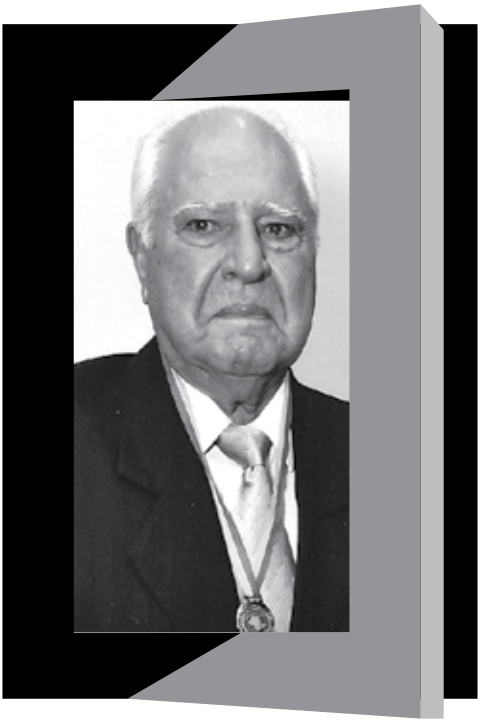
Confusão armada, insultos de um lado, xingamentos de outro, um grande tumulto. Um tiro! Pânico!

Tudo o que Márcia e Clarisse engendraram havia dado certo!

V

No outro dia, o jornal da cidade interiorana anunciava o velório e o sepultamento de Suzana, em Boa Esperança do Sul.

José Bueno Lima
Cadeira 14 — Patrono - Álvares de Azevedo



Clóvis Roberto dos Santos, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 16 cujo patrono é Euclides da Cunha. Bacharel e licenciado em Pedagogia e Bacharel em Direito. Especialista em Administração e Supervisão Escolar. Mestre em Educação. Doutor em Educação. Docente, diretor de escola, supervisor de ensino, delegado de ensino, diretor regional de ensino da Região do ABC. Professor, Chefe de Departamento, Coordenador de Cursos de Graduação e Pós-graduação da Educação superior em universidades do ABC; Baixada Santista e São Paulo. Autor de dezessete livros sobre educação. Membro da Academia Paulista de Educação, Cadeira 19, Patrono Carlos Pasquale.

A educação contra o medo

Crônica Pedagógica

Clóvis Roberto dos Santos

"Ao contrário dos bonecos, temos a faculdade de parar nossos movimentos, olhar para o alto e perceber a engrenagem que nos move. Neste ato está o primeiro passo para a liberdade."
(Peter L. Berger – sociólogo austríaco. 1929)

Ficção poética não faz parte de minha experiência literária. Sou professor e escritor de livros sobre Educação. No entanto, o tema proposto pela ALGRASP para a II Antologia a ser editada fez com que eu me dispusesse prazerosamente a colaborar.

Minha disposição decorre da admiração que tenho por poetas e prosadores, como Rinaldo Hindemburgo Gissoni, grande escritor, fundador de nossa querida Academia de Letras da Grande São Paulo e, por vários mandatos, seu presidente. A ele presto minha homenagem e, também, aos demais colegas acadêmicos que escrevem com competência.

Seguirei, assim, dois sábios ditados correntes: *se você tentar*, *pode errar; se não tentar, vai errar sempre* e *tudo que deve ser feito, vale a pena ser bem feito*.

Começo com uma frase genial de João Guimarães Rosa: *Digo: o real não está na saída, nem na chegada ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

Durante mais de 60 anos de magistério, participei de inúmeros encontros, simpósios, conferências,

palestras e congressos sobre educação escolar. Muitos, por dever de ofício. Alguns, por prazer. Numa dessas atividades, na década de 1990, o palestrante do dia, o filósofo Professor Doutor Mário Sérgio Cortella, contou de início a história da PORTA NEGRA.

Seguem algumas anotações que fiz.

O orador começou citando a frase: *A oportunidade nunca chega para aquele que a espera, mas sim para aquele que vai em sua busca.* Se em algumas situações não estivermos seguros dos resultados, o melhor a fazer é atuar positiva e agressivamente. Muitas pessoas ficam paralisadas pelo medo, quando se defrontam com situações nas quais precisam tomar uma decisão, atravessar a *porta* e conhecer o *além* dela.

Em seguida, Cortella leu a história A Porta Negra.

Há algumas gerações, durante uma das mais turbulentas das tantas guerras no Oriente Médio, um general capturou um espião e o condenou à morte. O general, homem de grande inteligência e, às vezes, de alguma compaixão, tinha um estranho costume em tais casos. Ele permitia ao condenado fazer uma escolha: enfrentar o pelotão de fuzilamento ou atravessar a Porta Negra.

Pouco antes da execução, o general ordenava que trouxessem o condenado a sua presença, para uma breve e final entrevista; seu principal objetivo, saber qual seria a sua escolha: o pelotão de fuzilamento ou a Porta Negra.

Não era uma decisão fácil, e o prisioneiro vacilava e preferia, invariavelmente, o pelotão ao desconhecido e aos espantosos horrores que poderiam estar além da tenebrosa e misteriosa Porta Negra. Momentos após se escutava o rajar das balas em cumprimento à sentença.

O general dessa história, com os olhos fixos em suas bem polidas botas, dizia para o ajudante de ordens:

— Eis aí o que é o homem, prefere o mal conhecido

ao desconhecido. É uma característica dos humanos, temer o incerto. Você vê, eu disse a ele para escolher.

— Afinal, o que existia além da Porta Negra? — perguntou-lhe seu ajudante de ordens.

— Liberdade — respondeu o general — e poucos foram os homens que tiveram o valor e a coragem de decidir-se por ela.

O palestrante lembrou que, em todos os momentos, muitas pessoas precisam escolher entre um mal conhecido e o desconhecido. Citou, em seguida, o filósofo e psicólogo norte-americano, William James: *O ingrediente que garante o resultado feliz de qualquer empreendimento ou empenho de duvidoso resultado é a fé e a confiança que se possua antes de iniciar.*

Ninguém deve renunciar ao direito de escolher, ensinou Cortella naquela apresentação. Mas desconfiar sempre, nas encruzilhadas, dos caminhos muito fáceis. Em resumo: não fique no vale, quando pode subir a montanha e olhar além das redes da mediocridade.

Outra história, guardada em minha memória, creio ter lido em algum livro de leitura da antiga escola primária (bons e saudosos tempos). Dizia mais ou menos o que segue: *Em meio a uma grande jornada, alguns caminhantes chegaram a uma muralha, quase intransponível, que lhes impedia de continuar sem esforços. Um deles, mais afoito, resolveu escalá-la. Chegando ao alto, olhou para o outro lado e, com grande grito de alegria, viu descortinar uma linda paisagem. Saltou e, sem dizer nada, sumiu do outro lado. Um segundo caminhante, impressionado com o grito do companheiro fugitivo, subiu vagarosamente, viu a maravilha e contou aos companheiros. Alguns, animados, também transpuseram a muralha e seguiram caminho pela nova e promissora terra, em boa companhia.*

Baseado nas lições desse texto: em primeiro lugar,

pondere, sim, os riscos e as dificuldades de trilhar caminhos desconhecidos, mas sem medo de olhar para o novo, onde poderá estar a sua própria Porta Negra, ou seja, a possibilidade de refundar a própria vida, quando nada nela vai bem; em segundo lugar, não seja egoísta e partilhe suas boas descobertas, para que elas ganhem um significado profundo e verdadeiro, só possível na união fraternal com o outro.

Um pensamento leva a outro, e me vi às voltas com lembranças dos textos do filósofo Luc Ferry, ex-Ministro da Educação da França, pensador e humanista brilhante, tanto por sua capacidade de formular respostas para anseios contemporâneos, como por seu notável talento para a comunicação, o que se traduz em vendas espetaculares de seus livros mundo afora e em plateias sempre ávidas por ouvi-lo em conferências.

Busquei em Luc Ferry uma inspiração a mais para meditar sobre o tema Além da Porta, que remete ao mesmo tempo aos humanos sentimentos de medo do desconhecido e à fé em que justamente no desconhecido resida a serenidade.

Essencialmente, o que a religião diz é que, se alguém tem fé, se acredita em Deus, não precisa ter medo. As religiões são a doutrina da salvação pela fé, escreveu Ferry. *Todas as filosofias querem a mesma coisa: salvar os homens do medo que os impede de viver bem. Só que as grandes filosofias são as doutrinas da salvação sem Deus e sem a fé.*

O combate responsável à covardia, no fundo, é uma das razões de ser do educador, tanto quanto do filósofo que se debruça sobre o tema da felicidade. De um modo ou de outro, todos cruzaremos portas para o desconhecido ao longo da vida. Que seja, então, sem o peso do medo.

No *devir* filosófico ou no Além da Porta poético há um mundo que nunca devemos temer. A vida é finita e, portanto, passe por ela com inteligência, caso contrário, caminhará só a metade.

Clóvis Roberto dos Santos
Cadeira 16 — Patrono Euclides da Cunha

Humberto Domingos Pastore, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 19 cujo patrono é Dom Aquino Correa. Nasceu em São Caetano do Sul em sete de fevereiro de 1955, filho de Osvalter José Pastore e Maria de Lourdes Pastore. Formado em Comunicação Social, especializado em Jornalismo e em Teologia da Igreja Cristã. Atua no campo da Assessoria de Imprensa, respondendo pela comunicação da Diocese de Santo André. É autor dos seguintes livros: Contador de Causos Urbanos; Santa Rita de Cássia – A Padroeira do Pinheirinho; Cônego Belisário – O condutor de almas que já foi tangedor de jumentos; Lins – A saga de um líder sindical, Falando de Comunicação e de Pastoral de Comunicação, Tadeu – O outro Judas e Grudando letras, formando palavras, escrevendo frases.

Viver

Ato Contínuo de Abrir Portas

Humberto Domingos Pastore

O ser humano está sempre abrindo portas. Este ato segue e persegue a humanidade. Muitas são as portas a serem abertas durante a sua vida. Sim, pode crer.

Porta da Barriga

O som das ambulâncias, que chegam e partem se repete a cada cinco, ou seis minutos. No espaço reservado para a espera, um homem, senta e se levanta numa repetição fora do normal. Enquanto isso na recepção, atendentes passam as informações que lhes são solicitadas. E nesse hospital, também maternidade, uma mulher sofre com as dores do parto, entre sorrisos e lágrimas, aguarda o nascimento do segundo filho.

Este que mal sabe o que está ocorrendo, prepara-se para abrir sua primeira porta. A porta que vai lhe dar à luz do sol, o brilho da lua, o silêncio de uma noite escura e o som ensurdecedor de mais um dia agitado na cidade onde o destino escolheu como sua moradia.

É a porta da barriga que se abrirá em exatos doze minutos.

Porta do Saber

Joaquim um garoto de cinco anos. Acordou com sentimentos diferentes naquela manhã. E o sinal de que algo estava se modificando em sua vida é que, pela primeira vez, sua mãe o estava vestindo com roupas que nunca havia usado. O uniforme da sua nova escola.

Sabia que viveria a partir dali histórias diferentes. Seus pais haviam lhe dito que esta seria uma escola diferente, agora começaria um período onde não mais passaria o dia entre brincadeiras. Agora aprenderia a compreender e ler aqueles riscos desconhecidos e que uma infinidade de informações passaria a fazer parte de seu cérebro.

Estava prestes a entrar em uma nova porta, ainda mais importante do que aquela de ferro na frente da nova escola.

Estava prestes a adentrar a porta do saber!

Porta da Maioridade

O casal de meia idade tomava o café matinal como de costume. A conversa é que era diferente. A mulher começou o diálogo recordando o que acontecera naquele dia, há dezoito anos. O homem sentado também tinha situações a recordar no ocorrido de anos passados.

Entre as lembranças o fato principal fora o nascimento da primeira filha do casal, Julieta, que agora chegava aos seus dezoito anos.

Para ela, aquele dia também trazia recordações e mais do que isso planos. Era o seu futuro que começava

a aflorar. Passava a ganhar novos e aguardados direitos. Sabia que junto viriam inúmeros deveres, mas estes podiam esperar. A alegria por passar uma importante barreira era o que mais importava naquele dia.

Julieta estava prestes a transpor a porta da maioridade.

Porta da Senilidade

Um homem comtemplava, ao espelho, uma calvície até que charmosa, misturada por ainda resistentes cabelos embranquecidos. O ato de olhar no espelho não era, evidentemente novo. Fazia isso ao menos uma vez por dia ao longo de sua vida. Mas naquele dia tinha algo novo. Comemorava sessenta anos.

Acostumara-se a ouvir histórias sobre a Melhor Idade, a entrada na Terceira Idade, algo que sempre lhe parecera estar muito distante. E mesmo agora sob o peso de seis décadas estava consciente de que esta história de velhice não era para ele.

Claro que haviam surgido doenças e que remédios agora faziam parte de sua vida. Dores antes inexistentes começavam a incomodá-lo. Até suas preferências agora eram outras. É, parece que algo estava mesmo acontecendo com seu corpo, com sua vida.

Aquele homem, diante do espelho, estava querendo ou não, abrindo a porta da senilidade.

Porta Cavada

Durante toda vida, Alberto abrira portas que ficavam em sentido vertical à sua frente. Às vezes as abria. Outras, abriam para ele, após alguns toques manuais ou apertos de campainha.

Agora, Alberto estava indiferente. Não estava nem presente. Havia falecido. Estava inerte em um caixão, entre flores e rendas. Uma multidão dizia frases que não mais podia ouvir. Logo o caixão seria fechado, os amigos o carregariam, e uma porta cavada no chão seria a sua última a ser transposta.

Desta vez não abriria a porta e nem precisaria tocar a campainha. Chegara a hora da sua porta cavada.

Porta Além

Fernanda sentia dores. Acamada há várias semanas e as mudanças, quando ocorriam, eram porque seu quadro clínico havia piorado. Sabia que seu tempo na Terra estava terminando, que seu estado de espírito, era de amargura, mas também de uma tranquilidade, que não sabia de onde vinha.

Ela tinha uma religião. Durante toda vida recebera e aceitara a informação de que um paraíso estava à espera daqueles que um dia nasceram e viveram. Pôs-se a pensar nesse seu futuro, que parecia agora tão próximo. No seu interior sabia que iria transpor mais uma porta; uma porta que estaria aberta a ela, uma porta que na sua imaginação estava cercada por nuvens celestiais.

Fernanda estava sonhando com a porta do além.

Porta Fechada

Benjamim mais uma vez vivia um dilema que sempre o acompanhou. Sua timidez não o deixava tomar as decisões que necessitava. Ficava sempre do lado de fora das oportunidades que a vida lhe dava. Sabia que não deveria agir assim, mas uma força interior, muito poderosa o prendia ao chão, não o deixava dar o passo decisivo.

Novamente Benjamim encontrava-se naquela situação. Seu futuro, sua vida dependiam daquele próximo ato, do próximo passo, da decisão de dizer sim. Mas continuava inerte.

Benjamim estava diante de uma porta fechada, de uma oportunidade que sua indecisão não o deixaria vivenciar. Que pena!

Porta Aberta

Dr. Carlos, advogado, era um homem extremamente elegante. Sempre impecável no vestir. Por mais que o vento soprasse, seu cabelo não sofria qualquer abalo. Todos ao seu redor tinham a impressão de que ele não precisava correr para atingir a meta, as coisas lhe chegavam com muita facilidade.

Dr. Carlos fazia parte de um seleto grupo de seres que são premiados com as melhores situações, cujas dificuldades, se existirem, são facilmente resolvidas e, sem sequelas.

Poucos são os seres humanos que possuem vidas iguais a dele. A maioria da população precisa correr, suar, insistir, brigar, lutar para conseguir metade do que os *doutores carlos* da vida conseguem num piscar de olhos.

Parece que para o Dr. Carlos a porta está sempre aberta.

Porta Para Sair

Um pensamento sempre acompanhou aquele cidadão. Francisco Martins vivia se perguntando se as portas foram feitas para servir como entrada ou como saída. Para ele existia uma diferença enorme entre servir para entrar ou ser utilizada para sair.

Francisco chegava a divagar se a porta que serviu

para entrada, seria a mesma que para sair. Por mais que o modelo de um lado da porta fosse igual ao seu anverso, para ele, nunca parecia a mesma, e nela via existirem enormes diferenças.

Francisco, como um filósofo, punha-se a pensar que a pessoa que entrara numa porta não era a mesma ao sair. Incontáveis acontecimentos teriam modificado a pessoa. E você? Já pensou como Francisco? Ele está certo em suas divagações?

Afinal, trata-se ou não de uma simples porta que usamos como saída. Seria só uma porta para sair!

Porta Para Entrar

Afinal de que lado da porta passamos mais tempo em nossas vidas? Seria aquém da porta, ou além da porta. Qual lado é nosso companheiro mais constante em nosso dia a dia?

Não é o caso de ficarmos sentados diante de uma porta, mas sim decidir de qual lado da porta estamos vivendo nossas vidas. Esteja ela aberta, entreaberta, fechada ou chaveada. Na realidade trata-se de escolha individual para passarmos nossa vida.

Enquanto vivemos, encontramos todos os dias muitas portas para entrar ou para sair. Será que são iguais? Afinal quem entra tem que sair. E quem saiu tem que entrar, é isso mesmo? Ou não!

Você já encontrou aquela porta em que gostou de entrar? A sua porta de entrada. Aquela que você não queria ter de usar para sair?

E aí? Qual é a sua melhor porta para entrar?

Porta Portão

Para ser uma porta de verdade é preciso que tenha tramela. Só é porta de verdade quando tem uma

chave? O que seria de uma porta caso não existisse a chave correspondente?

Porta de madeira é igual a uma porta de vidro. Existiria uma divisão de valores, como os seres humanos costumam se identificar, seja por castas, cor, ou classes financeiras. Talvez sim, afinal tem portas rústicas em casebres e portas monumentais nas residências mais abastadas. Então, toda porta é porta?

Mirtes entende que não. Ela sempre diz que são várias as formas e formatos de portas. E vai enumerando: portinha, porteira, portinhola, portão. Isso mesmo, para Mirtes existe muita, muita mesmo, diferença entre uma porta e um portão.

A porta é individual. As pessoas a transportam sozinhas, mas o portão é mais democrático, permite que passem ao mesmo tempo uma multidão, uma boiada.

A sua é uma porta, porta ou uma porta, portão?

Porta, Porta

Dias atrás, em um vídeo que assisti, um filósofo, cujo nome não recordo, explicava o sentido de transportar as portas. Resumindo, ele dizia que existem portas que nos levam para um quintal, uma casa, um cômodo; e que existem outras que possuem um significado mais espiritual, mais sobrenatural.

Na realidade usou este preâmbulo para entrar no assunto sobre o qual queria falar — Portal. Uma palavra derivada de portão, mas que a eleva a patamares inimagináveis, e nos permite elevar o pensamento para ambientes desconhecidos e até celestiais.

Diante da fala desse filósofo, me pus a pensar. Será que já teria transportado um portal? Será que algum

dia poderei fazê-lo? Será que alguma pessoa terrestre já ultrapassou algum portal?

Não consegui responder. Talvez algum dia sonharei com a porta portal.

Porta Portaria

Marquinhos estava radiante naquela manhã. Depois de muito batalhar, bater em muitas portas onde sempre recebia um não, desta vez estava pronto para mudar de vida. É que tinha conquistado uma vaga de emprego.

Não era um salário dos mais pomposos, mas lhe devolveria a dignidade como cidadão, capaz de arcar com suas despesas, de voltar a ter uma vida social. Marquinhos sempre gostara de cinema, uma diversão que já não fazia parte de sua vida e que agora poderia voltar a fazer.

Tomava o café, ainda magro, já que apesar de empregado, aquele era o primeiro dia em que estaria trabalhando, o salário ainda demoraria a aparecer. Enquanto sorvia seu café se pôs a pensar. Recordou as inúmeras portas às quais havia batido para em seguida sair com as mãos abanando, ou seja, sem o sim que modificaria sua vida. Agora tudo seria diferente.

No entanto, veio à mente de Marquinhos que dali a uma hora não estaria diante de uma porta, mas sim de uma portaria. A portaria da empresa da qual passara a fazer parte. A empresa que ao contratá-lo restituiu-lhe a alegria de viver, a dignidade e lhe forneceu um uniforme.

Marquinhos alegrou-se em perceber a diferença, a grande diferença entre a porta e a portaria que *ganhou* como presente na contratação. Não seria apenas uma porta, mas sim um portão imenso que se abriria para

ele todas as futuras manhãs.

Sim, Marquinhos estava certo. Existia uma grande diferença entre as portas que já teve diante de si, e aquela nova passagem, a porta portaria.

Humberto Domingos Pastore
Cadeira 19 — Patrono Dom Aquino Correa

Alcidéa Miguel de Souza, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 25, cujo patrono é Vinícius de Moraes. Nasceu em Vitória – ES, em 1962. Casada, três filhos. Educação Artística pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Licenciatura Plena em Música e História da Arte. Professora de Educação Infantil e Ensino Médio. Estudou na Fundação das Artes em São Caetano do Sul — São Paulo—, saxofonista formada por esta instituição. Formada em regência, violão, violino e canto. É conferencista, ministra palestras sobre temas que abrangem artes e música. Contadora de histórias e escritora. É autora dos livros: Ainda há tempo para a esperança; Ser Mulher; Eu também chorei na escola; Cadernos Negros e O artista é você. Gravou o CD Solo: Mais que Maravilhoso.

Nos bastidores

Alcidéa Miguel de Souza

Nil era um tímido garoto de dez anos, cabelos e olhos pretos escondidos atrás das grossas lentes de seus óculos. Sua irmã Lara era dois anos mais nova. Juan, o pai, químico bem-sucedido que trabalhava em uma empresa de cosméticos. A família tinha uma propriedade na bela cidade de Madri.

No entanto, Juan era desatencioso com a família por conta de sua dependência com o álcool. Terminada sua jornada diária saía para beber com os amigos. Motivo de grande tristeza para todos pois voltava para casa bêbado causando grandes transtornos.

Célia, sua mãe dedicava-se totalmente a eles e aos afazeres da casa. Era triste e falava pouco.

Além do problema com o álcool, Juan gostava de importunar o filho diante dos amigos de copo, perguntando-lhe a tabuada, com muita rapidez, na intenção de que não conseguisse responder. Se errasse, levava um forte tapa na cabeça cuja única intenção era humilhá-lo. E os cachaceiros, divertiam-se às custas de sua falha. Desesperado e humilhado, Nil corria aos prantos para os braços de sua mãe que também chorava. Isso entristecia a família.

A embriaguez constante do chefe de família fazia com que ele menosprezasse os filhos, principalmente Lara — dizia que nunca quisera ter uma filha.

Ignorava-a, era como se a menina não existisse. Seu único motivo de alegria era saber que Nil estudava violão no conservatório de Madri, localizado na *Plaza Mayor*. Uma grande praça retangular, rodeada de edifícios de até três andares, com restaurantes. Nesse local as pessoas se reuniam para comer, comprar, passear e tomar uma *caña*.

Nil ainda era um aprendiz e precisava estudar diariamente por muitas horas. Amava o instrumento. Total de nove anos de conservatório, cursara até então quatro anos. A música flamenca o encantava.

O pai sabendo da predileção de seu filho por esse tipo de música, comprou dois tickets para levá-lo à apresentação do grupo *Luz del Sol* para comemorar seu aniversário de 14 anos.

Célia e Lara, ficaram em casa fazendo um bolo de chocolate, lindamente decorado, para o aniversariante, enquanto eles iam ao teatro da cidade assistir ao famoso grupo que reunia dança e canto, acompanhado pelo violonista José Matana.

O pai, por seu constante estado de embriaguez não usava o automóvel e assim, seguiram andando para o teatro, onde se realizaria o espetáculo, que ficava há 20 minutos de sua casa.

Ao chegarem, Juan serviu-se de uma taça de Sangria, deliciosa bebida espanhola, que mistura frutas, vinho e refrigerante de limão, distraindo-se enquanto assistia ao prazenteiro *bailao* com suas roupas ciganas. As mulheres com vestidos vermelhos, longos e cinturados, caldas de sereia, longos brincos nas orelhas, pulseiras exuberantes, cabelos bem presos, sapatos com saltos de metais. Os homens com roupas de cores preta, bem ajustadas em seus corpos, elegantíssimos e sensuais, dominando o palco.

Sem se preocupar com coreografias, Nil se manteve atento ao entrelaçar dos acordes do violão

em harmonia com o sapateado dos dançarinos que ecoava ritmadamente, como as batidas dos corações apaixonados. Seus olhos e seu coração saltavam contemplando o som dos violões dos *tocaores* flamencos. Um espetáculo de grande magnitude que teve a duração de uma hora e meia.

Ao final do espetáculo, o pai de Nil encontrou-se com uma família de amigos que estava na plateia e começaram a conversar.

Nil resolveu procurar pelo *tocaor*, mas não o encontrou pois ele e os dançarinos foram para os camarins ficando incomunicáveis. Inconformado, resolveu ver o que havia por trás das cortinas do palco. Subiu rapidamente os degraus que dividiam a plateia do palco, e puxou as cortinas decidido. Para sua surpresa, estava sentada em uma cadeira, apoiada sobre a mesa, uma simpática menina de dez anos. Morena, cabelos crespos, olhos pretos e dona de um belo sorriso. Seu nome era Anabela.

— Olá rapaz, boa noite! Procura por alguém?

— Boa noite! — Gostaria de conhecer o *tocaor* José Matana. Será possível?

— Claro —, respondeu-lhe Anabela! — Ele é meu pai, porém, logo que acaba o show se retira para casa pois não tem paciência com o contato do público.

Contou-lhe que ele era separado da sua mãe a dançarina do espetáculo e que moravam em endereços diferentes. Para conhecê-lo pessoalmente teria que esperar pelo próximo show.

Nil ficou impressionado com a desenvoltura da garota. Para seus poucos anos era muito esclarecida e comunicativa. Curioso perguntou-lhe:

— O que você faz atrás do palco?

— Sou estudante de dança e de violão flamenco e esse grupo é composto pela minha família. Junto com minha mãe planejo o show, idealizamos toda

produção, fazemos os desenhos do palco, a marcação para os dançarinos e montamos as coreografias. Esse é o motivo, porque durante todo show fico aqui atrás das cortinas observando. Prefiro assim, mas nos ensaios fico na plateia para avaliá-lo. Minha tia, irmã da minha mãe, ensinou-me a desenhar o mapa do show. Veja como faço, e foi mostrando a Nil, com entusiasmo seus mapas e croquis. Ele simplesmente estava encantado com tudo aquilo. Mostrava-se admirado pelo esclarecimento, pela inteligência artística, e por ser tão pequena, dançarina, estudante de música e principalmente pelo seu amplo conhecimento. Além do mais, porque assim como ele, amava o violão.

A menina, tinha um coração diferenciado — coração violão. Por isso seus olhos brilhavam ao apreciar sua beleza!

O que estaria acontecendo com seus sentimentos? Neste momento o pai o chamou para irem embora. Nil, imediatamente, perguntou a Anabela:

— Posso voltar aqui amanhã para conversarmos?

— Sim, estudo pela manhã e após a aula vimos, eu e minha família para o teatro ensaiar. Ficamos durante todo o dia aqui. Pode vir sim, falarei com a minha mãe que deixará você entrar para conversar com a gente.

— Em qual escola você estuda violão flamenco? — Perguntou Nil.

— No Conservatório da cidade.

Seu pai o apressava para irem embora. Despediu-se e saiu correndo. Anabela sorrindo, acenou-lhe um até logo.

Nil ao sair pensou — vou me casar com você menina, assim que crescer!

Foram para casa para terminar a celebração de seu aniversário. Saborear o delicioso bolo que sua mãe e a irmãzinha Lara, haviam preparado. Durante o caminho a música do violão não saía do seu pensamento nem o

rosto e o jeitinho de Anabela. Por incrível que pareça o adolescente estava inteiramente impressionado com o talento e simpatia daquela menina! Já se sentia apaixonado e pleno de encanto. Terminaram a comemoração de seus quatorze anos e foram dormir.

Nil preparava-se para o recital de violão do conservatório onde todos os alunos apresentariam uma peça musical escolhida pelo professor. Seu repertório era de música flamenca. O musical estava agendado e o trabalho requeria muito ensaio presencial, o que era necessário para a avaliação do professor. Em um desses ensaios gerais a presença da sua mais nova amiga Anabela, surpreendeu-o. Ali estava a menina que encantara seu coração. Sentaram-se no chão da sala de ensaio do conservatório e conversaram por muito tempo, gargalharam, pareciam gente grande! Um tocou a música do recital para que o outro pudesse avaliar aproveitando ao máximo a conexão entre eles. A menina comportava-se como adulta pois convivia diariamente com o grupo familiar no teatro.

Apaixonado o adolescente seguia visitando a menina-moça, dia a dia, no teatro. Passavam horas conversando, jogavam partidas com jogos lúdicos, tocavam violão e brincavam de desenhar mapas de palco. Arranjavam pretextos para estarem juntos, existia amor entre eles.

Chegou à noite do recital.

Anabela estava linda, vestido rodado, cabelos penteados com esmero e enfeitados com um laço branco. Ao subir ao palco, interpretou com seu violão uma música com toque cigano onde apresentou toda sua técnica. Uma verdadeira profissional.

Nil, também estava elegante, trajava blazer cinza claro, calça jeans e calçava o sapatênis que ganhara de seus padrinhos. Um momento encantador para o público. Apresentou sua técnica diferenciada,

marcando o ritmo com as mãos, pés e coração — revelando-se um grande músico.

Ambos foram muito aplaudidos consagrando a unidade daqueles corações artísticos e apaixonados. Uma paixão que começara no primeiro olhar, em seu primeiro encontro.

Passaram-se anos. Nil não parava de pensar em Anabela que já era uma linda adolescente. Sonhava beijando a boca da sua linda menina-moça, sonhava correndo no jardim florido com ela, brincando de esconde-esconde e depois dando-lhe outro beijo. Da mesma forma ela pensava nele, queria beijá-lo, esperava por esse dia, sonhava receber do seu amado uma linda serenata de violão ao luar; mas nenhum dos dois tinha coragem de se declarar sobre seus sentimentos. Tinham medo da não correspondência de anseios gerar um total afastamento que resultaria na quebra da amizade tão calorosa e cheia de carinho e amor.

Nenhum dos dois dizia nada. Um secreto amor! Quando ele não a via na escola de música, a visitava no teatro.

Comentando com seu primo Javier, de 21 anos, sobre o amor que sentia por Anabela, ele o encorajou para que falasse com ela. Diante disto, planejou por muitos dias como se declarar.

Depois de nove anos cursando aulas de violão no conservatório, Nil, agora com vinte anos e Anabela com dezesseis. Resolveu que a pediria em namoro no dia da formatura. Não aguentava mais abafar tamanha paixão pela jovem. Ensaiou diante do espelho cada palavra, formando pequenas frases de amor que lhe diria. Por fim apenas: — Minha princesa, quer namorar comigo? — tudo na ponta da língua, ensaiadinho.

Anabela também compartilhara com sua tia sobre seu amor por Nil e que esperava pelo pedido de

namoro. Demonstrava isso no olhar e no sorriso. Fazia muito tempo que tinha essa expectativa. Quando se encontravam o clima de amor era profundo! Passavam momentos entreolhando-se sem nada dizer. Ambos queriam declarar-se

No dia da formatura tão esperado, após a cerimônia, ao entregarem as becas, subiram as escadarias que os levariam ao local onde estavam seus pais. Um longo trajeto. Nil decidiu que era melhor declarar-se, mas esperou até o último momento.

Anabela entregou sua beca e foi surpreendida por um dos rapazes que também cultivava esse sentimento em segredo; adiantando-se a Nil, agarrou-a pela mão, dando a entender que algo havia entre eles. Não existia nada. Olhando-os assustado, Nil sentiu-se desapontado... Ambos desapareceram de sua visão, ele, sem poder conter-se, desatou a chorar. Seu mundo desabara ali! Nil era inseguro, tímido, sentimentos causados pelo sofrimento que tivera ao lidar com o alcoolismo do pai. Assustava-se e recuava diante das barreiras. Não sabia lutar. Estava desconsolado e banhado pelas lágrimas perguntava-se — onde terá ido o meu amor? O que aquele rapaz está fazendo com ela? Será que a beijou? Levou-a para sempre?

O rapaz desapareceu com Anabela…

Nil entregou seu material da formatura e foi embora. Chorou toda a noite. Temeroso pelo que poderia ouvir de Anabela passou a semana longe do teatro. Formaram-se e não haveria mais aulas. Tudo terminara.

Uma tristeza imensa deixou-o sem apetite e passou a chorar diariamente. Preocupada, sua mãe perguntou-lhe o que havia acontecido. Muito triste ele lhe contou a sua desventura. Não podia ajudá-lo, pois era tímida e muito sofrida, havia passado por muita coisa em seu casamento. Sem se dar conta do mal que fazia disse ao

filho:

— Você perdeu. Procure outro amor. Você é jovem e bonito, cheio de talentos. Procure quem o ame de verdade, esqueça essa moça, ela não merece seu amor! Chega de chorar, homem não chora. Chega! Gritou irritada.

Nil levantou-se, enxugou as lágrimas e ficou pensativo, aquele amor estava em seu coração, amava-a desde o primeiro dia em que a vira. Ainda muito confuso, planejou como deveria agir.

Anabela sem saber de nada e morrendo de amores, tocava seu violão pensando nele. Chorava. Beijava o espelho imaginando beijá-lo. Nil desaparecera, não ia a sua casa, nem ao teatro. O conservatório terminara e não havia o que fazer. Sergio, o outro apaixonado, ia todos os dias vê-la, jurando amor e procurando conquistá-la.

Num fim de tarde chuvoso, por volta das 16h, Nil resolveu fazer uma última tentativa. Vestiu-se e pegou o violão, tocaria a música que ela gostava. Foi ao teatro onde Anabela passava a maior parte do dia com a família. Chegando lá, subiu a escada do palco sofregamente, abriu a cortina como sempre fazia e quando olhou, lá estava ela, sua amada, de mãos dadas com o Sergio. Uma forma romântica. Apenas de mãos dadas, mas, demonstrava que aceitara o pedido do apaixonado rival. Todas as dúvidas foram esclarecidas. Era o momento de partir para um novo rumo. Perdeu o chão. Saiu em silêncio. Violão nas costas, soluçava. A passos largos queria chegar rápido em casa e abraçar sua mãe. Ela nada disse, pois sabia do que se tratava. Em seu quarto deitou-se ouvindo a Sonata ao Luar, de Beethoven. Sua mãe ouvia os soluços que se confundiam com a música.

Por sete meses ficou sem sair de casa, estava muito desanimado. Não acreditava mais no amor.

Um dia um amigo do conservatório, que havia estudado com ele, tocou a campainha de sua casa e o convidou para ir à festa de aniversário do ex-professor de teoria. Nil, inicialmente, não aceitou alegando estar com uma enorme tristeza e sem vontade para conversar. Jorge, seu amigo tratou de animá-lo e conseguiu levá-lo à festa que aconteceu no clube do violão, localizado no centro de Madrid. Ali, Nil conheceu uma simpática moça que se aproximou dele, apresentando-se e elogiando-o pelo recital. Cobriu-o de atenções e não o largou mais, estimulando-o a conversar e demonstrando-lhe carinho. Após um ano de namoro Nil casou-se com Cristina. Tiveram um menino, depois de quatro anos, Ian e em seguida a menina Alma. Eram os donos do Terceiro Conservatório de Música em Barcelona.

Anabela casou-se com Sergio. Trabalhava como dançarina no grupo de música flamenca *Luz del Sol* era professora de violão no Teatro de Madrid; tiveram uma filha: Lola.

Cada um com seus afazeres diários e suas profissões, envolvidos com suas famílias, não se viam desde os seus desencontros e desilusões amorosas. Juan, pai de Nil, falecera há um ano, vítima de cirrose hepática provocada pelo alcoolismo. Lara casara-se há dois anos e tinha uma filha. Celia, viúva, não quis casar-se novamente e morava nos fundos da casa de Lara. Nil tentava conduzir seu casamento da melhor forma possível, seu verdadeiro amor ainda era Anabela, mas entendia que o destino não permitira que ela fosse dele.

Sem perceber seus olhos ficavam marejados, sempre chorava. Precisava conformar-se.

Anabela estava casada com Sérgio, ele infeliz. O casamento ia de mal a pior, era um relacionamento desconectado, sem entrega.

De comum acordo, Nil e Cristina resolveram divorciarem-se para não se machucarem ainda mais, o que lhes permitia novas oportunidades para serem felizes.

A família de Cristina era de Barcelona. Divorciaram-se e fizeram a partilha dos bens. Ela foi morar na propriedade que adquiriram ao se casarem, localizada em um ótimo bairro. Nil ficou morando na casa dos fundos onde tinham o conservatório de música.

Aos finais de semana visitava sua mãe e irmã em Madrid e na companhia delas se alegrava. Tinha por hábito levantar-se às 7h, tomar o café e ler o jornal, gostava da página de notícias de cultura o que lhe permitia acompanhar as programações do grupo *Luz del Sol*, da família de Anabela. Naquele domingo em Madrid, foi surpreendido pela notícia: ”Morreu nesta madrugada o *tocaor* José Matana. O violonista do grupo de dança dirigia seu automóvel, um Peugeot vermelho, sofreu um acidente quando se dirigia de Málaga a Madri. Um Citroën, branco, cruzou a pista na contramão provocando a colisão fatal. Morreu instantaneamente.” Era o pai de Anabela!

Nil fechou o jornal imediatamente, e saiu para a casa da família *Luz Del Sol*. Os soluços de Anabela podiam ser ouvidos desde o portão. Ele apressou o passo para encontrá-la, com os olhos banhados em lágrimas. Ao entrar viu Anabela sentada no chão, atrás das cortinas do palco. Solitária, como sempre, revendo na memória todos os momentos lindos que vivera naquele palco, acompanhada pelo brilhantismo de seu pai. Agora falecido.

Crescera ouvindo o dedilhado suave, marcado pelas batidas de seu coração, ritmando a canção, ensinando-a a amar. Ninguém tiraria de dentro dela o que seu pai lhe deixara. Esse homem pelo seu decisivo dedilhar das cordas, trouxera amor à sua vida. A

menina-mulher chorava muito!

Nil a abraçou confortando, ela abandonou-se em seus braços, ambos choraram copiosamente. O mundo parara para eles!

— Que quer que eu faça? — perguntou ele. — Eu vim para apoiá-la!

— Não saia nunca mais de perto de mim — disse ela.

Surpreso, perguntou:

— Onde está seu marido?

Com tristeza Anabela lhe contou,

— Abandonou-me há um ano e meio, simplesmente me deixou, arrumou as malas e partiu! Coitadinha da minha filha... — abraçou Nil aos prantos, enquanto ele a surpreendeu com um longo e apaixonado beijo. Ficaram assim por um longo tempo, carinho, paixão, cumplicidade, apoio. O que pensavam realmente era — estamos juntos para vivermos tudo o que não nos foi permitido. Olharam-se, e ela disse:

— Amo você meu eterno amor!

— Eu também, — respondeu — adoro você.

— Você irá conosco ao funeral? — indagou Anabela.

—Nunca deixaria de ir — balbuciou e foram muitos beijos marcados pela paixão e inundados pelo luto silencioso.

Anabela sentia-se reconfortada por estar com ele. Ao cair da tarde sepultaram o *tocaor* José Matana ao som do violão, tocando flamenco e interpretado por Nil.

No dia seguinte, segunda-feira, ele precisava voltar para Barcelona e trabalhar no conservatório, era dia normal. Retornou com o coração apertado e focado em reestruturar sua vida, pois filhos e trabalho estavam em Barcelona. Anabela, seu amor, ficara em Madrid, onde trabalhava com a família que dependia de sua arte. Precisava reorganizar tudo, não abriria mão de

ser feliz com a mulher da sua vida. Amava-a desde a primeira vez em que a vira, era uma menina. Esse amor trazia beleza à sua vida, o fazia homem. Não poderia viver sem ela, não perderia mais tempo longe da mulher da sua vida.

Passou na casa dela antes de viajar. Mesmo abatida e ainda chorosa, estava linda. Saíram para tomar um café, beijou-a nos lábios como sempre sonhara. O mundo ficou estático para eles. Era um momento de entrega de corações, eles se amavam, suas almas compartilhavam a música, os sonhos, e agora os planos de amor. Ficaram longo tempo abraçados fazendo planos para o futuro. Ela ainda chorava a perda do seu pai.

Nil partiu para Barcelona com a promessa de regressar no próximo fim de semana.

Anabela sentia-se feliz por estar com seu amor, ansiosa que ele voltasse logo, triste pela morte de seu pai, contemplava com pesar o sofrimento de sua mãe e a ausência de Nil que precisava ir trabalhar, enfim uma mistura de sentimentos! Conformada despediu-se dele.

A semana passou lentamente, o relógio não colaborava! Uma semana sofrida e interminável.

Na sexta-feira, no fim da tarde, Nil pegou a estrada, fazendo o trajeto de Barcelona a Madrid. Seu coração batia descompassado. Estava louco para ver sua linda menina que virara mulher.

Chegou ao teatro levando-lhe flores, abriu as cortinas do palco e lá estava ela, linda.

Ele a tomou nos braços e a levou para um lindo quarto de hotel onde passaram o fim de semana amando-se muitas vezes e jurando amor eterno. Assim foram, por nove meses, os seus finais de semanas.

Faziam planos! Pretendiam morar em Madrid onde viviam a mãe, a irmã dele e o grupo de coreografia

da família dela. Lola moraria com eles. Nil traria seu conservatório para Madrid. O único e grande problema, seriam seus filhos que ficariam em Barcelona. Não tinha jeito.

Levaram três meses para consolidar a decisão e marcar a data do casamento. Agora ambos livres e divorciados. Despediram-se com o costumeiro apertado e longo abraço e beijos apaixonados.

Ele tomou a estrada de retorno para Barcelona para terminar os detalhes finais. Ao chegar em casa, sentiu uma forte dor na dobra de sua perna. Embora incomodado, não deu muita atenção. Devia ser por haver dirigido tantas horas. Seguiu com a desmontagem dos instrumentos. A dor insistia e era intensa. Foi deitar-se. Ao acordar percebeu que sua perna estava vermelha muito inchada. Também estava indisposto e tinha falta de ar. Sentia-se muito mal.

O telefone que sabia de cor era o da sua ex-mulher. Rapidamente discou o número e já com um sopro de voz disse:

— Cristina, estou muito mal, por favor me ajude.

Ela veio imediatamente, já chamara uma ambulância que o levou para um Pronto Socorro.

Seu quadro piorara e sua falta de ar aumentara. Ficou internado e passou por uma cirurgia vascular. Foi diagnosticado com problemas de estenose — veias safenas obstruídas — dos vasos das pernas.

Cristina telefonou para dona Célia e para Lara, informando-as sobre a saúde de Nil. Lamentaram muito; no entanto, colocaram muitas dificuldades alegando distância. Não gostavam de sair de casa. As duas, eram bem depressivas. Ficariam em casa rezando e avisariam seus amigos em Madrid sobre o estado de saúde de Nil.

Lara foi avisar Anabela. Era sábado, ele estava internado e ela o esperava como de costume.

Desesperada começou a chorar. Mais uma vez seu mundo parecia desabar.

—Quanto tempo ficará internado? — perguntou.

— Por volta de oito dias — respondeu-lhe Lara. — Terá que usar meias de alta compressão. Anabela chorava… E alarmada:

— Quem está cuidando dele?

— Veja bem, a única pessoa que mora em Barcelona é sua ex-mulher. Ao sentir-se mal ele a avisou... Não fosse por ela, teria morrido. Desde então, ela e os filhos estão cuidando dele! Está precisando de ajuda para tudo...tente compreender Anabela.

Anabela chorava desesperada. Numa crise de ciúmes começou a se lamentar.

— Perdi meu amor, sou uma infeliz, não tenho sorte, já posso morrer — gritava desesperada.

— Essa mulher vai roubá-lo de mim — abraçou-se a Lara e as duas choraram.

A equipe médica havia recomendado repouso absoluto, que não fizesse nada sozinho! Cristina prontamente se dispôs a ajudá-lo.

A experiência do término de seu casamento, havia lhe mostrado as dificuldades de viver sozinha. Seus filhos sentiam falta do pai. Decidira lutar para recuperar a família. Desejava estar perto de seu músico preferido, alimentava a esperança de retomar seu casamento. Cuidava dele com muito carinho e dedicação.

Nil estava grato a Cristina, mas não pensava em reatar sua união com ela. Recuperado, resolveu telefonar para Anabela.

— Meu amor preciso vê-la, venha me visitar, não tenha receio.

Sem perder um minuto, ela pegou seu carro e foi para Barcelona.

Ao entrar na casa, escutou o violão tocando seu

estilo preferido — flamenco. Entrou no quarto na ponta dos pés, abraçou-o com amor, as lágrimas de ambos se misturaram.

— Não se preocupe, logo estarei curado, confie! Me espere, meu eterno amor. Tudo passará e nossos planos a seu tempo se realizarão.

— Vamos nos casar logo após sua recuperação? Me responda, por favor —, perguntou ela.

— Nada mais poderá nos afastar, não deixaremos que isso aconteça, meu amor. A felicidade nos espera além das cortinas e muito além do horizonte...

Alcidea Miguel de Souza
Cadeira 25 — Vinicius de Moraes

Eva Bueno Marques, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 26 cujo patrono é Cecilia Meireles, desde junho de 1983. Nasceu em Conceição da Aparecida-MG. Farmacêutica pela Escola Federal de Farmácia e Odontologia de Alfenas — MG. Aposentada pelo Banco do Brasil. Fez vários cursos de Literatura, participou do Seminário sobre os cem anos de nascimento de Cecília Meireles, em 2001, na USP, com a filha e a neta da poetisa. Mestre de Cerimônia em vários eventos. Declamadora, se apresentou em dois recitais de poesia na cidade, de São Caetano do Sul em 1994 e 2005. Artigos publicados em Antologias e Revista Raízes da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, onde é membro do Conselho Diretor desde 1997. Artigos publicados na Revistas Tamises da Algrasp. Trabalhos publicados em jornais da região e de cidades do Estado de Minas Gerais. Escreveu vários prefácios e orelhas de livros lançados por escritores da cidade e de outros municípios. Membro suplente do Conselho Municipal de Cultura do município, na área de Literatura.

A virtude do silêncio

Eva Bueno Marques

"A palavra é tempo, o silêncio é eternidade"
Maurice Maeterlinck

Mais de meio século se foi e os acontecimentos no Colégio das freiras, estão registrados e ainda vivos na lembrança de Catarina que, durante quatro anos de sua adolescência ali cursou o ginasial, que nos dias atuais passou a ser o Primeiro Grau. Foram anos de muito aprendizado para a sua vida, além da instrução básica necessária para que ela ingressasse, posteriormente, no curso Normal, em outra cidade.

Berço da Congregação das Irmãs da Providência, no Brasil, as primeiras freiras vieram da França, para se instalarem naquela cidadezinha do interior de Minas, desconhecendo o que iriam encontrar, como viveriam e que rumo tomariam as suas vidas, num país distante que falava uma língua diferente. Seguindo os seus votos de obediência, atravessaram o Atlântico, para plantar as sementes de sua dedicação e seu amor, em longínquas terras.

Sr. Júlio de Castro, admirado e estimado na cidade como símbolo de fineza e esmerada educação, foi o escolhido para recepcioná-las no Porto Carrito, uma fazenda situada às margens do Rio Sapucaí, onde ancoravam as embarcações menores, os barcos a vapor, que navegavam pelo rio. Ali era o ponto mais próximo para se chegar à cidade de Carmo do Rio Claro. Não se deve esquecer da dificuldade de locomoção da época, da falta de estradas rodoviárias no início do século vinte.

Contou, Sr. Júlio, em uma palestra, que fez posteriormente no Colégio para as alunas, que ele e mais alguns homens da comitiva foram a cavalo, levando cada um outro cavalo manso arreado, para que as freiras chegassem até a cidade. E que durante o percurso da volta, elas que nunca haviam montado e cansadas da longa viagem de navio, a caminho do desconhecido, naquelas estradas estreitas e íngremes, gritavam com medo: *Mon Dieu, Mon Dieu*. Foi assim que o Colégio Sagrados Corações de Jesus e de Maria, criado em 1904, por Dona Maria Goulart, benfeitora da cidade, teve suas primeiras moradoras professoras, as amazonas francesas. Isso se deu entre 1910 e 1933, respectivamente, ano em que a navegação fluvial do Sapucaí foi inaugurada, subsidiada pelo Estado, com itinerário definido e ano em que as atividades de transporte fluvial de cargas e de passageiros foram encerradas.

Aos poucos, a congregação foi se expandindo no Estado de Minas Gerais e mais três cidades receberam as devotadas freiras, que, aos poucos, foram aumentando em número, pelo despertar das vocações das jovens da redondeza que ouviram o chamado para a vida religiosa.

Com o correr do tempo, o Colégio passou a contar com internato para moças de outros municípios, que optaram por estudar naquela escola.

Assim, quando a jovem Catarina, moradora da cidade, foi para o Colégio estudar, todas as freiras da sua época já eram brasileiras, da cidade algumas e as demais de outras redondezas. As fundadoras já não existiam. Mas o rigor do comportamento e a excelência do ensino ainda eram os mesmos no início da década de sessenta, o que vinha ao encontro com a postura das famílias, para que as filhas recebessem uma educação de primeira. E o Colégio, visto com bons olhos, fez nome como casa de ensino modelo, com aulas de etiqueta, trabalhos manuais, organização doméstica, música, religião, além das aulas das matérias convencionais. As professoras leigas mais experientes da

cidade passaram a lecionar lá, integrando o corpo docente da Escola.

Ensinamentos para a vida sobrepuseram à instrução recebida. Não há como esquecer o empenho de cada professora, com tanto carinho, para que cada aluna tivesse um futuro brilhante, tanto em sua vida pessoal como no seu desempenho profissional.

Os eventos organizados no Colégio, com a participação das alunas, lotavam o salão de festas com a presença dos pais e familiares que iam ouvir recitais de piano e de poesias, encenação de peças, corais, números preparados com o maior esmero pelas freiras.

Mas entre tantas e tão belas lembranças, há uma que mexeu com o coração de Catarina, naquela época. Irmã Maria Amélia, introvertida e discreta, era a professora de latim, matéria que ainda fazia parte da grade escolar e tinha sua importância porque, na época, as missas eram celebradas em latim, as orações, cânticos, inclusive o *Tantum Ergo* todos eram ensinados às alunas, também em latim, para a participação fervorosa delas em cada celebração, na Igreja. Com seus aparentes sessenta anos, de estatura mediana e com as várias camadas de hábito preto, Irmã Amélia era figura marcante pelos corredores do colégio, na classe e por onde passasse. Tinha um comportamento diferente das outras, falava somente o necessário e até as suas companheiras comentavam, sem entender, a sua preferência pelo silêncio.

Sempre calada, era a última a deixar a capela nas rezas noturnas, deitava-se quando as demais já tinham se recolhido e a clausura estava completamente escura. Com cuidado extremo, Irmã Amélia abria a porta devagarinho, e conseguia tirar o hábito e deitar-se, sem que nenhuma ouvisse qualquer ruído. Se alguma freira, precisasse se levantar e olhasse para a cama de Irmã Amélia, pensando estar ainda vazia, lá estava ela adormecida, seu hábito dobrado sobre a cadeira, deixando todas intrigadas como

conseguia ela tal façanha de não quebrar o silêncio absoluto, dentro da clausura. Assim eram todas as noites. Aprendeu a ser tão discreta, a não querer fazer-se notar, que mais parecia uma pluma que o vento levava daqui para lá. Seus passos miúdos deslizavam pelos corredores e só se via o vulto do seu hábito, carregando seu silêncio. Que pensamentos povoariam o seu mundo nunca revelado?

Nas provas orais, quase não se ouvia a voz dela pedindo as declinações às alunas. Com sua bonita caligrafia, anotava na lousa, as lições para casa. Final de aula e lá ia ela como uma brisa mudar de classe, semblante sereno, rápida e silenciosa.

Quando chegavam as provas escritas, pelo volume acumulado de todas as classes, costumava pedir à sua aluna Catarina que a ajudasse na correção, pois era ela uma aluna aplicada e da confiança de Irmã Amélia.

Catarina estudava de manhã e voltava, então, ao Colégio, na parte da tarde, para tal tarefa. Ela era conduzida até uma sala ampla, com grandes janelas e vitrais coloridos e se acomodava em uma mesa comprida, sobre aquele piso de madeira que brilhava de tão encerado. A freira sentava-se do outro lado da mesa, à sua frente, e dizia-lhe estar à disposição, caso tivesse alguma dúvida. Em seguida, o silêncio reinava naquela sala que deve ter presenciado tantas histórias esquecidas pelo tempo, impregnadas naquelas paredes claras.

Ninguém sabia de sua vida, de onde viera, seus gostos, sua família. Seu diálogo se dava apenas em seu pensamento, com ela mesma e com Deus, sem deixar transparecer nenhum sinal que pudesse revelar qualquer pormenor que habitava seu interior. Às vezes exibia um meio sorriso que, mesmo recatado, iluminava-lhe o rosto sereno. Catarina sempre a observava com curiosidade, a mesma que as outras colegas tinham quando se referiam a ela. Nunca teve coragem de quebrar sua concentração, quando estava ali na sua frente, debruçada sobre a pilha de provas. A dis-

tância era grande e o demasiado respeito pelas professoras impedia qualquer situação de informalidade.

Uma bela tarde, no final do ano, quando a aluna chegou ao Colégio para ajudá-la, foi Irmã Marcela quem a recebeu, encaminhando-a até a mesma sala e lhe entregou o pacote de provas, dizendo que dali a pouco, Irmã Amélia viria, estava repousando, pois não passara bem. Ali ficou Catarina concentrada em seu trabalho por mais de uma hora e, de repente, quando levantou a cabeça, estava a mestra ao seu lado, trazida pela brisa silenciosa e pelo esforço em cumprir a missão que a ela fora destinada.

A irmã sentou-se ao seu lado, entregando-lhe um saquinho de pipoca, que fora servido no lanche da tarde, segurou sua mão e com voz como um acalanto, um som suave que o instrumento de sua garganta precisava extravasar, olhou fixamente para Catarina e disse: — Estou doente e vou ter que me ausentar para me tratar em Itajubá, pois lá tem mais recurso médico e há um colégio de nossa congregação. Mas aqui tudo ficará bem. Vou me lembrar sempre de você, tão pronta a me auxiliar e de minha inteira confiança. Ter-lhe-ei em minhas orações diárias.

Catarina, criando coragem para lhe falar, perguntou se não seria melhor ela ficar com a família. Sua resposta foi que ficara órfã na infância e que fora a madrinha que a havia criado. Como percebera sua vocação religiosa, encaminhou-a ao noviciado da congregação e, desde então, seu lar fora o Colégio e sua família as outras freiras. Disse também que sua madrinha já falecida, muito católica e fervorosa lhe deixara um legado para que nunca se afastasse de Deus e de sua doutrina, conselho que ela sempre procurara seguir. Mas a confissão que ocultara até então, não ficou por aí.

Na imaturidade de seus dezesseis anos incompletos, Catarina não pode assimilar, na época, a carga de sentimentos que embalavam a confissão tão sincera e talvez tão difícil para aquela freira, uma vez que nunca falara dela a

ninguém, pelo menos, nenhuma particularidade que chegasse ao conhecimento das alunas. O baú de sua vida era trancado à chave. E justo para ela, aluna, resolvera abrir a porta de seu coração, tão rico de virtudes e de belos exemplos.

Disse-lhe ela que desde criança aprendera com a madrinha, que o silêncio externo aguça o interno e só com o interior silencioso poderia entrar em sintonia com o Pai Celeste e estar atenta aos Seus propósitos, até que Ele abrisse todas as portas do céu para recebê-la, em Sua eterna morada. Não deveria se perder em meio às algazarras, vozes altas e distrações que pudessem deixar ensurdecido o seu interior. Se não estivesse em silêncio, a comunicação se quebraria e não ouviria o chamamento do alto, diretamente dirigido ao seu coração tranquilo e em paz, a cada dia de sua vida e que, principalmente, não perceberia as batidas do Criador, quando viesse à porta de seu coração convidá-la a transpor a maior de todas elas, além da qual só haveria luzes, cores e perfumes, sem dor nem sofrimento e sem nenhuma lágrima. Não precisaria mais de sol nem da lua, pois a glória de Deus seria a sua luz eterna. Não sei se disse tudo isso à Catarina pensando que já estaria próxima a hora de ouvir tais batidas, prevendo o que pudesse acontecer, em virtude de sua doença, que ninguém soube qual era. A coragem para romper seu silêncio fora impulsionada pela triste circunstância.

Como eram as últimas provas do final do último ano do ginásio, Catarina não teve mais notícias da freira. A mestra foi embora se tratar e a aluna mudou-se para outra cidade para cursar o Magistério. Mas aquela despedida ficou registrada em seu coração para sempre.

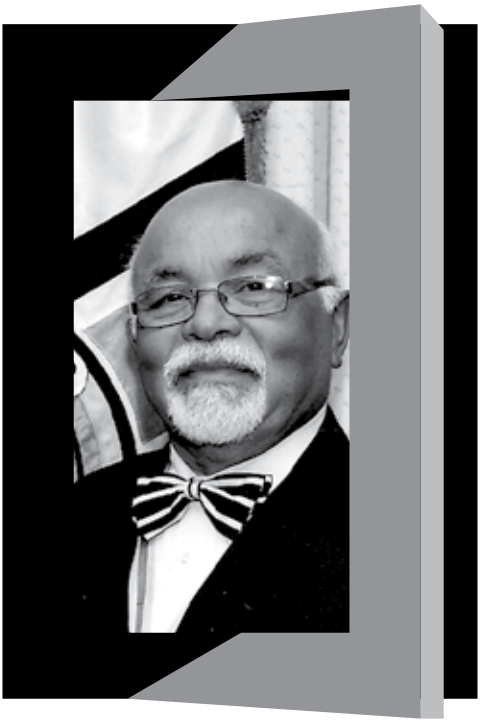
O que Irmã Amélia aprendera com a sua madrinha e seguira à risca, quis também deixar para a aluna predileta que não conseguiu entender, naquele momento. Só depois de alguns anos, lembrando-se do que ouvira, é que Catarina pode avaliar quão importante foi tudo isso para ela. En-

tendeu, enfim, a razão do silêncio de sua mestra, de apenas falar o estritamente necessário para que nada perturbasse seu interior, seus modos de fada à espera de um chamado divino, a que ela nunca poderia recusar. Uma vida pautada na bondade, em servir a Deus servindo o semelhante, de acordo com os votos professados e levando com ela, firme em seu coração, os ensinamentos recebidos na infância para uma vida de recolhimento total, onde sem usar palavras, abria a porta misteriosa de seu coração para que Deus ocupasse o único trono que adornava a sua alma. Como não podemos julgar sem saber o que acontece no íntimo de cada coração, o que povoa cada pensamento!

Uma grande lição a mestra deixou. Com o passar dos anos, Catarina, lembrando de cada palavra que ouviu, pode, paulatinamente, aplicar à sua vida. E a essa linha tão tênue outras foram se emendando, com consistentes ensinamentos de sua mãe, de suas queridas amigas que partiram antes dela, todas de uma imensa riqueza e com profunda sabedoria que se incorporaram à sua experiência de vida, uma linha tênue da cor do arco-íris e que canta a música da saudade.

As professoras de vida de Catarina já estão gozando do merecido repouso, após tantas lutas e tantos feitos que compuseram a retidão de suas existências, e o que estarão a fazer por lá? Um mistério que ela só vai descobrir quando as encontrar, depois que também ela transpuser o grande portal da mansão eterna. Quanto à querida Irmã Amélia, sua imagem ficou-lhe na memória e no coração, imaginando o que ela teria sentido quando o seu silêncio foi substituído pelo som das harpas celestes e como a sua alma, leve como uma pluma, deve estar dançando pelos confins do céu...

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 — Patrono Cecília Meireles



João Bosco dos Santos, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupa a Cadeira 28 cujo patrono é Catulo da Paixão Cearense. Natural de Parnaíba, Piauí, reside em Santo André desde 1961. Graduado em Comunicação Social, é Mestre em Comunicação e Mercado, pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero e jornalista em registro profissional no Ministério do Trabalho. Professor universitário aposentado lecionou em diversas instituições de ensino superior, em cursos de graduação e pós-graduação. Escreve desde a adolescência. Publicou os seguintes títulos: Crônicas da Vida Real e Quejandos; Mão que Afaga, Mão que Apedreja e Despertar da Consciência. Vencedor em 1993 do IV Concurso de Contos e Poesias, promovido pela Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul, com o poema Reflexões.

Luxúria

João Bosco dos Santos

A empresa onde Pedro Guilherme trabalhava localizava-se em um bairro no qual predominava a existência de moradores pertencentes à classe média alta, as quais habitavam casas amplas, com grandes jardins sempre muito bem cuidados. Comentava-se que dentre aqueles moradores havia artistas famosos, os quais pontificavam nos programas de televisão da época. Mas o bairro era cortado por algumas ruas de tráfego intenso, por onde circulavam ônibus que demandavam outros bairros, e que eram ocupadas, quase na sua totalidade, por empresas comerciais e prestadoras de serviços; era numa dessas empresas que Pedro Guilherme dava expediente.

Pedro era o típico sujeito boa pinta; alto, pele e olhos claros; andava sempre bem vestido e, por essa razão, atraía os olhares das mulheres e o despeito dos colegas de trabalho, que observavam a desenvoltura com que ele promovia o fácil relacionamento com as mesmas, fossem solteiras ou casadas. Vindo de uma família bem estruturada, seu pai, executivo que sempre atuara em grandes corporações, na área financeira, conseguira amealhar um bom patrimônio e, aposentado, desfrutava das benesses de haver desenvolvido condições para levar uma vida tranquila, sem os percalços que permeiam e dificultam a sobrevivência de outros aposentados menos favorecidos. Graças à sua condição econômico-financeira, conseguira proporcionar uma boa educação aos filhos e Pedro Guilherme, o mais jovem deles, antes mesmo de completar os dezoito anos fora enviado ao exterior para cumprir um programa de intercâmbio cultural, o que lhe abriu novos

horizontes. Adulto, depois de concluir seus estudos universitários, resolveu repetir a experiência passando uma longa temporada na Europa, estudando em cursos de extensão e de pós-graduação, buscando aperfeiçoamento profissional. Essa condição o qualificou para a função que ocupava na empresa onde trabalhava.

Diariamente, logo após o almoço, Pedro e seus colegas ensaiavam uma pequena caminhada pelas ruas do bairro, com o intuito de acelerarem a digestão quando, invariavelmente, passavam em frente a uma das residências na qual morava uma bela jovem que, costumeiramente, no mesmo horário, lá estava com seu cãozinho de estimação. Com um leve aceno de cabeça, ele a cumprimentava e percebia que ela se mostrava receptiva ao seu cumprimento, retribuindo-lhe com olhar furtivo e sorriso disfarçado. Guido, colega de trabalho de Pedro Guilherme, percebia aqueles gestos e procurava incentivá-lo a aproximar-se da jovem, mas ele repelia, sistematicamente, qualquer tentativa de levar adiante tal intento. *Vamos dar tempo ao tempo*, afirmava sempre. E os dias foram passando sem que houvesse qualquer alteração naquela rotina. Pedro cultivava o hábito de frequentar teatros e, num determinado final de semana, resolveu assistir a um espetáculo bem recomendado pela crítica e considerado um sucesso de público. Qual não foi sua surpresa ao deparar-se com aquela bela jovem, dona do cãozinho, na fila para comprar ingressos, logo à sua frente. Pronto! O destino encarregou-se de aproximá-los, tornando dispensável a mediação do amigo Guido.

— Ora, ora, que agradável coincidência encontrá-la aqui! Pelo visto, você é admiradora de espetáculos teatrais, assim como eu!

— Claro, sem dúvida! Sou apaixonada por teatro... e seus amigos, não vieram?

— Na verdade, eles nem sabem dessa minha predileção. Ah! A propósito, meu nome é Pedro Guilherme, mas pode

chamar-me apenas Pedro!

— Prazer, Joyce!

A partir daquele momento nasceu uma grande amizade entre os dois, que passaram a estreitar o relacionamento com encontros cada vez mais frequentes. Joyce era uma moça de fino trato, criada e educada com rígidos padrões estabelecidos pela sua família de origem europeia, possuía um nível cultural acima da média, para as moças da sua idade. Isso fez com que se identificasse com Pedro, igualmente de boa formação. Quando juntos, raramente discutiam sobre assuntos banais ou fúteis sendo que Arte e Cultura eram seus temas favoritos. Ocasionalmente, derivavam para outros assuntos. Em certa ocasião, Pedro fez uma provocação:

— Joyce, você gosta de psicanálise?

— Sim, gosto. Mas nunca me aprofundei na literatura psicanalítica!

— Mas já ouviu falar ou leu algo sobre Reich, Wilhelm Reich?

— Claro! Não foi ele o autor da teoria da Psicologia do Corpo?

— É verdade! Huumm! Percebi que está bem informada! — e completou — *O homem precisa, primeiro e acima de tudo, matar sua fome e satisfazer seus desejos sexuais. A sociedade moderna torna difícil a primeira e frustra a segunda*.

— Como é que é?

— Isso é Reich, Joyce. Essa frase sintetiza o pensamento reichiano! Em outras palavras, ele cunhou uma teoria, a teoria da *potência orgástica*, teoria essa que se tornou o eixo central de sua obra!

— Interessante! Vou me inteirar um pouco mais desse assunto!

Durante alguns dias os dois não se encontraram, provavelmente, devido a seus afazeres particulares. Mas Joyce, que demonstrava certo recato nas suas atitudes, e

que também dava a impressão de ser uma jovem pudica mergulhou fundo nos escritos reichianos, objetivando retomar a discussão com Pedro, quando estivessem frente a frente novamente. Em suas pesquisas na busca pelo conhecimento, Joyce descobriu que Wilhelm Reich foi um psicanalista austríaco, discípulo de Sigmund Freud, com o qual rompeu para dar prosseguimento à elaboração de suas próprias ideias no campo da Psicanálise, que criou uma nova abordagem terapêutica a qual, além das intervenções verbais, de fundamentação psicanalítica, também inclui intervenções corporais. E isso passou a interessá-la sobremaneira. Aprendeu que suas pesquisas sobre a energia orgânica forneceram nova fundamentação às concepções energéticas mais antigas, permitindo correlacioná-las com os conceitos freudianos de libido e energia psíquica e demonstrando sua relação com a sexualidade. Joyce considerou o assunto muito instigante. Nunca havia lido nada de igual teor. Quando Pedro lhe telefonou para marcar um novo encontro, aceitou de imediato, pois, não via a hora de exteriorizar tudo o que aprendera nas pesquisas sobre o médico austríaco. Durante o encontro os dois comentaram sobre o que fizeram nos momentos em que não mantiveram nenhum contato: Pedro havia viajado por conta de compromissos profissionais. Ele trabalhava no setor de recursos humanos, atividade que considerava prazerosa devido ao contato diuturno com diversas pessoas de diferentes níveis socioeconômico e cultural. Com formação em Psicologia tinha grande simpatia pela Psicanálise. Daí haver invocado Reich na conversa anterior que mantivera com Joyce. Empolgado pelo reencontro, Pedro Guilherme indagou se ela aceitaria um convite seu para passarem um fim de semana juntos, mas apressou-se em esclarecer o motivo de tal convite; seus pais ofereceriam uma recepção para convidados muito especiais, em sua casa de praia, para comemorarem suas bodas de prata. E disse-lhe que se

sentiria extremamente feliz se ela estivesse presente em tal acontecimento. Joyce sentiu-se desconcertada, jamais imaginaria receber aquele convite. Prometeu que, posteriormente, confirmaria ou não a aceitação dessa deferência especial. Despediram-se sem que ela tivesse tido a oportunidade de demonstrar seu aprendizado sobre as teorias reichianas, prometendo que o faria no próximo encontro. Embora não demonstrasse, a moça desenvolvera uma afeição especial pelo amigo Pedro e pressentia que poderia apaixonar-se por ele, por sua afabilidade, pela sua maneira carinhosa de se comportar quando estavam juntos. Mas ela ainda carregava na lembrança o impacto da desilusão amorosa sofrida com a perda do noivo, morto em acidente automobilístico, há não muito tempo. E sofria, também, com a separação litigiosa dos seus pais, depois de um processo traumático, o que fez com que seu pai fosse embora do país, transferindo-se para a Europa. O interessante é que com base nos estudos de Reich que havia lido, Joyce passou a considerar que os casamentos desmoronam em consequência das discrepâncias sempre intensificadas entre as necessidades sexuais e as condições econômicas. Entendeu que as necessidades sexuais podem ser satisfeitas com um e o mesmo companheiro durante algum tempo, mas que também o vínculo econômico, a exigência moralista e o hábito humano favorecem a permanência da relação matrimonial. Daí, de acordo com o renomado psicanalista, isso acaba resultando na infelicidade do casamento. Provavelmente, foi o que ocorrera com os seus pais. Sua mãe, por conta da partilha dos bens, herdou a casa ampla onde moravam. Para ajudar a custear as despesas com a moradia, trabalhava como promotora de eventos destinados à classe social mais elevada, o que lhe rendia um bom dinheiro. E Joyce, por sua vez, devido aos seus conhecimentos de outros idiomas desenvolvia atividades esporádicas como tradutora e intérprete.

Pensando no convite que recebera de Pedro, Joyce decidiu que o aceitaria e o comunicou por meio de um telefonema. Pedro estava ficando desesperançoso com a falta de comunicação por parte de Joyce, mas quando o telefone soou e ele ouviu sua voz do outro lado da linha sentiu uma alegria incontida. O destino conspirava a seu favor, pois mostrava-se propenso a intensificar aquele relacionamento.

A casa de praia da família de Pedro Guilherme, uma mansão situada dentro de um luxuoso condomínio fechado, estava repleta de convidados quando ele e Joyce chegaram. Era uma noite de sexta-feira muito agradável. Após as apresentações formais de praxe integraram-se aos demais participantes para acompanharem o desenrolar da festa comemorativa das bodas do casal anfitrião. Quando os músicos contratados para animar o evento fizeram soar os primeiros acordes de uma bela canção romântica, Pedro a convidou a ensaiar alguns passos de dança na pista improvisada.

Foi prontamente atendido. Ao som de *Dois pra lá, dois pra cá*, um bolero de João Bosco e Aldir Blanc, cuja letra diz:

Sentindo frio em minh'alma
Te convidei pra dançar
A tua voz me acalmava
São dois pra lá, dois pra cá.

Meu coração traiçoeiro
Batia mais que o bongô
Tremia mais que as maracas
Descompassado de amor

Minha cabeça rodando
Rodava mais que os casais
O teu perfume, gardênia
E não me perguntes mais

A tua mão no pescoço
As tuas costas macias
Por quanto tempo rodaram
As minhas noites vazias(...)

E ali, abraçados, naquele momento, sentiram que algo além de uma simples amizade estava aflorando. Cupido, sempre de plantão, atirava suas flechas certeiras nos corações daqueles jovens e eles perceberam imediatamente que poderiam se amar sem remorso ou culpa. O dia amanhecia quando os convidados à festa despediram-se e se retiraram de volta aos destinos de origem, deixando a casa vazia e silenciosa, ocupada apenas pelos anfitriões e pelos empregados que, como habitualmente faziam, davam início ao trabalho de limpeza e reorganização do espaço. Os pais de Pedro recolheram-se à sua suíte privativa, para o merecido repouso, deixando-os sós, conversando animadamente sobre a festa da noite anterior. Com os raios de sol inundando o ambiente, concluíram que deveriam, também, descansar da noitada e Pedro, sempre muito gentil, acompanhou-a até o aposento no qual ela repousaria durante algumas horas. Despedindo-se, com um prolongado beijo, ela disse:

— Eu não te prometi que você ia ser mais feliz, mas sim que você ia sentir mais.

— Poesia?

— Não, Pedro! Reich! Você me ensinou a gostar dele!

Reencontraram-se na hora do almoço. A mesa estava posta e os pais de Pedro os esperavam para o antepasto. Conversaram descontraidamente sobre a noite passada, comentaram sobre os seletos convidados que compareceram e, em seguida, serviram-se dos pratos que estavam à disposição. Após o ágape, os pais de Pedro anunciaram que os deixariam a sós até a noite, pois, iriam visitar uns amigos que também estavam promovendo uma reunião em sua casa, nas proximidades, e que não se preocupas-

sem com eles. Nada poderia ser mais oportuno, pensou Pedro fitando Joyce nos olhos e o seu olhar denunciava suas verdadeiras intenções. No íntimo, ele sabia que aquela história de Reich serviria como pretexto para seduzi-la, o que parecia tornara-se realidade. Decidiu, então, mostrar-lhe toda a propriedade, iniciando pelas áreas ajardinadas, que davam vista para o mar azul. Atravessaram a área onde ficava a piscina e deslocaram-se para uma edícula, onde Pedro mantinha um apartamento muito bem mobiliado com todo o conforto possível, situado no andar superior da edificação, o térreo abrigava um salão de jogos e um bar completo. Após degustarem alguns licores, Pedro conduziu Joyce ao apartamento e, adentrando, sem dizer uma só palavra, enlaçou-a em seus braços e beijou-a com sofreguidão, sendo plenamente correspondido. Apertando-a contra si, Pedro percebeu que o coração de Joyce batia forte, acelerado, e sua respiração tornava-se ofegante deixando transparecer que ela ansiava por aquele momento e ele, deitando-a na ampla cama passou a acariciá-la. Lentamente foi despindo-a, ao mesmo tempo em que deslizava as mãos pelo seu corpo esguio. Joyce, passivamente, não esboçava nenhuma reação, deixando-se seduzir prazerosamente.

— Pedro, preciso lhe dizer algo — sussurrou.

— Não pode esperar e dizer-me depois?

— Gostaria que você me ouvisse... agora!

— Está bem, diga-me então.

— Sabe, eu sofri uma grande desilusão amorosa, Pedro! Eu estava noiva e o meu noivo foi vítima de um acidente de carro vindo a falecer, pouco tempo antes de oficializarmos nosso casamento. Faz pouco mais de um ano e, desde então, não mantive nenhum relacionamento com qualquer outro rapaz. Ele foi o único homem da minha vida. Não sei se corresponderei às suas expectativas. Tenho receio de desapontá-lo!

— Não, Joyce, isso jamais ocorrerá. Siga seus instin-

tos... exteriorize os seus sentimentos... extravase as suas emoções refreadas! Lembre-se: Reich afirmou que *todo mundo está exposto constantemente a novas excitações sexuais provocadas por outras pessoas que não o parceiro* e você, Joyce não fugirá a essa regra! — disse-lhe Pedro, falando baixinho e pausadamente.

Daquele momento em diante todos os resquícios de pudor seriam deixados de lado e eles entregaram-se à mais renhida luta na busca para alcançarem a melhor performance sexual. Enquanto Pedro demonstrava ser possuidor de uma potência orgástica (no dizer de Reich) fenomenal, Joyce era pura lascívia e se entregava aos desejos da carne sem se importar com as consequências e riscos. A ocasião era propícia para cometer o pecado da luxúria, pois, repentinamente, deu vazão a uma voracidade sem controle em relação ao sexo, tornando-se incapaz de controlar sua libido. Os corpos nus, pernas entrelaçadas, beijos dados com sofreguidão, mãos deslizando carinhosamente sobre a pele, esse era o cenário daquele momento único, que antecedia cada cópula. E copularam até a exaustão. E adormeceram abraçados.

La Rochefoucauld afirmou que *o prazer do amor é amar e somos mais felizes com a paixão que sentimos do que com a que despertamos*. Além da porta, o pecado da luxúria havia sido posto à prova, em toda a sua plenitude.

Luxúria! O mais inebriante dos pecados capitais!

João Bosco dos Santos

Cadeira 28 — Patrono Catulo da Paixão Cearense

Roberto de Carvalho – Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 29, cujo patrono é Humberto de Campos. Nasceu no dia 2 de março de 1964, em Liberdade – MG. Em 1977, mudou-se para Angra dos Reis/RJ, onde viveu durante 27 anos. Atualmente reside em São Paulo. Poeta e escritor várias vezes premiado, é membro da Academia Guanabarina de Letras, do Ateneu Angrense de Letras e Artes e possui dezenas de obras próprias e mediúnicas publicadas pelas editoras Aliança, Boa Nova, Saraiva, Daya Editorial e Fundação Dorina Nowill. Sua lavra literária engloba poesias, romances, infanto-juvenis, contos e crônicas, com mais de 500 mil livros vendidos até meados de 2019. Por sua atuação no campo literário recebeu as seguintes distinções culturais: Comenda do Mérito Cultural Brasil dos Reis, Láurea Cultural Colar de Cunhambebe e Moção de Aplausos pela Câmara Municipal de Angra dos Reis, dentre outros. Por várias vezes compôs a comissão julgadora de concursos literários realizados por diversas instituições culturais.

Cativeiro da alma

Roberto de Carvalho

Foi só de querer matar o tempo — bicho indomável —que Zé Rufino se enleou nos caprichos do destino. Nada de especial ali, no povoado. Apenas a madorna lerda dos dias murchos que seguiam enfileirados.

Fora isto, o de sempre: o ribeiro, a aragem, o silêncio, o serviço, o sono...

O sonho não!

Sonho, no modo do Zé Rufino ver, era desatino. E desatino gera ambições, arroubos desenfreados, empilhamentos de bens que invariavelmente se tornam males.

Inutilidade purinha!

Daquele modo estava bem bom. O tempo lerdo a compassar a vida que desfilava defronte à vidraça dos olhos, sempre abarrotados de mesmice.

E a alma — ah, a alma! — inteirinha imersa na invencível melancolia de quem se apega com exagero à solidão. Mas livre.

Inegavelmente livre!

Zé Rufino era — por que não dizer? — feliz! Destituído de valores supérfluos, desnudo mesmo de projeções arrojadas. Bastava um bem-te-vi que o visse... Um pio de nhambu que ouvisse... Um cicio de rio... Ou nem isso. Qualquer insignificância preenchia-lhe, desde que não amolasse os sentidos.

Por isso ele acobertava ou não possuía mesmo nenhuma cicatriz interior. Vadiava, sem eira nem beira, pelos caminhos do vento. Garimpava estrelas na solidão das noites. Degustava brisas e sóis na mansuetude dos dias.

E só!

Mas quando, em pleno ápice de sua bucólica existência, ocorreu o desregramento, Zé Rufino deixou no rastro os desarranjos, os infortúnios e todos os diabos que a novidade trouxe no lombo. Perebas mesmo, que lhe escalavraram a alma e provocaram sangria desatada.

Gamação braba!

— Ai, pobrezinho do Zé! — gemiam a aragem, o regato e as estrelas.

Ela tinha que chegar e desordenar a ordem das coisas? Tinha — estrupício de vida! — com malquerente rudeza, que enovelar o pobre do Zé? Endoidecer o Zé? Azucrinar o Zé, que nunca nem tinha cogitado de se enlear em concupiscências?

Mas chegou assim, bem na brejeirice do vento matutino. Sorriu com um trejeito insinuante de rubros lábios. Bailou a ruiva cabeleira no mormaço da manhã e iluminou, com um par de olhos faiscantes, tudo o que de escuridão habitava nele. Cativou-lhe a alma de modo irreversível. Irresponsável até.

Que maravilhosa miséria!

Então, desprovido de sossego e silêncio, Zé Rufino caiu em desgraça. Não que fosse tão desgraça assim. No princípio é sempre um mel doce que ceva... Um feitiço que atiça... Parece até ser coisa boa.

Da despretensão de empilhar valores o pobre já foi se perdendo. Por mais desapegada que seja, fêmea é sempre fêmea e só gosta de fincar raiz em terreno sólido.

Não é certo?

Daí Zé abriu covas novas, alicerçou base no solo, ergueu paredes contra o vento, fechou telhado sob as estrelas e aprisionou-se.

Cadê o voto de desprendimento? A aragem na cara? O Sol nos olhos? O garimpo a céu aberto?

Paciência!

Não levou tempo que se preze para gear na fervura do causo.

Previsivelmente. Ninguém respira direito com um nó apertando o pescoço e o coração sempre aos pinotes, feito potro indomado.

Então, a cabeleira ruiva que se sacudia ao léu e os olhos que tanta luz projetavam na obscuridade dele, perderam o viço. E tudo o que havia sido edificado e que aparentava grande valia, tornou-se um inútil amontoado de tijolos caiados, com um espaçozinho tão espremido por dentro e um ar tão saturado de angústias, que só fazia sufocar.

Diacho de vida!

Mas compromisso conubial, uma vez firmado, é troço indissolúvel para quem tem justeza de caráter. E o tinha de sobra o pobre Zé Rufino.

— Alto é o custo de quem desvirtua essa virtude — pensava ele.

E o amante só fez amuar. Largou o timão da vida... Singrou à deriva... Não! À deriva, não! Mas sob o cabresto dela, que vivia com o indicador em riste.

Fazer o quê?

Zé Rufino mostrou-se bom de tranco. Seguiu assim, macambúzio, porém fiel.

Nunca é demais, no entanto, que se campeiem enredos de feliz viver. Cada qual é contente ou descontente do seu modo. E, diga-se por dizer, nem todo mundo se contenta com o descontentamento que lhe aperreia.

Correto?

Ah, demasiado é qualquer tempo que se viva sem contar estrelas! Sem aconchego de Sol... Sem chamego de aragem... E tudo isto, em função de quem, muitas vezes, nem faz por merecer consideração.

E veio — previsível fado das relações conturbadas — o dia aziago em que o fel transbordou.

Zé Rufino viu com seus olhos infelizes (ninguém lhe contou, não!) a ruiva cabeleira serpenteante e os olhos, que um dia esparramaram luz na obscuridade dele, serpenteando e alumiando noutra direção.

Indubitavelmente!

Se fosse só picuinha de gente mexeriqueira, se fosse cisma auferida em ciumeiras desenfreadas... Mas, não! Ali, ó! Claro e certo, como o dia é dia e a noite é noite! Prevaricação da grossa!

Indesculpável!

Quanta amolação para o pobre do Zé Rufino! Não bastava a alma desprovida de paz? O corpo ausente de Sol? Os olhos cerceados de luz? E aquele maldito ar saturado, no espaço agredido por tijolos e telhas?...

— Ai, ai, ai, ai, ai...! — assoprava-se, tentando abrandar a queimura. Inutilmente!

Quando se pegou sem saída, agarrou-se à desgraça e flertou com ela mesma. Os olhos luminosos o pobre não mais vira. E da cabeleira ruiva só pôde ver o coque preso à nuca a projetar-se para além da porta.

— Que o capeta te carregue! — quis gritar.

Mas permaneceu mudo, porque sentia que um cerco de arame farpado encurralava-lhe as vísceras da alma. Além disso, aquele troço morno que lhe saltava dos olhos, que contornava as abas do nariz e invadia os cantos da boca tinha um gosto salobro, obrigando-o a mantê-la fechada.

E ela se foi. Não com o capeta, como o Zé quisera propor. Mas se foi.

Para sempre? Vai saber!

E o pobre coitado nunca mais conseguiu se livrar do cativeiro erguido pelas próprias mãos. Nunca mais degustou sóis e brisas na mansuetude dos dias... Nunca mais voltou a garimpar estrelas na solidão das noites...

Mas finalmente adquiriu cicatrizes interiores. E foi justamente a partir daí que reconsiderou suas considerações e desandou a sonhar!

Roberto de Carvalho
Cadeira 29 — Humberto de Campos

Gioconda do Carmo Labecca de Castro, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupa a Cadeira 30 cujo patrono é Augusto dos Anjos. Natural de Campanha, Sul de Minas. Filha de Humberto Labecca e da Professora Iria de Rezende Labecca. Professora, Assistente Social, fez os cursos de Parapsicologia, Psicologia, Psicologia Dinâmica, Curso Superior de Parapsicologia. Curso Intensivo de Legislação Trabalhista Palácio Tiradentes RJ. Relações Humanas, RJ. Literatura na Academia Brasileira de Letras RJ. Retórica e Dicção no RJ. História no Ateneu Paulista. Literatura na Academia Paulista de Letras. Foi Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo por sete anos. Faz parte de Academia de Brasileira de Trova – RJ na Cadeira de Teófilo Dias; Círculo de Cultura Luso-Brasileira e Luso-Espanhol – Portugal; Sociedade de Homens de Letras do Brasil – RJ entre outras. Tem várias obras publicadas.

Uma semana de liberdade

Gioconda Labecca

Fiquei encantada com Quinha, que foi de uma gentileza ímpar com meus pais, colocando-os à vontade, falando sobre a transferência do marido, da família que deixou em Três Corações com tanta espontaneidade que dava a impressão que se conheciam há muito tempo, Marina, muito querida, observava-me com discrição e fomos até à janela.

Prometeu-me passar a tarde em casa, o que cumpriu levando um livro na mão. Ficamos conversando no meu quarto sobre os estudos e eu reclamava das proibições de papai e do desejo de ter um pouco de liberdade. Nossa afinidade crescia dia a dia, não nos separávamos e não saíamos uma da casa da outra. Ela gozava de uma liberdade total, assim como todos os irmãos, só que não aproveitavam. Eu era completamente diferente de Marina. Gostava de dançar, passear, namorar, viajar, enquanto Marina vivia para ler e meditar. Com a nossa convivência diária, a mãe de Marina foi observando o modo com que papai criava os filhos, com uma severidade fora do normal, proibindo-nos de tudo. Quinha tornou-se de amores por mim e conseguia, a duras penas, que papai me deixasse acompanhá-la. Ela não se conformava com esse método e o achava contraproducente, opinião de minha mãe também. Eu aguardava a passagem de Quinha pela nossa casa e a puxava pela mão, pedindo-lhe que me levasse com ela aonde fosse. Ela sempre me atendia e fazia minhas vontades. O receio que tinha era de que papai ficasse magoado, mas isso não aconteceria nunca, porque meus pais a estimavam muito.

Nessa época, papai tirou-me dos Santos Anjos e eu fui estudar na Escola onde o professor Arthur Fonseca lecionava Ciências Naturais. Eu levava muito a sério suas aulas e queria ser sua melhor aluna. Estudava muito e ilustrava os meus deveres de casa que eram mostrados em aula como exemplo de esforço e dedicação. Decorava tudo e ele ficava admirado com a minha memória. Um dia o professor mostrou a papai os meus cadernos, elogiando-me, e ele imediatamente foi ao salão de cabeleireiros que administrava, para mostrá-los aos seus amigos inseparáveis: Eulálio Lemes e doutor Sales, juiz de Direito, seus frequentadores assíduos, que o apoiavam em tudo. Recebendo esse elogio como um prêmio, papai colocou-me debaixo do braço e foi direto ao Ginásio Diocesano São João exibi-los ao cônego Osório, diretor, seu compadre e amigo, padrinho de meu irmão Laerte Thales, deixando-os aos seus cuidados. Mais tarde soube que foram mostrados em aula.

Lembro-me nitidamente das conversas de mamãe com Quinha falando da educação dos filhos, de modas e comentando sobre mim que vivia angustiada, inquieta e triste por ter de viver policiada em tudo. Os diálogos entre as duas eram constantes e duradouros, o que às vezes intrigava papa, que perguntava:

— O que vocês duas tanto conversam?

— Faço o mesmo que você — argumentou mamãe. O Eulálio Lemes, o doutor Sales e o Nicolau não saem do Salão, todos os dias, e vocês o que conversam?

— Ah! Deixa isso pra lá!

Papai virou-lhes as costas e voltou ao Salão. Estávamos às vésperas do Carnaval. A nossa cidade não era muito animada para essas festas e só se engalanava para festas religiosas na Semana Santa, Corpus Christi e as badaladíssimas festas de São Sebastião. No Carnaval faziam apenas bailes animados no Clube Concórdia. Eu não me lembro de ter ido a nenhum.

Após muitos anos de entrozamento de nossas famílias, não foi difícil Quinha chegar até papai e lhe pedir que me deixasse passar uns dias em casa da sua mãe em Três Corações, onde ela iria com toda a família. As recomendações de Quinha eram de que eu estava cansada, angustiada e um passeio seria benéfico para mim. Papai criou vários empecilhos, mas vovô, cônego Osório e mamãe, o convenceram.

O assunto Carnaval não foi ventilado e ele não pensaria que eu pudesse ir a algum baile, porque não era hábito se falar dessa festa; para ele, tipicamente pagã, e seus filhos não se interessariam em festeja-la.

Abracei fortemente Quinha, dei-lhe um beijo e me dirigi ao meu quarto para escolher as roupas. Eu não cabia em mim de contente. Afinal, tinha ganho uma batalha contra a opressão, o tédio e a revolta pela vida que eu levava...

Chegou o dia da viagem. Eu tinha a impressão que as correntes que me amarravam os pés e as mãos haviam sido retiradas. A sensação de liberdade deixava-me o corpo leve, a alma transbordante de felicidade e isso eu devia a Quinha, a única pessoa que se interessava pelo meu bem-estar e patrocinava a realização de meus desejos. Ah! — eu pensava — Como pode Marina ter essa mãe maravilhosa, que lhe dá liberdade de viver sem diversão, sem namorado, sem festas e passeios? Eu não entendia.

Ao chegarmos a Três Corações nos acomodamos, batemos longos papos e fizemos planos para irmos aos bailes.

Eu delirava! Sonhava e não acreditava na realidade. Tudo parecia um sonho!

A cidade me encantou... era mais movimentada do que Campanha e o povo mais solto, mais alegre. Ali moravam várias colegas que estudavam nos Santos Anjos de Varginha. Visitei Teresa Dias, Solange, Fiica, a

família do professor Avelar e meus tios. À noite Quinha levou-me ao clube. O povo estava animado e os músicos fantasiados tocavam músicas que eu jamais ouvira. Não parei um só momento. Dancei... dancei muito...

Um rapaz, de nome Sidney, vizinho da mãe de Quinha, não me largava e pedia-me que só dançasse com ele e não entrasse em cordão, que era cansativo, e outro rapaz poderia tomar-me dele. Atendi ao seu pedido e começamos a namorar. À saída do baile ele nos acompanhou e no dia seguinte pela manhã me procurou. Ficamos sentados na porta conversando por longo tempo. Fomos a todos os bailes e dançamos muito. Quinha e os amigos nos acompanhavam o máximo, viver intensamente e ter o que contar às colegas, que sempre tinham o que comentar, enquanto eu ficava calada e caía em prantos. Elas não me compreendiam.

No dia em que voltamos à Campanha, Sidney despediu-se de mim e me entregou uma carta pedindo-me que não o esquecesse e deixasse sem notícias. A viagem de volta foi me deixando triste e calada. Marina era indiferente às festas e não largava nunca os seus livros. Papai já nos esperava e, segundo mamãe, toda hora ele chegava à porta, olhava para cima e para baixo e comentava:

— Eles estão demorando, será que aconteceu alguma coisa?

— Mamãe sempre o acalmava e ele a ouvia.

— Quando papai avistou o carro, acenou-nos e foi nos cumprimentar dizendo:

— Sua mãe sentiu saudades suas e seus irmãos também.

— Ela deu trabalho à senhora Dª Quinha?

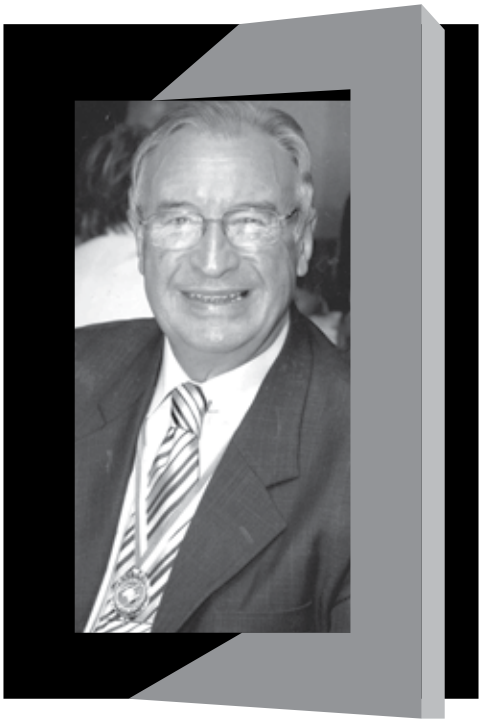
— Não! Ela é uma boa menina! Foi muito agradável para nós a sua companhia.

— Obrigado por tudo! Muito obrigado! Até mais tarde!

Foi uma grande festa quando cheguei em casa, meus irmãos me crivavam de perguntas e eu nada lhes disse sobre Carnaval. Disse-lhes apenas que conheci a cidade e amigos da família do senhor Arthur.

Gioconda Labecca
Cadeira 30 – Patrono Augusto dos Anjos

Conto transcrito do livro *Voltando ao Passado,* edição de 2006.



Celso de Almeida Cini, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 37 cujo patrono é Afonso Schmidt. Nascido em Santo André, em 18 de outubro de 1934, filho de Angelo Cini e Maria das Dores de Almeida. Ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco – USP em 1962. Trabalhou por cinquenta anos como advogado, em todas as modalidades: crime, trabalhista, tributário, cível, família, imobiliário, registros públicos, comercial e outros. Pós-Graduado na mesma Faculdade entre 1980 e 1984. Mestrado e Doutorado em Direito Civil. É professor de Francês no Colégio Clóvis Bevilacqua, em Santo André. Segue advogando. É igualmente tradutor de idiomas neolatinos. Publicou obra sobre Machado de Assis em 1999 pela ALGRASP. Memorialista, publicou diversos artigos nas Revistas Tamises editada pela Academia e na Raízes da Fundação Pró-Memória.

Amor e carinho além da morte

Celso de Almeida Cini

Glorinha, estava com cinco anos incompletos, nascera em 9 de janeiro de 1989. Embora, tão mimosa no seu encantado mundo infantil, vinha demonstrando estar muito triste, inconsolável. A morte do pai, Franck Tony, há dois meses, roubara-lhe aquela presença alegre e carinhosa, preciosa para a família e indispensável para ela. Além disso, a ausência paterna causava-lhe uma decepção infantil irremediável. Na sua concepção ingênua da vida, seu pai já deveria ter voltado do lugar para onde fora, só para trabalhar e, em seguida voltar para casa! Foi mamãe quem lhe disse.

Mas, para a sabedoria de Kate, sua vovó, entretanto, a morte é só uma porta de passagem da vida material para a vida eterna. A menina nada sabia disso, mas ainda assim, queria na sua ingênua incompreensão, estar lá onde estava seu pai!

Priscila, sua mãe, assustada com o imenso pesar da filha, alimentou-lhe a ilusão de que, tão logo terminasse o trabalho, o pai voltaria para casa. Mãe aflita acreditava que com o passar do tempo sua filhinha acabaria por se habituar à demorada ausência e, mais crescida, entenderia que seu pai querido morrera para este mundo ingrato. Atravessara a porta para alcançar a eternidade serena, onde não há dor, nem sofrimentos. Mas, para Glorinha, já haviam se passado sete semanas e o pai não voltava.

— Mas, então, porque ele não volta? — assim suspirava ela na sua impaciência infantil.

Aquela meiga criatura, morena, de brilhantes olhos castanhos marejados de lágrimas, não se conformava. Chorava baixinho pelos cantos da casa, carregando a fotografia do pai, acariciando com os dedinhos aquele rosto tão puro, amigo e gentil; tão carinhoso com ela; que a mimava com tanta ternura e lhe contava histórias, levando-a a passear pelos campos floridos, perto do riacho de águas límpidas, povoadas de peixinhos ávidos pelas migalhas que os dois lhes atiravam.

Para o pai, *Glorinha era sua paixão; era "a filhinha do coração do papai"*, dizia ele com muito orgulho! E a menina lembrava-se, feliz, da última pescaria em que a levara, à beira do regato, perto de casa, ambos juntinhos, à sombra do arvoredo. E relembrava a sua figura e contagiante alegria a contar-lhe repetidas vezes, a comovente história dinamarquesa da *Pequena Sereia e* a mostrar-lhe os peixes saltitantes nas cristalinas águas do sonoro riacho. E, agora, Glorinha murmurava baixinho, como se falasse ao pai ausente:

— Papai, porque você não volta? Por quê? Quando você vai voltar? Tenho tanta saudade! — era o princípio de uma obsessão mórbida, gerada pela incompreensão natural da idade.

Priscila a viúva, jovem mãe de 25 anos, via e ouvia com desespero aqueles lamentos da filha, tão frágil criatura e pensava:

— Deus meu, minha filha querida, que hei de fazer para que você compreenda e aceite a irremediável e definitiva ausência do papai?

De fato, havia sido muito difícil para Priscila, viver o doloroso transe que envolvera a doença, leucemia, e a morte precoce de seu marido, antes de completar 30 anos! Mas tornou-se quase impossível suportar o pesar da pequena Glorinha. Ela não se ajustava à ideia

da morte do pai, nem aos poucos. E nos últimos dias, Glorinha telefonava para ele, de seu telefone de brinquedo:

— Papai, já está acabando de trabalhar? Volte logo, eu estou muito triste, esperando.

O profundo pesar de Glorinha apresentava, por vezes, momentos de crise ainda mais aguda. Uma noite, quando a mãe cuidava de pô-la para dormir, a depressão noturna aumentou-lhe o saudosismo, apossou-se dela, levando-a a perguntar:

— Mamãe, se eu morrer também, poderei ficar perto de papai? Então, quero morrer!

Sem saber, a pequena Glorinha queria atravessar aquela misteriosa porta. A mãe sufocando os soluços de dor implorava:

— Deus meu, socorrei-nos!

Glorinha, em sua ingênua consciência infantil, acreditava realmente que o pai voltaria ao seu convívio. Havia outro fato corriqueiro que contribuía para essa ilusão. É que o pai de sua amiga, Lilli, da casa vizinha, divorciara-se da esposa abandonando a família. Quando ela ia à casa vizinha para brincar e perguntava à amiga pelo pai, a mãe abandonada era quem respondia, com ódio no coração:

— O pai da Lilli? Para nós, ele morreu, sabe?

Mas, Glorinha tinha sua própria tristeza e não compreendia a aversão que essa ironia escondia. Ao contrário, observadora que era, a menina via quando o divorciado aparecia para visitar a filha Lilli. Então pensava, ele morreu, mas voltou, ele voltou!

— Meu paizinho também vai voltar. Mamãe disse. Ele trabalha e logo volta para casa!

II

Vovó Kate, uma auxiliar médica de seus 50 anos,

mãe de Priscila, vivia e trabalhava em Los Angeles, próxima de Yuba City, onde moravam ainda, Priscila e a filha, acompanhava com tristeza e dor, pelos telefonemas, o drama e as notícias do pesar e das esperanças vãs da netinha, tão cedo órfã de pai. E meditava num modo de ajudar sua filha a superar esse momento de incertezas e numa forma de remover aquela obsessão doentia que povoava o mundo infantil da neta. E punha-se a orar por ela:

— Dai-nos forças, meu Deus, para ajudar Glorinha. Ela precisa compreender que o pai morreu, mas como ainda é tão pequena, na sua cabecinha infantil está convencida de que ele vai voltar. O que fazer para convencê-la do contrário, sem magoá-la ainda mais?

Em novembro, aproximando-se o fim do ano, a avó pediu uma licença ao Hospital em que trabalhava e decidiu visitar a filha e a neta. Lá permaneceria desde o dia de Ação de Graças até o Natal. O dia do aniversário de 30 anos, do genro falecido, data que Glorinha jamais esquecia, seria em 08 de novembro de 1993. Haveria tempo para controlar e cuidar da ansiedade de sua querida neta e acalmar a filha Priscila de suas angustias.

Chegada à casa da filha, vovó foi recebida com festas pela neta que a queria muito bem. Depois dos abraços e beijos, Glorinha, prisioneira de suas ilusões quanto ao retorno do pai, contava à vovó que falara com ele pelo telefone e que sabia que ele voltaria logo!

Kate ponderou a Priscila, inicialmente, que era hora de fazerem uma visita ao jazigo de Franck, levando Glorinha para um primeiro contato com as coisas do além, na esperança de que, para a garota, esse recurso pudesse abreviar o início da aceitação da morte do pai.

Priscila preparou-se e vestiu a filha com sua roupa mais vistosa. Iam fazer uma visita à última morada do papai. Adentrando o Cemitério, a criança estava alegre

e feliz. Chegadas à sepultura, Glorinha ficou olhando para a foto na lápide vertical à cabeceira do túmulo. Encostou carinhosamente a cabeça junto a ela e disse:

— Sabe, vovó, acho que posso até ouvir a voz do papai falando comigo.

Após essa primeira visita, os dias foram transcorrendo mais alegres e leves com a presença da Kate na casa. Então, chegou o dia 08 de novembro de 1993. Se estivesse vivo, Frank completaria 30 anos. Lembrando-se do aniversário, Glorinha convidou a vovó para voltarem ao Cemitério, pois queria deixar lá um cartão com seus parabéns ao pai. Mas a avó explicou-lhe:

— Querida, na verdade o papai está muito além de lá. Está no céu e nós precisamos enviar a mensagem para lá, sabe? A menina pensou, pensou e perguntou:

— E como vamos fazer isso, vovó?

Sabiamente, ela respondeu:

— Bem, meu anjo, acho que podemos escrever uma cartinha, pôr num envelope que prenderemos num balão. Ele levará a mensagem para o céu. Quando lá chegar, seu papai a pegará e ficará feliz em saber que foi você quem mandou. Que tal, querida?

Os olhos da menina tinham agora o brilho de muitas estrelas cintilantes e ela concordou:

— Isso! Isso mesmo, vovó! — e correu a aprontar-se; ia ajudar no plano, claro!

No caminho, com o carro repleto de flores, as três pararam em certa loja das imediações e vovó disse à netinha:

— Querida, venha me ajudar a escolher o balão que levará sua mensagem de aniversário ao papai.

Glorinha saltou alegre e, na loja, diante da estante onde se moviam dezenas de balõezinhos estufados, apontou logo para um em que se lia FELIZ ANIVERSÁRIO, PAPAI, tendo logo abaixo impressa a imagem colorida da *Pequena Sereia*, cuja história o pai lhe con-

tava. Era deslumbrante! Ele ia gostar, com toda certeza!

Fazia um dia alegre, ensolarado, bonito. No Cemitério, junto à lápide de Franck, Glorinha pediu:

— Vovó escreva a ele Feliz Aniversário, papai, amo muito você, estou com saudade. Espero que receba a carta e escreva para mim, no meu aniversário, dia 9 de janeiro de 1994!

A avó escreveu tudo, leu para a neta, e pôs seu próprio endereço no fim da mensagem; colocou-a dentro do envelope e este, embalado em plástico e bem preso à ponta da cordinha ligada ao balão. Com todo o ritual de lançamento preparado, acenderam a pequena mecha para estufar e aquecer a viagem do balão, seu foguete transportador da astronáutica mensageira de amor filial.

Então, Glorinha, que o segurava, soltou-o! O balãozinho embora bem aquecido rodopiou um pouco, inseguro... Mas, recuperando o equilíbrio, ganhou forças e começou a subir, mostrando a mensagem, presa a ele, gingando dependurada. Subiu, subiu, ganhou aquele céu azul, com as três responsáveis pelo lançamento acompanhando a viagem espacial daquela bolha prateada brilhante. Quanto mais subia, mais parecia diminuir de tamanho. E foi elevando-se até tornar-se um pontinho brilhante a perder-se na amplidão.

Durante quase uma hora, Glorinha pôde acompanhar a viagem do balãozinho tal como um pombo correio espacial, a buscar o endereço celeste de seu pai. E assim foi até que ele desaparecesse! O lançamento astronáutico daquela solene mensagem infantil, fora bem-sucedido! Haveria ela de alcançar seu destino! — Muito bem, queridas, mensagem de parabéns enviada. Papai vai recebê-la lá no céu. Hora de voltarmos para casa. — Assim disse vovó, encerrando a visita. Mas, a garota, gritou emocionada:

— Vocês viram? Lá em cima, papai estendeu a mão e pegou a mensagem. Agora, ele vai ler e me escrever.

O que não consegue criar a fértil imaginação infantil, pensou Kate, daquela surpreendente imaginação de sua netinha.

III

Rumando para o norte, a partir do sítio onde fora lançado, o balão, qual correio celeste espacial expresso, viajaria cerca de cinco mil quilômetros, até o sudeste do Canadá a caminho de seu destino aleatório, em busca de uma Ilha distante.

Nessa Ilha, num dia muito frio de novembro de 1993, uma família canadense: marido, esposa e três filhos, os MacKintosh, acordavam para mais um dia de afazeres, em suas atividades habituais. Residiam em uma casa modesta na Ilha Príncipe Edward, no sudeste canadense, cuja capital é Charlottetown. Por estranha coincidência, aquela comunidade denomina-se *Mermaid* (Sereia), localidade rural a leste da Capital, Charlottetown.

Walter, 32 anos, chefe da família, Guarda Florestal, nesse dia 13 de novembro de 1993, ao sair para o trabalho, levou seu equipamento para caçar patos. Com sua picape, rodou três quilômetros até a Lagoa Mermaid (Lago da Sereia). Deixando o veículo, caminhou até um charco próximo, entre pinheiros e abetos e, à distância, avistou entre os arbustos, à flor da água, algo que boiava e se movia em volutas. Era um balão prateado no qual se via impressa a figura de uma sereia. Achou engraçada a coincidência e se aproximou, para pegá-lo.

Ao soltar a corda que enroscara o balão aos arbustos, encontrou na ponta um invólucro plástico encharcado, contendo um envelope. Mais tarde, de volta à

casa, cuidadosamente, pôs o envelope molhado para secar. Estava olhando o cartão quando Diane, sua esposa, chegou das compras.

— Veja isto, querida, mostrando-lhe o balãozinho e a mensagem.

Curiosa, ela abriu a carta e leu em voz alta*: Oito de novembro de 1993 Feliz Aniversário papai. Gloria Tony.* E terminava com o registro de um endereço da remetente, em Live Oak, California (EUA).

— Mas hoje é 13 de novembro — comentou admirado o guarda florestal. E completou — esse balãozinho viajou 5.000 quilômetros em 5 ou 6 dias!

— E mais, — disse Diane — note que tem o desenho da Pequena Sereia que veio parar no Lago da Sereia!

— Querida, temos de escrever à pequena Gloria! Essa feliz coincidência talvez queira dizer-nos que fomos escolhidos para ajudar essa menina!

Mas Diane, triste com o que lera, emocionada, não pensava assim, largando o balão e o bilhete que compreendera bem, com lágrimas nos olhos, antes de afastar-se, disse melancólica*:*

— Tão pequena ainda e já ter de lidar com a morte! Oh! Isso é horrível. Deixa-me angustiada, sabe Walter?

Diante disso, ele guardou o bilhete numa gaveta e dependurou o pequeno balão na grade da varanda. Não queria discutir com a esposa. Aceitaria seu ponto de vista com a decisão de nada fazer.

Com o passar das semanas, porém, Diane arrependeu-se. Sentiu que precisava fazer algo, pois o balãozinho e a carta de parabéns de Gloria ao pai, não lhe saiam da cabeça. Afinal, ele sobrevoara as Montanhas Rochosas e os Grandes Lagos. Se seguisse um pouco mais adiante cairia no mar! No entanto, algo o fez descer na Ilha Edward e estacionar no Lago da Sereia. Parecia-lhe um sinal adrede preparado além da porta de

seu entendimento lógico! Então, pensou consigo:

— Oh! Deus, nossos três filhos têm muita sorte! — e pressurosa — Como se sentiria nossa filha menor, se o pai morresse repentinamente? Vou cuidar logo disso, ah! Vou mesmo,

Na manhã seguinte, falou ao marido:

— Você tem razão Walter, temos de ajudar a garotinha! E estou pensando no que fazer.

Comprou, numa livraria da Cidade de Charlotte, um livro infantil com a adaptação da história de *A Pequena Sereia*. Em casa, sentou-se calmamente e escreveu uma carta cheia de ternura para Glorinha. Num cartão criativo e colorido, à parte, escreveu: *Para uma filha querida, muito amor de seu pai, em seu aniversário!* Colocou o cartão e a carta em um envelope maior, juntou o livro da Sereia e, em 03 de janeiro de 1994, seis dias antes do aniversário de menina, subscreveu a correspondência em nome de *Gloria Tony* e o remeteu para o endereço que constava no rodapé da carta recebida. Ou seja, para o endereço de Kate.

IV

Depois do Natal de 1993, a conselho da avó Priscila e a filha, mudaram-se. Retornaram às proximidades da casa dela que havia planejado isso para estarem mais unidas: afastarem-se da casa onde falecera Franck, distanciando-se da ideia da morte, do velório, do luto e dos sofrimentos e tristes lembranças daquele que fora o encanto da neta, o amor da esposa, o chefe da casa e da vida familiar. Kate morava perto, mas em sua própria casa. Era ainda jovem, podia acontecer-lhe ter um companheiro. E queria ter sua privacidade.

Dois meses após a remessa do balão mensageiro, Glorinha tivera seu aniversário de cinco anos, em 09 de janeiro de 1994, já na nova residência, próxima da

avó. Mas, desde que tinham soltado o balão, ela perguntava todos os dias:

— Mamãe, acha que papai já recebeu meu balão?

Após o dia do aniversário, sem novas notícias sobre a mensagem aéreo-espacial ao pai, a menina parou de perguntar, retornando à antiga melancolia.

No final da tarde de 19 de janeiro de 1994, o pacote da família do Guarda Florestal chegou à casa de Kate. Ela preparava o jantar. Curiosa, leu apressadamente os nomes da destinatária e do remetente e supôs que fosse um presente tardio para Glorinha pois, no envelope constava o nome da neta. Decidiu que entregaria o presente no dia seguinte.

Enquanto meditava, antes de deitar-se, pensava: Por que alguém enviaria um presente para a neta no endereço dela? Então resolveu abrir o pacote. Tirou o cartão do envelope e leu: *Para uma filha querida muito amor de seu pai em seu aniversário!* Seu coração disparou. Precisava telefonar para a filha, apesar do avançado da hora. E o fez, noticiando a surpresa que a deixara de pernas bambas!

No dia seguinte, antes das 7h, a avó, depois de muito chorar devido à emoção das surpresas, rumou para a casa da filha e neta, que àquela hora já a esperavam no portão da rua. Entraram. Kate e Priscila sentaram-se no sofá. E vovó, tomando o pacote, o entregou à neta, dizendo:

— Glorinha, meu anjo, é para você.

— Eu sei — disse a menina, sem se abalar. E o retornou a ela, pedindo: — vovó leia para mim.

— Para uma filha querida muito amor de seu pai em seu aniversário.

Glorinha exultou de alegria. Seu pai havia lembrado do aniversário dela e lhe escrevera, conforme ela mesma havia pedido!

E Kate passou a ler a carta dos MacKintosh para

Glorinha:

—Feliz aniversário de seu pai. Acho que você está se perguntando quem somos. Bem, tudo começou em novembro passado, quando meu marido, Walter, foi caçar patos. Adivinhe o que ele achou? O balão de sereia que você mandou para seu pai.

Vovó parou um pouco para enxugar uma lágrima que insistia em rolar pelo seu rosto. Em seguida, continuou:

— Sabe, Glorinha, não há lojas no céu e seu pai queria que alguém comprasse o seu presente. Acho que ele nos escolheu porque moramos numa cidade que tem o nome de Sereia. Sei que seu pai quer que você seja feliz e não fique triste. Ele a ama muito e sempre cuidará de você, lá do céu, onde ele está. Muito amor da Família MacKintosh!

Então, Glorinha, muito alegre disse:

— Eu sabia que papai daria um jeito de não se esquecer de mim.

Vovó Kate, enxugando as lágrimas, começou a ler o livro da Sereia, presente dos MacKintosh. A história era um pouco diferente daquela que Franck lia e explicava para a filha. Na versão do pai, a Pequena Sereia termina vivendo feliz para sempre com o príncipe. Nesta, do presente canadense, porém, ela morre porque a bruxa má tirou sua cauda. Três anjos a levaram embora para o céu infinito.

Ao terminar de ler, Vovó Kate temia que esse final abalasse a netinha. Mas, Glorinha exclamou, com surpresa, de modo alegre: Viram? Ela vai para o céu, como aconteceu com o papai. Uma imaginativa ideia que ia muito além daquela porta desconhecida.

V

Em fevereiro de 1994, os MacKintosh receberam

uma carta da mãe de Glorinha, agradecendo a família por *terem com sua gentil iniciativa realizado o sonho de minha filhinha, Gloria. Sua alegria renasceu assim que seu presente e a mensagem chegaram.* Nas semanas seguintes as famílias de Priscila Tony e a dos MacKintosh, trocaram telefonemas carinhosos e combinaram visitas.

Em março de 1994, Kate, a filha e a netinha, embarcaram num avião que percorreu 4.800 quilômetros até a Ilha Príncipe Edward, no Canadá, para conhecerem os MacKintosh. Lá as alegrias se multiplicaram. E, quando caminhavam pela floresta, tendo Walter como guia, para verem o local onde o guarda florestal encontrara o balãozinho da Sereia, as três, permaneceram em silêncio, pois sentiam a presença espiritual de Franck, junto delas. As coincidências dos fatos foram tantas que levaram as duas famílias a crerem numa interferência divina. Mas agora, todos viam que realmente tudo estava muito além da porta das coincidências.

Nos meses que se seguiram, sempre que Glorinha sentia saudades do pai querido, ligava para os MacKintosh. Alguns momentos ouvindo-os bastavam para acalmá-la e devolver-lhe a alegria de viver. A menina passou a sentir e a aceitar que o pai estava vivo em alguma outra dimensão, além da porta é claro, mas sempre pensando nela.

— O céu é tão grande e papai passeia nele, pensando e cuidando de mim lá de cima. A gente não vê, mas eu sei que ele está lá!

Glorinha convencera-se de que o pai escolhera mesmo os MacKintosh para enviar sua mensagem de amor no seu aniversário. E a paz voltou a reinar em seu coração infantil, pré-adolescente! O tempo passou célere e a Glorinha de hoje, 2019, tem 30 anos. Sua fé convicta desmistificou as dúvidas que a assaltaram na

infância e adolescência porque, segundo a sabedoria da vovó Kate, elas estão além da porta que separa o nosso mundo material da vida espiritual no mundo da vida eterna, para onde viajara o pai Franck Toni. Ele vive lá, mas continua cuidando dela aqui, à distância.

Celso de Almeida Cini
Cadeira 37 — Patrono Afonso Schmidt

Nota do Autor
Este conto é baseado em fatos reais, publicados em dois artigos notáveis da Revista Seleções *Reader's Digest*, em setembro de 1995 e em dezembro de 2018. No conto, os nomes foram alterados para respeitar a privacidade e permitir as ficções introduzidas na história real.

Maria do Céu Formiga de Oliveira, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 38 cujo patrono é Mario Quintana. Graduada em Psicologia, pós-graduada em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica, e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de Ensino Superior. Também é escritora, além de atuar nas artes plásticas com pintura em aquarela. Na área acadêmica, como professora universitária fez parte do corpo docente da Universidade Metodista. Na Faculdade de Belas Artes, ministrando as disciplinas: Psicologia da Arte, Psicologia da Comunicação e Criatividade. Autora dos livros: Visões de um ante herói; Trajetória do Silencio; Primeiro Pôr-do-Sol; Remanso e Outros Recantos; Um Piscar do Infinito; Delicadezas. Participação nas coletâneas: Terapeutas na Cozinha; Noi, Donne –Sfide e Conquiste dei Nuovi Tempi; Women´s – in the World e O Que Dela Trago em Mim.

Para além de lugar nenhum

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Era ainda inverno. Estava no finalzinho, mas eu ainda tremia de frio.

Na Grécia dos meus sonhos, uma viagem pela rota clássica: Atenas, Corinto, Micenas, Olímpia, Delfos, Nauplia. E foi em Nauplia que minha história absurdamente imprevisível deu seus primeiros passos.

Começou a partir da região do Peloponeso, aninhada na crista de uma colina de duzentos e dezesseis metros de altura, na fortaleza barroca de Palamidi, construída por venezianos, capturada por turcos e depois por gregos, aquele meu desejo antigo de fazer uma travessia.

Com o pouco que, na época, eu dispunha, manequim 38, cabelo cheio de cachos e cores, botinhas de camurça surradas e confortáveis, uma jaqueta militar e um cachecol de lã listado com todas as cores possíveis, tricotado por mim, que enroscado em meu pescoço apresentava ao mundo o jeito declaradamente avoado de transitar pelos trópicos.

E foi na base da fortaleza de Palamidique, que conheci Jaqueline, uma francesa guia de turismo em seu país e que, como eu, estava embevecida pelo encanto daquela que seria a escalada que nos presentearia com a vista mais exuberante sobre o Golfo Argólico e os países vizinhos.

Jaqueline era o exagero em pessoa, alta demais, magra demais, seu cabelo era curto demais. Falava italiano e um pouco de espanhol. Pela facilida-

de do idioma, nos aproximamos e começamos um diálogo muito expressivo, poucas palavras, muita mímica e pouca estranheza.

Subir novecentos e treze degraus, numa escada sinuosa até chegar à fortaleza, naquela época não era nada assustador para mim, nem para ela... (acho que exagerei). Na verdade era de tirar o fôlego. E lá fomos nós, mochila nas costas, botinha surradas degrau por degrau. Optamos por fazer a escalada bem devagar e ir curtindo cada dobrinha da escadaria e assim, tivemos tempo para nos conhecermos. Fiquei sabendo que Jaqueline era casada com Patrick, um guia de turismo na África; morava perto do *Quartier Latin*, no terceiro andar de um prédio e adorava colecionar cenários do coração. Estava traduzindo aquela viagem em um roteiro especial porque pretendia ampliar seu campo de trabalho e eu, pretendia traduzir meus arrepios e alumbramentos em pura poesia, o que de fato aconteceu. Ao voltar para o Brasil trouxe uma coletânea que foi lançada no outro verão do ano seguinte chamada Primeiro Pôr do Sol.

Mais de novecentos degraus bem devagar é tempo suficiente para atualizar qualquer biografia. Quando chegamos ao topo do castelo já nos sentíamos praticamente amigas de infância. Exagerei novamente? Não é possível!!

Sentamo-nos no chão e contemplamos em silêncio, quase em soluço, a grandeza de Deus naquele raio, trezentos e sessenta graus a nos enrodilhar de fascínio.

Peguei o bloco na mochila e eternizei o que meus sentidos estavam colhendo... nasceu, discretamente, meu primeiro poema sobre Nauplia depois outro... mais outro... e outro mais...

Ao final da tarde descemos mansamente sussurrando pequenos superlativos. Lá embaixo quis comprar um livro de arte sobre a cidade, mas não levara dinheiro suficiente; Jaqueline imediatamente se ofereceu para me emprestar. Aceitei e saí com aquela preciosidade pesada,

capa dura, com fotos indizíveis, debaixo do braço... sapateando no quiosque, não havia dúvida que havia se apossado de mim a criança cheia de cachos e cores na cabeça.

Quando chegamos à cidade, Jaqueline teria que voltar à sua querida terra natal enquanto meu destino final seria Kunach, Zurique, no Instituto de Carl G. Jung. Ela foi comigo até o hotel e eu pedi que esperasse um pouco porque iria pegar o dinheiro para lhe pagar. Para meu espanto disse-me que não iria aceitar ali, gostaria que eu *quitasse a dívida* em Paris, ao lado dos seus queridos. Insisti, mas nada a convenceu de mudar a estratégia e assim, resolvi passar uns dias em Paris antes de seguir meu roteiro.

Dois dias depois, cheguei e me instalei em um hotel bem simples numa travessa da *Champs Élysées* e informei a minha "mais recente amiga de infância" que iria dar uma volta pela cidade e que no final da tarde estaria em seu apartamento. Por volta das dezoito horas, subi os três andares, numa escadinha bem apertada daquele prédio antigo. Muito antigo mesmo. Toquei a campainha e apareceu a alta e magrela Jaqueline, e ao seu lado, um cachorro preto, com uma cabeça enorme, quase do meu tamanho, com olhar penoso, Afrique. Ela não sabia que eu morro de medo de cachorros. Fiquei imóvel e já querendo ir embora bem devagar temendo que o cachorro, sentindo-se rejeitado, me atacasse. Mas, sem chance de recuo, com muito alegria, minha amiga fez-me entrar naquele apartamento minúsculo, tão cheio de atrativos e estímulos que me deu até tontura.

Seu marido, um possante "quase africano", uma simpatia sem fim, acolheu-me com tanta delicadeza que fiquei sem jeito e em volta de uma mesa redonda, bem pequena, ficamos nós três, digo, nós quatro, incluindo Afrique, para *une fondue* de carne, mil fortíssimos temperos deliciosos e vinho, muito vinho.

É preciso ressaltar que não tenho dúvidas de que foi

amor à primeira vista... do cachorro por mim. O danado não saiu do meu lado nem um segundo... e me olhava com aquele olhar lânguido meio apaixonado, e eu? Disfarçando e fingindo intimidade.

Que noite inesquecível! Noite embrulhada numa amizade tão graciosa... tão especial.

Lá pelas tantas me animei para ir embora, mas o improvável mostrou sua carinha. O casal disse que de jeito nenhum eu iria, que poderia dormir ali, seria uma honra e etc. Olhei à volta e pensei: Deus do céu, dormir aonde? Naquela sala tão pequena e lotada de estímulos que me faziam dar volta ao mundo em milésimos de segundos? Lógico que nenhum argumento me livrou do convite. Teria mesmo que dormir ali... ONDE? No canto da minúscula sala, segundo minha interpretação, havia uma espécie de barco virado cheio de almofadas em cima, insinuando uma poltrona... e Jaqueline encaminhou-se até ele, virou aquela peça e era, na verdade, nada mais, nada menos que um sarcófago, possivelmente uma réplica, e, sem cerimônia, colocando almofadas vermelhas de um tecido brilhoso dentro, disse: — Aqui você pode dormir em paz... confortável.

Olhei para aquela estranha mobília, tirei a botinha e lá fui eu, a *Nefertit mirim*, da era pós-moderna, toda sem graça.

O casal foi dormir e ali fiquei deitada no sarcófago, esticadinha com os braços cruzados e com Afrique no tapete ao lado, velando meu sono que havia desaparecido naquela câmara funerária.

Ah! Que saudades tenho daquela noite que selou uma amizade que perdura até hoje.

Voltei a Paris algumas vezes e sempre recordamos o encanto daquelas escadarias sinuosas de Nauplia, do primeiro poema cometido olhando as águas esverdeadas daquele inesquecível Golfo, da alegria do livro de capa dura comprado com francos emprestados, do espanto do

convite, da *fondue* ao lado de Afrique que me teve como seu primeiro amor, da noite inesquecível e deliciosamente mal dormida no sarcófago cheio de almofadas, das histórias contadas, da biografia revisitada, da considerável grandeza que há na amizade que Deus nos concede inesperadamente.

Continuo nutrindo essa "amizade de infância" com toda docilidade que me cabe porque todas as minhas idades dão conta de apresentar as soleiras por onde pisei... Tenho mania de eternizar, não me relaciono bem com pegadas provisórias... amizade é para mim um ato eucarístico aninhado ao coração que não tenho porque renunciar.

Maria do Céu Formiga de Oliveira
Cadeira 38 — Patrono Mário Quintana

Segunda Antologia Literária

Poesias

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 01, cujo patrono é Gustavo Teixeira. É advogado, escritor, poeta e compositor. É também funcionário público da Prefeitura Municipal de Santo André. Nascido em Santos Dumont, Minas Gerais, em 1947, é o terceiro de uma família de doze irmãos. Aprendeu as primeiras letras em sua cidade natal, completando a sua educação em Barbacena, Minas Gerais, no Colégio Agrícola Diaulas Abreu. Posteriormente, mudou-se para a região do ABC Paulista, com toda a sua família, radicando-se em Santo André, São Paulo. Cursou Direito em São Bernardo do Campo, São Paulo.

Se eu pudesse reverter

Sebastião G. Ferreira Gomes

Se tudo der certo
creio que vou me dar bem!
Mas se houver alguém por perto!
Sei lá, vou para o além!
Mas como é que pode
ter alguém que livre, não é?
Não se incomode,
viva em paz e tenha fé.
Se eu quiser viver a vida
tenho que sair do ovo.
Mesmo que minha ferida
seja um calo que removo.
Se há dor em minhas pernas
eu vou ter que suportar
me lavando nas cisternas
com água pura a jorrar.
Simplesmente eu pensei,
ainda não consigo agir.
Vou ganhar força, bem sei
e minha coragem vai reagir.
O que preciso é muito pouco
e nem é difícil, assim creio.
Às vezes me sinto louco
quando penso, mas permeio.

O que preciso é ter coragem
mas é isso que me falta.
Se eu puder seguir viagem
certamente estou em alta.
Vou me apegar à realidade,
vou suportar minha incerteza
e, talvez, a minha idade
pode sim, ganhar firmeza.
Não duvido que há ouro
onde quer que eu passar!
Caso encontre um besouro
muita coisa eu irei pensar.
Aqui ficar sem ter carinho,
e escravo me sentir?...
É abrir mão do próprio ninho
e na vida não seguir.
Mas no fundo o que eu quero
nem sei se me conforta.
E para ser sincero;
é sair além da porta.

II

Pense em tua casa
com tudo o que tens,
pense nos teus bens
e no que mais a atrasa.
Pense nos laços de família,
nos teus primos distantes!
Pense nos gigantes
e um pouco na Emília!
Creio que no teu pensamento
tu imaginarás um mundo
e um buraco bem profundo,
pois a vida é um momento.
Mas te restará ainda um grito

e isso é o que importa,
pois somente além da porta
tu verás o infinito.

III

Sei que se, um dia,
eu sair do meu canto
vou mandar a nostalgia
viver fora do meu pranto.
Mas para ser mais preciso
tenho que tomar assento
no bojo do paraíso
que se encontra em um momento.
Onde procurar o melhor lugar?
Nas profundezas do meu pranto?
Ou nos moldes do ficar
esperando o desencanto?
Não sei, mas vou descobrir
nem que seja necessário
eu precisar me despedir
do meu seguro armário!
Sei que aqui dentro
quase tudo me conforta,
mas sempre me concentro
no que há além da porta.

IV

Hoje eu me sinto cansado,
mas nem sei por quê!
Não tenho ninguém ao meu lado,
nem mesmo você.
Você que sempre me aturou
com o meu mau humor constante,
agora de mim se afastou!

Isso pra mim é estafante.
Mas como posso reverter
esta minha situação?
Nem imagino como fazer!
Serrar as grades da prisão?
Não, não assim não!
Não vou sujar minha imagem.
E as pessoas como me verão?
Pra que pensar isso; é bobagem.
Nada faço o dia inteiro
e nada disso me conforta.
Sou um prisioneiro,
só serei feliz além da porta!

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Cadeira 01 – Patrono Gustavo Teixeira

Jose Roberto Espíndola Xavier, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 24 cujo patrono é Alberto de Oliveira. Casado com Sonia Maria Franco Xavier e pai de Gustavo, Luciano e José Roberto. Médico pela Faculdade de Medicina da USP, campus de Ribeirão Preto, com especialização em Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo. Pós-graduado em Medicina do Trabalho. Membro da Sociedade Brasileira de Coloproctologia. Sócio Presidente da Associação Paulista de Medicina, Regional de São Caetano do Sul , médico cirurgião do aparelho digestivo do Hospital São Caetano por 35 anos. Curador da Fundação das Artes; Patrono Fundador das Artes de São Caetano do Sul. Membro da União Brasileira de Escritores (UBE). Membro da Academia Brasileira Maçônica de Artes Ciências e Letras. Autor dos livros de poesias Meu Século e Voyeur.

Meus Avatares

José Roberto Xavier

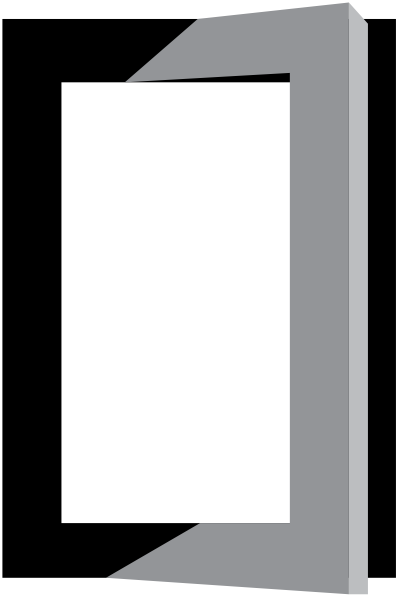
Não me proponho
Entre Cila e Caríbdis
Navegar por mares
De injustas causas
Densas
Tensas
Imensas
Agnóstico
Cedo à razão
Reconsidero as crenças.
Recuso-me voar
Com asas de Ícaro
Rumo a um sol fictício.
Temo a cegueira
O flash das ilusões
Por enganos de fins
E de paixões.
Viver o acaso
O fake programado
O encontro fortuito
Esperado
Previsto
Armado.

No hálito do Alísio
No calor dos trópicos
Nos incêndios
Da ganância
Da arrogância
Da prepotência
Indigência de ideias
Indecência de propósitos
Não me atemorizam
Medusas ou Medéias.
Além da porta
Invento um sorriso
Indecifrável
Instável
Inefável
Blasé comme il faut.
Com máscara do desapego
Mascaro no olhar
A áscua da denúncia
Da renúncia
Da pronúncia.
Semipresente
Camaleão
Faço-me ausente
Silente
Inconsequente.
Estranho à epifania
Não me purifica
Nas dúlias
O incenso dos crédulos.

Boca seca
Destilando a peçonha
Engolindo o óbvio obnóxio
Peco
Impreco
Levado pela corrente
Sigo a chusma
Cavalgo Pégaso
Derroto Quimera.
Além da porta
Filmo o espaço
Lado a lado
O estreito
O pé direito
Constato na tela
A insignificância
Do meu quadrado
Discreto
Sem porta
Sem janela
Tumba sem teto.
Sufoca o grito
A voz
O gemido
Trava o arresto
Silencia o protesto.
Quero compor
A letra do hino
Meu destino
Minha verdade.
Quero dançar
Meu par?
A liberdade.

Além da porta
É preciso
Traçar o caminho
Criar o endereço
Pagar o preço.
No eco da prece
Se recomece
Lapidar
A pedra bruta
Resgate de dívida
Com esta gente
Na sua labuta
Crescente
Pungente
Valente
Vem, Vixnu!
Comanda o rito!
Encarna. Calque
Teu avatar justiceiro.
Em tempo de magia
É a ti que a fé exorta
Ilumina as mentes
Semeia a esperança
Há vida
Além da porta.

José Roberto E. Xavier
Cadeira 24 — Patrono Alberto de Oliveira



Segunda Antologia Literária

Sócio Correspondente

Flávio Mello, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, desde 2011 onde ocupou a Cadeira 02 de Olavo Bilac e hoje como Sócio Correspondente. Possui graduação em Letras - Literatura, Especialização em Práticas e Vertentes - Literatura Africana e Infantil e Mestrado no curso de Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, com título: Notas biográficas e metáforas religiosas na poesia de Jorge de Lima. É professor, palestrante, coordenador editorial e escritor, autor de vários livros de ficção e artigos em revistas. Atualmente é professor convidado em Universidades e Colégios onde ministra aulas sobre Literatura, Escrita Criativa, o Conto Contemporâneo e Poesia. Oficinas em diferentes abordagens que vão desde a criação de peças e construção de fantoches a Poesia Modernista de Jorge de Lima.

Na caverna de Polifemo
Ou apenas uma palavra...

Flávio Ferreira de Melo

Eu media a inteligência do meu pai, e do meu avô, pela grossura do livro que liam.

Era comum me levantar de madrugada, abrir a pesada porta do quarto, dos meus três irmãos e meu, e ver uma luz amarelecida, meio que distante vindo do quarto do meu pai, que estava sempre aberta. A luz se fundia à fumaça que saía de seu cigarro. Em uma mão o pesado volume, na outra o cigarro... uma página virada, um trago. Minha mãe no colo de Morfeu.

Meu caminho era o banheiro, mesmo que eu não sentisse vontade de nada, acho que nunca falei isso para meu pai, devo ter falado, em uma de nossas conversas de adultos (se não falei — deveria, mas espero que ele leia isso um dia), o fato é que eu queria vê-lo lendo, era mágico o que eu via depois daquela porta — um homem enorme, com um livro enorme, luz débil, tímida... a névoa os envolvendo, a respiração funda de minha mãe.

Meu pai devorava livros, como Polifemo devorava os companheiros de Ulisses naquela ilha paradisíaca... vi a porta do quarto do meu pai e logo imaginei aquela enorme rocha com que o ciclope fechara a entrada da caverna.

Foi numa noite... despertei, não me recordo o que sonhei, eu era muito novo, uns dez

anos, eu acho. Despertei... e senti o cheiro do mar, de frutos do mar, vi um brilho vindo da Saleta Mágica, um som de máquina, barulhos do mar... abri a porta. Despertei. Caminhei. Algo me chamava. Uma sereia? — Pensei... e segui. Despertei. Abri a pesada porta do meu quarto, caminhei.

Olhei para o quarto do meu pai, mamãe e ele dormiam... entrei como Ulisses, sorrateiro na caverna do monstro... meu pai se mexeu, tremi... ele era bravo... continuei, engatinhava... eu não tinha a pele de ovelha em minhas costas, como aqueles homens fortes e destemidos, poderia ser descoberto a qualquer momento. Despertei.

Vi entre tantos, no criado-mudo (amo o nome desse móvel), um grosso livro de capa azul petróleo, talvez feito de petróleo, lembrei-me de outro livro *Aventuras de um Petroleiro*, apanhei o livro, era pesado, capa escura com detalhes em dourado, tudo escrito em dourado, não li o que estava escrito, era perigoso demais continuar ali... ele poderia despertar a qualquer momento, e liberar sua fúria sobre mim... o cheiro do mar ficou mais intenso... voltei sorrateiro, todo Ulisses de ser, com o prêmio em minhas mãos.

Voltei ao meu quarto, fechei a porta... meus irmãos dormiam. O cheiro do mar e o som das máquinas ficaram mais fortes, pulei na cama. Despertei. Abri a porta daquele pesado livro, aliás aquela pesada capa... ouvi o ranger e o som do canto dos pássaros. Tremia de medo, pois a qualquer momento eu poderia ser pego, e se ele me pegasse me jogaria ao mar. Eu sei... ele era muito bravo.

Lá estava eu... folheando aquele livro... quando de repente me deparei com a palavra que mudaria minha vida – CETÁCEO – e o nome NINGUÉM se fez presente..., nunca mais as profundezas do mar seriam as mesmas para mim. Ouvi um estrondo, a porta se abriu... a luz da Saleta Mágica adentrou meu quarto de dormir. Eu tre-

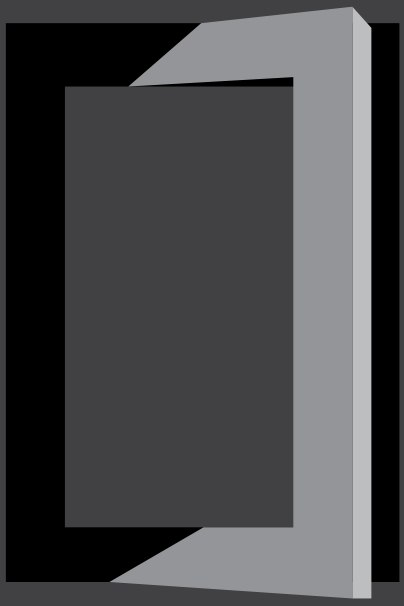
mia, Polifemo me puxou pela perna, me suspendeu no ar, como se nada pesasse, ele havia dado falta de um de seus tesouros, e agora coberto de ira o vinha reivindicar. Eu tremia.

Olhou dentro dos meus olhos... seus olhos eram vermelhos e profundos, de sua garganta o cheiro de milhares de homens devorados se espalhou pelo aposento, pude ver ainda, sem ter sido mastigado, por inteiro, um braço humano, e com uma voz que ecoa de uma caverna profunda, ele disse:

— Quem mandou pegar meu livro, já para cama... amanhã conversaremos.

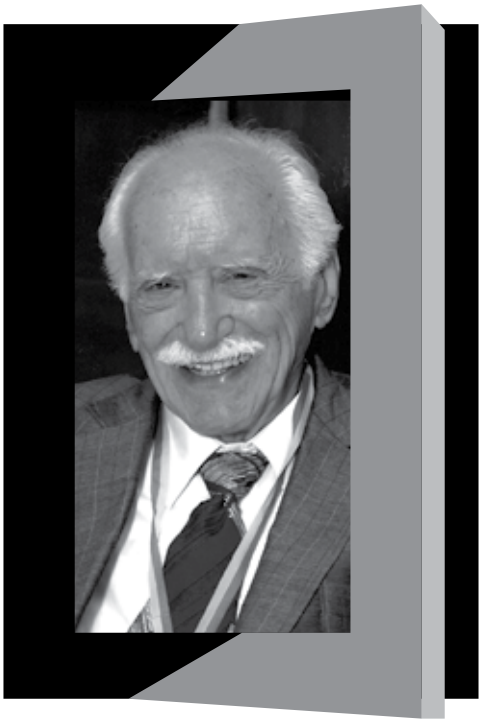
Tomou o volume de mim, virou-se, fechou a porta... e de medo, caí no sono, ou fora um desmaio?

Flávio Ferreira de Melo
Sócio Correspondente



In memorian

Segunda Antologia Literária



Rinaldo Gissoni, em 11 de agosto de 1981 fundou a Academia de Letras da Grande São Paulo - ALGRASP um orgulho para a cultura brasileira, foi presidente desta Instituição por 26 anos. Ocupou a Cadeira 01 cujo patrono é Gustavo Teixeira. Nasceu, em São Paulo, Capital, em 16 de abril de 1916, filho do médico-veterinário e arquiteto Mário Gissoni e de Filomena Gissoni. Foi casado com Antonieta Puttini Gissoni. Faleceu em seis de novembro de 2010, em Santo André, São Paulo, aos 94 anos de idade. Formado em Medicina-veterinária, Farmácia e Advocacia. Ainda estudante em Pouso Alegre, Minas Gerais, onde morou, apaixonou-se pelas letras e, paixão esta que o levou a fundar os periódicos *O Futurista* – de caráter eminentemente literário e o *Veterinário* – de caráter científico. Foi fundador do Centro Literário Joaquim Queiroz Filho. Foi, antes de tudo, um idealista e um sonhador. Primava pela qualidade e elevação do pensamento literário, priorizando o engrandecimento dos princípios morais, cívicos e culturais, ético e estético mostrado em suas obras, nas quais valorizou sobremodo a escrita correta do nosso vernáculo. Seus livros atestam seu cuidado e respeito pelo leitor. Sua obra não precisa de classificação, cabe-lhe sim, a importância que seu trabalho acrescentou a caminhos da poesia moderna. Sua extensa obra literária está registrada em Brumas; Pedestal Inacabado; Dimensões Humanas; Os Mistérios da Montanha; O Enigma de Rosangela; Irisações Finais; Braços Abertos; O Elemento RAM; Além das Trevas, seu último livro publicado em vida e lançado *in memoriam* devido ao seu passamento. Esta Academia foi o coroamento da luta de toda a sua vida.

Epifânia

Rinaldo Gissoni

In memoriam

Ainda hoje decorrida uma década, mal consigo entender a verdadeira razão pela qual meu querido e sexagenário tio Leandro resolveu casar-se, em segundas núpcias, com Epifânia. Lembro-me de haver surpreendido os dois irmãos, meus tios Leandro e Bruno, em conversa familiar, porém incisiva, pouco antes do ansiado enlace. Se me não falha a memória, diziam eles:

— Pensaste bem, Leandro?

— Por que pensas que eu não pensei?

— É que ela é bem mais moça. Tu passas dos sessenta, enquanto essa Epifânia não chegou aos trinta.

— Vai daí...

— ...a diferença de idade é demasiada, Leandro. Acho fundamental, para o equilíbrio das relações do casal, que a diferença de idade entre os cônjuges não seja assim acentuada. No futuro haverá problemas psicológicos, senão de outra ordem. Já leste Freud?

— Dele, alguns esparsos, de somenos. Aliás, esse Freud, para mim, é intragável. Dão-se-lhe a maior importância pelas teorias envolvendo a causa dos sonhos, ou os sonhos como premonições de fatos da vida real, mas talvez não tenha interpretado nenhum dos próprios devaneios.

— Por que tamanha dúvida?

— Ora, tu sabes, Bruno, essas ideias são frutos de pura hipótese.

— Mas o problema transcende a simples hipótese.

É mais profundo, podendo atingir uma das instâncias investigadas com paciência e sabedoria por Freud: o ego, o superego, o id. Não vejo atingidas as duas primeiras, todavia, o id — elemento impessoal, inconsciente.

—Como assim?

— A resposta é simples: sofres a carga de impulsos eróticos, agressores do teu aparelho psíquico. Isso causa-te neurose, e pensas que no casamento encontrarás a cura do corpo e a libertação do espírito.

— Sê claro.

— Dizes que Epifânia é mulher culta... Dessa qualidade te fizeste cativo. Que me dizes?

— Ora, o que decidi, está decidido. Caso-me com Epifânia.

— Algo mais a dizer? Que vês, ainda, nela?

— É preparada, isso basta. Mulher preparada está ali. Não vejo nela melhor tributo, apesar de dotada de outras qualidades apreciáveis: é bonita, inteligente, carinhosa...

Encerraram a conversa. Tio Bruno afastou-se, com sombras de tristeza cobrindo-lhes as rugas, e sem ouvir tio Leandro resmungar:

— Eu sei o que faço. Sei bem o que faço, ora bolas!...

Tanto sabia, tanto fez. Casou com Epifânia, ressaltando a separação de bens e mais as seguintes condições: em papel escrito ela doava o que tivesse, a ele; de igual modo, ele doava a ela o que possuía, e desde logo passava, para o nome de Epifânia, a casa que lhe coubera em inventário, por morte de Edna. Vozes se ergueram contra a convenção unilateral. Só ela se beneficiava, pois recebia, sem ter o que dar. Tio Leandro fez-se surdo aos protestos, fossem todos às favas. O que dissessem ressoaria nos seus ouvidos como ecos no deserto. Justificava a decisão, dizendo que Epifânia tinha um tesouro: a cultura, e, assim,

as suas possibilidades de progredir eram grandes. Tudo quanto fizesse seria pouco para compensar o sacrifício de Epifânia, pobre moça, disposta a fazer a felicidade de um homem a resvalar na trajetória da vida. Ficava longe o ponto inicial, bem atrás o marco da idade adulta, e pouco à frente devia situar-se o final da velhice. Enquanto a tivesse, não veria o fantasma da morte, senão o calor da vida...

Alguém teria ouvido Epifânia a dizer:

— Toda a desvantagem é minha. Pudera! Sou moça, bonita e cheia de saúde. Vou ter que suportar o velho boboca por muito tempo... que Deus me dê forças.

Quando lhe perguntavam:

— Não é verdade que o Leandro te deu uma casa?

— Isso paga o ter que tolerar aquela boca fedorenta de sarro? —respondia de pronto, com três gestos muito significativos: enrugava a testa, semifechava os olhos e arredondava os lábios, numa demonstração inequívoca de desprezo. Tio Leandro andava no mundo da lua, e nada mais que tudo azul para ele. Nos encontros com os amigos, nas ruas ou bares, gabava-se de possuir a mulher que possuía.

— Como Epifânia, outra não existe. Inteligente... e muito preparada. Ela vai longe...

Os amigos trocavam olhares maliciosos, de soslaio, e diante de tio Leandro deixavam escapar alguma palavra animadora: — sim, nós sabemos disso... Contudo, longe dele, murmuravam: — Epifânia é boa demais... Uns emitiam assobios melífluos, outros giravam a ponta da língua pelos beiços.

Por isso, passei a avaliar o caso com mais percuciência: para tio Leandro, cultura nada representara, até então, absolutamente nada. Os viúvos encontram sempre evasivas para justificarem os seus desideratos: não suportam a solidão: precisam

de companhia; as finadas aparecem em sonho e aconselham que se casem outra vez; os filhos não se importam com eles... Para tio Leandro, a mulher instruída é que poderia trazer-lhe conforto.

Participantes de um grupo de excursionistas, meus pais empreenderam viagem pela costa do Nordeste, deixando-me aos cuidados do tio Leandro. É uma forma dizer "aos cuidados", porque guapo mancebo, com aparência — digamos, sem rebuços — de adulto bem-apanhado, eu não carecia de desvelos. Deixaram-me ali e a minha permanência como hóspede seria prolongada, tanto quanto durasse o roteiro. Foi então que descobri — ou supus descobrir — a verdade, nua e crua verdade. Nem sempre convém conhecer a realidade. É chocante, e não me enganaria ao admitir ser preferível, muitas vezes, a gente viver sob o manto azul da mentira e da ilusão.

As coisas mais extraordinárias acontecem inesperadamente, segundo dizia D. Quixote a Sancho. Não é mera suposição, porém, uma certeza de ordem científica, incontestável. Assim é que a História registra os maiores eventos, como o princípio da alavanca, o princípio da flutuabilidade, a força motriz do calor, a radiatividade... Tudo como frutos da observação objetiva. Por conseguinte, descobri, inesperadamente, a verdadeira razão pela qual o tio Leandro se casara com Epifânia. Eu vinha da rua, pois fora à farmácia aviar uma receita que o médico prescrevera para o velho, acamado já havia alguns dias, sem sintomas definidos. Entrei pelos fundos. Cabe explicar aqui o seguinte: a casa de meu tio achava-se no alinhamento da Rua Floriano, tão movimentada quanto poeirenta, mas o quintal dava para a Rua do Chafariz, mais antiga e calçada de grandes e irregulares pedras chatas. Da rua dos fundos à rua da frente verificava-se um desnível

de quatro metros. A gente evitava entrar e sair pela frente porque, além das sufocantes nuvens de poeira vermelha, o acesso ao centro tornava-se sobremodo difícil pelas ruas transversais, excessivamente inclinadas. Entrei pelo portão dos fundos e ergui o olhar. Foi então que topei com a verdade.

Na varanda, estava Epifânia, confortavelmente sentada numa cadeira de jardim, de fios de ferro em estilo antigo, a ler o jornal da manhã. Que ninguém me recrimine por falar em "Epifânia" e não em "tia Epifânia". Jamais tive ânimo de tratá-la com cerimônia, considerando que tudo nela tresandava intimidade: a maneira como olhava mantendo os olhos firmes, os movimentos desinibidos, o tom da voz... Procurei chama-la de "tia" logo no começo; fui rechaçado de plano; — eu tia? Não quero ser tão velha; diz o meu nome, sem a tia, entendes?

Pois Epifânia lá estava na varanda, tendo o rosto semioculto pelas folhas do matutino, e as pernas cruzadas, isto é, a perna esquerda atirada, displicentemente, sobre a perna direita. Era um quadro agradável de se ver: o Sol, jorrando claridade, invadia a varanda espalhando-se numa parte da dependência e reverberando no verde de dois ou três tufos de samambaias. Na posição em que Epifânia se achava, metade do seu corpo ficava na sombra, enquanto que o Sol a envolvia da cintura às pontas dos pés. Realmente, creio jamais ter deparado com mais perfeito, sugestivo e emocionante pormenor. Nos livros que folheara, nenhuma reprodução se me antolhara com perspectiva semelhante. Cada linha, dos pés à fina cintura, e da cintura ao proeminente busto então perceptíveis, por mais que eu dissimulasse os meus propósitos, era rica de voluptuosidade. Confesso que, ao vê-la de maneira tão displicente, largada na confortável cadeira,

expondo as pernas nuas, e além de bem torneadas, as coxas alvas e roliças, lancei olhares rápidos, ansiosos, repassados de lascividade. Percebi, num relance, que Epifânia fingia ler, e, pelo lado direito da folha de jornal, baixou o olhar na minha direção para observar-me com particular e misterioso interesse. Primeiro senti-me perturbado por violenta sensação, afluindo-me o sangue, num jato, ao rosto e levando-me à cabeça intenso calor. Cada passo pelo corredor rumo aos degraus de acesso à varanda, seguido de fisgadas inteligentemente fingidas, resultava-me o latejar das têmporas. Eu não queria avançar, mas avançava na direção da escada; eu não queria olhar, mas olhava para aquele delicioso vulto palpitante de vida e ansiando satisfações. Houve um instante de indignação, quando ela descruzou as pernas e lançou o jornal sobre a mesinha de mármore, num gesto de erguer-se. Contudo não se pôs de pé, tornando a cruzar as pernas, e acolhendo-me com significativo olhar.

— Não! Não pode ser mais do que um comportamento irrefletido, momentâneo, sem qualquer propósito erótico, — pensei.

Subi ao primeiro, transpus o segundo, cheguei ao terceiro degrau. Doravante seria penosa a escalada. A altura aumentava de degrau a degrau, meus pés ganhavam insuportável peso, e a custo atingi o piso da varanda.

— Não sei como agradecer-lhe, foste gentil.

— Que foi que fiz? Uma obrigação sem importância.

— Obrigada, Altino, muito obrigada — disse, erguendo-se.

Desembrulhou o pacote de remédios, conferiu-os pousou a mão no meu braço, apertando-o suavemente, fez-me ligeiro carinho no rosto, sussurrou-me no ouvido:

— Mais tarde nos veremos.

Entrou, desaparecendo no corredor.

Fiquei ali na varanda, feito idiota, a cabeça a latejar... Afinal eu havia encontrado a razão pela qual tio Leandro se casara com Epifânia: por causa das pernas, naturalmente. As suas pernas eram esculturais, e não constituía exagero admitir que as pernas são elemento importante e imprescindível, tanto quanto o rosto, para manter em harmonia a beleza feminina. Se a mulher tem recurso para se embelezar com a técnica da maquilagem, já não pode fazer o mesmo em favor de suas pernas. Epifânia tinha as pernas bem modeladas, lisas, sem qualquer defeito, edema ou mancha, mínimo que fosse. Eram perfeitas e tentadoras as suas pernas de balé jônico.

Permaneci prostrado na cadeira, dir-se-ia imobilizado por seus braços de ferro, a ruminar pensamentos supinos, a idealizar situações excepcionais para o meu êxito e, por conseguinte, para a minha exclusiva felicidade. Imaginava Epifânia inclinada sobre o meu rosto afogueado, toda solicitude, alisando-me os cabelos ou passando, numa parte qualquer do meu corpo, as suas macias e finas mãos de fada. As mais extraordinárias imagens, constituindo estonteante constelação, afluíam à minha mente, e assim eu podia ver e sentir, como se fossem projeções reais, detalhes significativos: Epifânia diante de mim, a sorrir, a beijar-me, numa auréola de felicidade inaudita, entregando-se-me sem qualquer cautela nem subterfúgio. Eu a recebia de braços abertos, invadido de cruel satisfação pela dupla cumplicidade. As ilusões se desvaneciam e ao dar conta de mim, o Sol já não incidia no terraço, de maneira que fiquei mergulhado na sombra. Ouvi os passos curtos, leves e apressados de Epifânia, que retornava, e imediatamente me lembrei das palavras

que me sussurrara ao ouvido: — mais tarde nos veremos.

Envolveu-me um começo de vertigem. Epifânia, na varanda, aproximou-se de mim, tocando as suas faces nas minhas.

— Dei hipnótico ao coitado do velho. Daqui a pouco estará dormindo. Vai dormir o resto do dia. Creio que somente acordará amanhã — disse em voz baixa.

— Dose forte...

— Nem tanto, mas ele vai dormir muito, o médico recomendou. À noite, vem ver-me, preciso falar-te.

Que me aconteceria agora? Fronte álgida, respiração opressa, vista embaralhada... Nada a responder, do peito à garganta uma bolha ardente a subir, a subir. Epifânia teria percebido a minha perturbação, pois acrescentou, com uma ponta de malícia no olhar:

— Tu vens?

Limitei-me a mover a cabeça, afirmativamente. Dentro de mim, a resposta, muda, assinalava a vitória: — sim, virei, é claro que virei, querida.

— Posso esperar-te?

E como eu não dissesse qualquer palavra, Epifânia acentuou:

— Estarei no quarto do lado.

Afastou-se para o interior, deixando-me na penumbra da ansiedade. Aos poucos recuperei-me da espécie de alucinação que me atordoava, para contar as horas, minuto a minuto, segundo a segundo. E considerei, mais uma vez, que tio Leandro, caíra pelas pernas de Epifânia. Deixasse-as aos meus cuidados. Nessa mesma noite eu saberia apreciar as suas qualidades e poderia avaliar as suas possibilidades. O cair da noite surpreendeu-me barbeado, aliás, já me barbeara de manhã, fiel a velho hábito cultuado desde

o pespontar dos primeiros fios; o corpo amolecido num banho morno, reparador, envergando a roupa recém-chegada da lavanderia, lá me fui a espairecer ou, mais precisamente, a captar calma, inspiração, autoconfiança. A aventura criava-me alma nova, um gosto extraordinário à vida, uma concepção mais realista do amor. Privilegiado eu era, e tremia, prelibando a glória da preferência. Eu chegaria pisando de leve, cheio de cautela, atravessaria a sala, indo até o fim do corredor. Se tudo estivesse em silêncio, poderia arriscar-me. Estava disposto a isso. Mesmo porque tinha a certeza de que Epifânia se acercara de mim, horas antes, a princípio com ar de segredo, e logo depois, com interesse suspeito. À ideia de que ela me queria junto a si, incuti-me insólita coragem, de maneira que, impensada ou atrevidamente, me lancei ao perigo, ou melhor, ao pecado. Resoluto, avancei casa-a-dentro. O corredor às escuras; a porta do quarto do lado, entreaberta; facho de claridade estendido no chão. Aproximei-me em pontas de pés e espiei o interior. Deitada languidamente, na cama, sobre a colcha rósea, Epifânia parecia sacudir-se em soluços mal contidos. O vestido enrugara-se, descobrindo-lhe uma das pernas até o meio da coxa. Certificando-se de minha presença, ergueu-se de chofre, recompôs-se, veio ao meu encontro, impondo-me silêncio com o dedo nos lábios. Arrastou-me à sala.

— Foi bom teres vindo... conversemos aqui, ele dorme.

— Prometi.

— Obrigada, Altino, tu és um amor. Estava certa de que não deixarias de vir. Sabes? Vivo muito triste, amargurada.

— Por que?

— Sou uma infeliz!

Pressenti chegado o momento culminante da aventura. Ela ia dizer-me da sua desilusão, de sua raiva, do seu erro, do seu arrependimento em ter-se casado com o meu velho tio Leandro. Lamentar-se-ia amargamente, vendo a sua beleza a estiolar-se e a sua mocidade a perder-se entre quatro paredes, apenas por causa de um capricho. Epifânia expressaria os seus sobressaltos, as suas hesitações, o seu receio de envelhecer sem carinhos, perdendo o entusiasmo, a tranquilidade, a paz. Por tudo isso teria que pedir-me amor.

Epifânia ressuscitaria nos meus braços, eu ansiava por esse momento.

— Pedi que viesses. Tenho algo a dizer-te, Altino.

— E não vim?

— Obrigada. Vivo numa infinita tristeza. E como lamento! Oh! É horrível, ter o nome que tenho.

Pôs-se a chorar. As lágrimas corriam-lhe pelas faces, quais gotículas cintilantes. Inclinou a cabeça no meu braço, soluçando.

Por que me deram tal nome? É horroroso! Epifânia!

O seu nome talvez não fosse tão bonito; porém, ela era linda, de uma beleza realçada pelos cabelos negros e ondulados.

— Que é que tem de errado no nome? Se o nome civil de uma pessoa não é bonito, nenhuma relação tem com a beleza da alma. O que importa é a perfeição interior — elemento que completa a felicidade. O nome serve para identificar a pessoa, por isso dizia Cícero, — nome é designativo próprio e certo, — mas nem sempre faz a pessoa importante, respeitada e amada, e assim, é a pessoa, pelo seu valor e a grandeza de seus atos, que dignifica o seu nome, seja belo, ou menos belo, porque em verdade não há nome que se possa considerar feio, e não represente, para cada portador, inestimável patrimônio.

Assumi respeitosa atitude diante de Epifânia. Pela primeira vez senti vergonha de mim mesmo, e consciência das ínfimas dimensões do meu caráter, como se houvesse praticado nefanda traição. Vergonha imensa de haver trabalhado no subconsciente o amor impossível, incestuoso.

Pelo menos tive ânimo para dizer-lhe ainda:

— Epifânia é um nome bonito, quer dizer "aquela que veio de Reis".

Ela sorriu. Beijou-me na fronte.

— Como és bom, Altino.

Decorrida uma década continuo amargamente arrependido de minha leviandade para com Epifânia, embora ela jamais suspeitasse das intenções lascivas que alimentei...

Rinaldo Gissoni
Fundador da Academia de
Letras da Grande São Paulo

Conto transcrito do livro Dimensões Humanas, ed.de 1976.

Academia de Letras da Grande São Paulo (ALGRASP)
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255 – Santa Paula
CP.: 09521-520 – São Caetano do Sul – SP.
Tel.(55) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrassp@gmail.com

Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-69661-05-4
9 788569 661054